

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JOEL ERTHAL

**FUNÇÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS DAS ORAÇÕES RELATIVAS
EXPLICATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

PORTO ALEGRE

2017

JOEL ERTHAL

**FUNÇÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS DAS ORAÇÕES RELATIVAS
EXPLICATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – Área de Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Gramática e Significação

Orientador: Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi

PORTO ALEGRE

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Erthal, Joel
Funções semântico-discursivas das orações relativas
explicativas no português brasileiro escrito / Joel
Erthal. -- 2018.
110 f.
Orientador: Sergio de Moura Menuzzi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Relativas. 2. Explicativas. 3. Orações. 4.
Sintaxe. 5. Funcionalismo. I. Menuzzi, Sergio de
Moura, orient. II. Título.

JOEL ERTHAL

**FUNÇÕES SEMÂNTICO-DISCURSIVAS DAS ORAÇÕES RELATIVAS
EXPLICATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – Área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em: 08/02/2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Gabriel de Avila Othero
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Prof. Dr. Marcos Goldnadel
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir as idas e vindas a Porto Alegre e estar sempre comigo.

À minha família, por me ajudar na realização deste sonho, em especial à minha mãe, pelo auxílio e apoio nas horas boas e ruins.

Ao meu orientador, que desde antes da seleção se mostrou disponível, me iniciou “de verdade” nesse mundo gramatical, me guiou em várias discussões e apostou que eu iria dar o melhor de mim.

Às minhas professoras de graduação, que, quer como profes, orientadoras de pesquisa ou amigas, incentivaram minha continuação nos estudos.

A UCS e aos meus chefes e colegas de trabalho e amigos, por entenderem as ausências, se mostrarem compreensivos e apostadores no sucesso deste trabalho.

E ao Everton, que, com um pequeno ou grande gesto e de um modo inexplicável, consegue deixar o meu dia mais leve e feliz.

RESUMO

A presente dissertação objetiva analisar as orações relativas explicativas do português brasileiro, a partir de sentenças coletadas de textos de periódicos (jornais e revistas), verificando os possíveis usos e ‘comportamentos’ das orações explicativas, a fim de corroborar (ou não) o que a gramática tradicional diz sobre essas orações. Primeiramente, abordamos como as orações relativas são tratadas na gramática tradicional, ampliando essas definições logo em seguida. Depois, resenhamos um artigo de Loock (2007) sobre tipos de orações explicativas, que tomamos como base para nosso trabalho. Nos capítulos seguintes, elencamos os tipos de explicativas encontrados em nosso *corpus*, quais sejam: orações relativas explicativas continuativas, consecutivas, subjetivas, de relevância e informacionais. Ao tratar de cada um desses tipos de relativas, discutimos o emprego adequado da vírgula e a questão da supressibilidade da oração explicativa, pontos que são tidos como de importante distinção entre restritivas e explicativas na gramática tradicional. Concluimos, assim, que as orações explicativas são empregadas com diferentes funções, usos esses que se diferenciam das características tradicionalmente tidas como desse tipo de oração.

Palavras-chave: Relativas. Explicativas. Orações. Sintaxe. Funcionalismo.

ABSTRACT

The present dissertation aims to analyze the appositive relative clauses of Brazilian Portuguese, based on sentences collected from newspapers (journals and magazines), verifying the possible uses and ‘behaviors’ of the appositive clauses, in order to corroborate or not what the traditional grammar says about these clauses. Firstly, we discuss how relative clauses are treated in traditional grammar, extending these definitions immediately. Then, we review an article by Looch (2007) on types of appositive clauses that we take as a basis for our work. In the following chapters, we list the types of appositives clauses found in our corpus, namely: continuative, consecutive, subjectivity, relevance and informative appositive relative clauses. In dealing with each of these types of relatives, we discuss the proper use of the comma and the question of the suppressibility of appositive relative clauses, points that are taken as an important distinction between restrictive and appositive clauses in standard grammar. We conclude, therefore, that appositive relative clauses are employed with different functions, which are different from the characteristics traditionally considered of this type of clause.

Keywords: Relatives. Appositive clauses. Clauses. Syntax. Functionalism.

LISTA DE SIGLAS

CR	Constituinte Relativo
GT	Gramática Tradicional
NP	Nome Próprio
OP	Oração Principal
OR	Oração Relativa
ORE	Oração Relativa Explicativa
OREC	Oração Relativa Explicativa Continuativa
ORER	Oração Relativa Explicativa de Relevância
ORES	Oração Relativa Explicativa Subjetiva
ORR	Oração Relativa Restritiva
Pr	Pronome
SN	Sintagma Nominal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ORAÇÕES RELATIVAS NOS ESTUDOS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS	10
2.1 Definições preliminares	10
2.2 Relação com o antecedente	18
3 UMA TEORIA DAS FUNÇÕES DAS RELATIVAS EXPLICATIVAS: LOOCK (2007)	27
3.1 Orações relativas explicativas continuativas	28
3.2 Orações relativas explicativas subjetivas	31
3.3 Orações relativas explicativas de relevância	34
4 ANÁLISE FUNCIONAL DAS RELATIVAS EXPLICATIVAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO	42
4.1 Coleta do <i>Corpus</i>	42
4.2 Orações relativas explicativas continuativas e consecutivas	44
4.3 Orações relativas explicativas subjetivas	60
4.4 Orações relativas explicativas de relevância e informacionais	65
4.4.1 <i>Primeiro subtipo: apresentar uma propriedade inerente</i>	66
4.4.2 <i>Segundo subtipo: justificar a presença do antecedente</i>	71
4.4.3 <i>Terceiro subtipo: relativas informacionais</i>	76
4.4.4 <i>Relações entre os subtipos de OREs</i>	78
5 CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS CASOS DE ORAÇÕES EXPLICATIVAS ...	84
5.1 Interação entre OREs	84
5.2 ORE com travessão ou parêntese (e afins)	86
5.3 OR com antecedente frasal	90
5.4 OR com NP e SN definido	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE A – INFORMAÇÕES DAS SENTENÇAS COLETADAS DO <i>CORPUS</i> .	103

1 INTRODUÇÃO

Ninguém pode negar que as orações relativas (tradicionalmente conhecidas como orações subordinadas adjetivas) são constantemente utilizadas na linguagem, sendo um recurso importante, como tantos outros, para uma boa expressão, oral ou escrita.

Este trabalho, assim, visa ampliar o que entendemos sobre as orações relativas, dedicando atenção especial aos usos das orações explicativas.

Partimos do pressuposto de que uma oração relativa explicativa não é somente caracterizada como o faz a gramática tradicional, isto é, como uma informação acessória, dispensável (quase) sumariamente para a compreensão do texto em que foi empregada. Dessa maneira, buscamos analisar sentenças para esboçarmos os possíveis usos e ‘comportamentos’ das orações explicativas, a fim de corroborar (ou não) o que a gramática tradicional diz sobre essas orações.

Esta dissertação será uma análise qualitativa de *corpus*, pois partimos do princípio de que a análise da língua em uso é ferramenta indispensável para a correta interpretação dos fenômenos linguísticos. Cabe destacar, também, que este trabalho não é extensivo, isto é, não abarcará todos os tipos de relativas, mas filtrará os que, na verificação do *corpus*, mais se destacaram. Uma análise completa demandaria um *corpus* maior, talvez dividido por diferentes pronomes relativos (cada um analisado na sua particularidade).

No segundo capítulo do presente trabalho, tomamos alguns autores como base para caracterizarmos as orações relativas de modo geral, pontuando suas características e diferenças, além de frisar alguns aspectos importantes que são retomados nos capítulos seguintes. Aqui também montamos um organograma simples sobre os tipos de relativas que podem ser encontrados nos textos, a partir de alguns autores discutidos na seção. Ressaltamos que esta dissertação discutirá apenas as orações com antecedente expresso ou total ou parcialmente elíptico classificadas como explicativas.

No Capítulo 3, resenhamos um artigo de Loock (2007) que aborda tipos de orações relativas explicativas, aplicadas a um *corpus* do inglês coletado pelo autor. Loock (2007) estabelece três tipos de explicativas: as orações relativas continuativas, as de relevância e as subjetivas, mostrando suas características e suas diferenças, em especial com relação à questão da supressibilidade. Afinal, nem toda relativa explicativa é suprimível, como apontado pela tradição!

No capítulo seguinte, então, aplicamos as contribuições de Loock (2007) sobre as orações explicativas e as ampliamos, em nosso *corpus*, composto de sentenças recolhidas de

jornais e revistas, com a intenção de analisar (ao menos algumas) possibilidades de usos das explicativas no português brasileiro escrito. Dessa maneira, buscamos, inicialmente, verificar se o proposto por Looock (2007) para as explicativas em inglês é confirmado pelos usos das explicativas em português. Se necessário, pela variedade de ocorrências que encontramos em nosso *corpus*, argumentamos pela ampliação de certos conceitos, além de discutirmos casos que levantam questões para as categorias de análise de Looock (2007).

Antes de finalizarmos, dedicamos, no Capítulo 5, um espaço para algumas considerações a respeito de relativas com certas particularidades, que achamos interessante destacar: a interação entre relativas de tipos diferentes; orações com travessão e parêntese; orações com antecedente frasal; e orações tendo Nome Próprio (NP) como antecedente.

Feita toda essa explanação, chegamos às nossas conclusões, principalmente a de que os diferentes usos das explicativas proporcionam um conjunto muito maior, e mais interessante, de considerações do que as que ordinariamente se veem no estudo gramatical nas escolas. Além disso, concluímos também que as orações relativas explicativas não podem, jamais, ser tomadas como acessórias, como mero apêndice à oração principal, ou ainda como um simples comentário sobre o antecedente. Assim como qualquer outra construção da língua, se ela é usada, é porque possui alguma função sob a ótica do falante, logo há alguma razão discursiva para seu uso.

2 ORAÇÕES RELATIVAS NOS ESTUDOS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS

Antes de partirmos para o *corpus* e analisarmos as ocorrências de usos das orações relativas explicativas (OREs), nos capítulos seguintes, e antes ainda de discutirmos como essas orações são utilizadas em nossa língua, julgamos necessário verificar como alguns renomados gramáticos e estudiosos tratam desse assunto, além de abordar alguns conceitos importantes relacionadas às orações relativas (ORs).

2.1 Definições preliminares

Tendo em vista que as chamadas gramáticas tradicionais são, ainda, ponto de partida para o ensino de português, ao menos para muitas escolas do Brasil, trazemos, inicialmente, diferentes gramáticas, de diferentes autores, a fim de verificar como eles abordam as *orações subordinadas adjetivas*. Os autores e obras analisados são os seguintes:

- a) *Gramática essencial ilustrada*, de Luiz Antonio Sacconi (1994);
- b) *Curso prático de gramática*, de Ernani Terra (1996);
- c) *Gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves (2000);
- d) *Moderna gramática brasileira*, de Celso Pedro Luft (2002);
- e) *Minigramática*, de Ernani Terra (2002);
- f) *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2007);
- g) *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (2008);
- h) *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (2009);
- i) *Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba Teixeira de Castilho (2010);
- j) *Gramática do português brasileiro*, de Mário Alberto Perini (2010);
- k) *Nossa gramática completa Sacconi*, de Luiz Antonio Sacconi (2010);
- l) *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de José Carlos de Azeredo (2012).

Como se vê, incluímos textos em nossa base bibliográfica que podemos agrupar em três distintas categorias: as gramáticas de divulgação (Sacconi 1994 e 2010, Terra 1996 e 2002, Luft 2002 e Cegalla 2008), as gramáticas de filólogos (Cunha e Cintra 2007, Bechara 2009 e Azeredo 2012) e as gramáticas de linguistas (Neves 2000, Castilho 2010 e Perini 2010). Julgamos que as primeiras tenham mais caráter ‘tradicional’ do que as últimas. Essas

diferentes abordagens impactam em algumas explicações sobre as relativas, como veremos ao longo desta seção.

Nessas gramáticas, os autores definem as orações subordinadas adjetivas como aquelas que exercem a função sintática de adjunto adnominal, comumente própria do adjetivo (TERRA, 1996, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008; BECHARA, 2009; SACCONI, 2010). Luft (2002) explica que a função de adjunto adnominal é exercida pela oração adjetiva somente quando não há pausa (ou seja, quando é restritiva), exercendo função de aposto quando contém pausa (quando é classificada como explicativa).

De acordo com Perini (2010, p. 191, grifo do autor), “[a]s estruturas relativas têm como função focalizar um dos elementos internos d[a] oração – que então se diz **relativizado** – a fim de fazer alguma afirmação sobre ele”¹. Para Peres e Móia² (2003, p. 273), “Como claramente dá a entender o epíteto ‘adjetivas’ [em ‘orações subordinadas adjetivas’], as orações em causa permitem introduzir no discurso uma qualificação – ou, se quisermos, uma predicação – acerca de uma ou mais entidades envolvidas na referência desse discurso.”

Conforme as referidas gramáticas, as orações adjetivas são marcadas pela presença de pronome relativo (SACCONI, 1994, 2010; TERRA, 1996, 2002; NEVES, 2000; LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008; CASTILHO, 2010; PERINI, 2010; AZEREDO, 2012) – daí serem também chamadas *orações relativas*.

Os pronomes relativos considerados neste trabalho foram os indicados por Neves (2000, p. 366-373), que assim se pronuncia sobre cada um deles³, conforme disposto no Quadro 1:

Quadro 1 – Pronomes relativos

(continua)

Pr.	Referente a	Tipo
<i>que</i>	peças e coisas	com antecedente
<i>qual</i>	peças e coisas	com antecedente
<i>quanto</i>	peças e coisas (indicador de quantidade indefinida)	com antecedente (‘tanto(s)’, ‘todos’, ‘tudo’) ou sem antecedente (= ‘tanto(a/s)/todos quanto(a/s)’)

¹ Depreendemos do texto de Perini que ele está utilizando os termos “focalizar” e “fazer uma afirmação sobre” não no sentido das teorias correntes sobre foco, tópico, comentário – em que “foco” é a ‘informação nova’ de um enunciado, e “fazer uma afirmação sobre” é frequentemente interpretado como ‘fazer uma asserção sobre’, o que novamente se refere à informação nova. (Ver, por exemplo, Lambrecht, 1994.)

² O livro desses autores não foi mencionado na listagem citada anteriormente por ele não ser propriamente uma “gramática”. Além disso, utilizamos esse trecho na presente seção apenas para complementar a discussão.

³ Discutiremos a possibilidade de alguns pronomes relativos terem ou não antecedente na próxima seção.

(conclusão)

Pr.	Referente a	Tipo
<i>cujo</i>	peças e coisas (caso genitivo: = ‘do qual/de quem’)	com antecedente
<i>quem</i>	peças	com ou sem antecedente
<i>onde</i>	lugar	com ou sem antecedente
<i>como</i>	modo	com antecedente especial (‘modo’, ‘maneira’, ‘forma’) ou sem antecedente (= ‘o modo como/a maneira como/a forma como’)

Fonte: adaptado de Neves (2000, p. 366-373).

Alguns autores destacam as funções sintáticas que os pronomes relativos podem exercer quando encabeçam uma OR: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal, agente da passiva e adjunto adverbial (TERRA, 1996, 2002; BECHARA, 2009; AZEREDO, 2012), além de aposto e vocativo (CUNHA, CINTRA, 2007). Outras funções ainda são citadas por Neves (2000) e Castilho (2010). Abaixo, alguns exemplos retirados de Terra (2002, p. 336-337), tanto de orações restritivas como de explicativas:

(1) **Sujeito**

“O Sol, / **que** é uma estrela, / é o centro de nosso sistema planetário.
(**que** substitui **o Sol**. → **O Sol** é uma estrela. → **O Sol**: sujeito.)”

(2) **Objeto direto**

“Os trabalhos / **que** faço / me dão prazer.
(**que** substitui **os trabalhos**. → Faço **os trabalhos**. → **os trabalhos**: objeto direto.)”

(3) **Complemento nominal**

“O filme / **a que** fizeram referência / foi premiado.
(**que** substitui **o filme**. → Fizerem referência **ao filme**. → **ao filme**: complemento nominal.)”

(4) **Adjunto adverbial**

“A cidade / **em que** moro / é bastante tranquila.

(**que** substitui **a cidade**. → Moro **na cidade**. → **na cidade**: adjunto adverbial.)”

Tradicionalmente, as orações relativas são classificadas em *orações relativas restritivas* (ORRs) ou *orações relativas explicativas* (= não restritivas), como se vê em Sacconi (1994, 2010), Terra (1996, 2002), Neves (2000), Luft (2002), Cunha e Cintra (2007), Cegalla (2008), Bechara (2009) e Azeredo (2012). Terra (2002), Cunha e Cintra (2007) e Castilho (2010) dizem que essa classificação é “quanto ao sentido”, isto é, possivelmente quanto a aspectos semânticos e/ou pragmáticos das relativas.

Conforme Henriques (2009, p. 129-165), destaca-se que o Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, datado de 1957, não propunha a divisão das orações subordinadas adjetivas em tipos diferentes – isto é, a divisão entre restritivas e explicativas –, o que veio a ocorrer somente com a publicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira em 1959, após reexame e análise de contribuições propostas.

As *orações subordinadas adjetivas restritivas* são apresentadas como aquelas orações que restringem a significação do termo a que se referem (TERRA, 1996, 2002; SACCONI, 1994, 2010; NEVES, 2000; LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008; CASTILHO, 2010). Ou seja, normalmente trazem uma característica não inerente da classe denotada pelo substantivo – isto é, que *não* se aplica a todo o universo de referentes abarcados (ou possíveis de serem abarcados) pelo antecedente (TERRA, 1996, 2002; SACCONI, 1994), e que por isso pode delimitar um subconjunto desse antecedente, que assim fica restringido exatamente pela informação contida na oração relativa (NEVES, 2000; AZEREDO, 2012).⁴ Por exemplo, se dizemos “Os homens são sábios”, o sintagma ‘Os homens’ abarca a totalidade de referentes possíveis de serem denotados por ‘homem’, ou seja, nesse caso, todas as pessoas da Terra. Agora, se outro diz “Os homens que estudam são sábios”, dentre a totalidade expressa por ‘Os homens’, somente um subconjunto deles, ‘os que estudam’, é que ‘são sábios’ – a OR restringe o(s) referente(s) do antecedente.

⁴ Por outro lado, como veremos no Capítulo 4 do presente do trabalho, quando uma relativa traz uma característica inerente do referente do antecedente, ela será explicativa. Compare:

- (a) ???Os homens que são bípedes são sábios. [frase anômala, afinal, ‘todos os homens são bípedes’, o que, portanto, não cabe ser expresso numa oração restritiva]
- (b) Os homens, que são bípedes, sofreram várias adaptações biológicas até assumirem a posição ereta.

Azeredo (2012, p. 316, grifos do autor) exemplifica esse tipo de oração com a sentença “O cachorro que avançou no carteiro está solto”, explicando que a importância da oração restritiva “[...] na interlocução consiste em contribuir para delimitar o raio de referência do antecedente; por meio da oração adjetiva especifica-se o *cachorro (que avançou no carteiro)* e se aduz uma informação pertinente para a informação contida no predicado da oração maior (*está solto*)”.

Essas orações são consideradas, assim, indispensáveis ao sentido da sentença (LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008; SACCONI, 2010) e se caracterizam por não haver pausa entre a oração principal (OP) e a oração relativa e não aceitam, portanto, o uso de vírgula (SACCONI, 1994; LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008; BECHARA, 2009). Cegalla (2008, p. 392) comenta que “Há, no entanto, autores que, mesmo neste caso, usam vírgula”.

Além disso, Neves (2000, p. 377) afirma que as orações restritivas envolvem uma pressuposição, que pode ser de dois tipos: (a) factual, como em “O médico QUE dera o atestado chamava-se Pedro M. Silva”, que pressupõe “O médico dera o atestado”; ou não factual/hipotética, como em “Ganha aquele QUE fizer menos erros psicológicos”, que pressupõe “Ele ganha SE fizer menos erros psicológicos” – embora, no último caso, não seja muito claro em que sentido se trata de uma ‘pressuposição’⁵.

Por sua vez, as *orações subordinadas adjetivas explicativas* – que serão o tema específico de nosso estudo – são comumente tratadas como o oposto das restritivas, ou seja, elas *não* restringem a significação do nome. Muitos estudiosos comentam que as explicativas, por outro lado, acrescentariam uma característica que é própria do elemento a que se referem (TERRA, 1996, 2002; CEGALLA, 2008) ou esclareceriam uma informação que se aplica ao conjunto dos elementos referidos pelo antecedente (TERRA, 1996, 2002; NEVES, 2000). Especialmente nesse último caso, deduz-se que, precisamente por veicular informação que se aplica a toda a classe denotada pelo nome, não poderia ter função ‘restritiva’. Assim, alguns autores afirmam que essas orações expressam uma informação/qualidade acessória, com a função de esclarecer a significação do antecedente (NEVES, 2000; CUNHA, CINTRA, 2007). De acordo com Azeredo (2012, p. 319-320),

⁵ Um dos testes de pressuposição é a preservação da proposição no caso de negação da frase (ver Chierchia (2003) e Cançado (2012)). Por exemplo, em “Não é verdade que o médico que dera o atestado se chamava Pedro”, a inferência “O médico dera o atestado” permanece. Mas em “Não é verdade que ganha aquele que fizer menos erros” a inferência “A pessoa ganha se fizer menos erros” não permanece.

[...] [O] conteúdo da oração adjetiva [explicativa] não contribui para essa identificação [do referente] [...] as informações contidas nas orações adjetivas [explicativas] [...] são irrelevantes para o leitor ou ouvinte saber a quem os sintagmas nominais [...] se referem, visto que o conhecimento da realidade partilhado pelos interlocutores assegura, em cada caso, a identificação do respectivo referente.

Sacconi (1994, 2010) afirma que as OREs modificam um termo de sentido amplo e genérico, embora nos pareça estranho o uso de ‘modificar’ nesse contexto: a explicativa costuma ser retratada como uma informação extra e não altera informação pertinente à identificação do antecedente (que é papel da restritiva). Inclusive as orações explicativas costumam ter como antecedente Nomes Próprios, que são termos de sentido estrito e específico, o que também será explorado nesta dissertação.

A marca predominante desse tipo de oração é vir separada por vírgula, conforme apontado por Sacconi (1994, 2010), Terra (1996, 2002), Neves (2000), Luft (2002) e Cegalla (2008), o que marca a presença de uma pausa na fala (LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008; BECHARA, 2009; SACCONI, 2010), além de mudança de tom (LUFT, 2002). Esse tipo de oração relativa exerceria função semelhante à do aposto (SACCONI, 1994, 2010; LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008; CASTILHO, 2010; AZEREDO, 2012).

Tendo em vista essas características, nas palavras de Luft (2002, p. 84), as orações subordinadas explicativas “[p]odem ser eliminadas sem prejuízo do sentido. Sua função é antes estilística: ênfase, reforço, etc.”. Sacconi (2010, p. 407) segue na mesma linha ao afirmar que sua “omissão não acarreta nenhum prejuízo lógico ao enunciado, mas pode acarretar grave prejuízo estilístico”. Cunha e Cintra (2007, p. 618) também argumentam que as orações explicativas “não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase”, assim como Bechara (2009, p. 467), ao justificar que, “por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo de sentido”.

Por outro lado, Castilho (2010) e Neves (2000) não consideram precisamente a informação da oração explicativa como ‘acessória’, mas mais como um ‘comentário’, uma ‘informação (extra) acerca do antecedente’. Entendemos que isso marca o ponto mais interessante sobre as orações explicativas: elas são uma informação acessória e, portanto, descartável, como dizem as gramáticas de divulgação e os filólogos, ou estão mais para um comentário, isto é, tem/podem ter seu valor no contexto, como abordam os linguistas? Essa dissociação é o cerne de estudo deste trabalho.

Importa analisar, também, que podemos considerar a expressão (amplamente utilizada) “sem prejuízo de sentido” como “sem prejuízo para a identificação do referente”: a explicativa, por suas características, não contribuiria para a identificação do referente, que já está definido de outra maneira (seja contextualmente, anaforicamente, etc.) – se esse for o entendimento dessa expressão, não está incorreto dizer que a supressão da relativa explicativa não prejudica o entendimento da sentença. A despeito disso, tomamos o uso dessa expressão, ao menos nas gramáticas de divulgação e de filólogos, em seu sentido mais amplo (algo como “sem prejuízo de informação”).

Ainda sobre a distinção entre restritivas e explicativas, considerando como exemplo as sentenças “O jornal **que ainda ninguém leu** está ali.” e “O jornal, **que ainda ninguém leu**, está ali.”, Sacconi (2010, p. 407, grifos do autor) explica: “[n]a primeira frase, estamos tratando de um jornal que ainda ninguém leu (sentido restrito do termo **jornal**); na segunda, tratamos apenas de um jornal, termo usado em seu sentido amplo.”, isto é, ‘tomado na totalidade, sem restrições, um jornal comum/padrão/normal, sem nada de característica diferencial’.

Em se tratando dos conteúdos expressos pelas relativas, além do já exposto, Azeredo (2012, p. 321, grifos do autor) argumenta que “[a]s orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de **causa, concessão, condição, finalidade, resultado** [...]”, ou seja, as ORs podem expressar vários valores de sentido. Tal o é que Castilho (2010, p. 371, grifos do autor) acrescenta outros dois tipos de relativas:

Restritivas Finais

Quando agregam uma noção de finalidade à adjetiva, trazendo o verbo no subjuntivo:

(90) Mandou retirarem seus sapatos enlameados, **que não sujassem sua sala**.

Restritivas Causais

Quando agregam uma noção de causalidade à adjetiva:

(91) O cão, **que é amigo fiel**, vigiou a casa durante toda a noite.

Embora esses exemplos de Castilho nos soem estranhos da maneira como foram retratados pelo autor (a sentença (91) nos parece ser mais uma oração explicativa do que restritiva), eles são importantes na medida em que mostram em Castilho uma abertura para retratar outros sentidos que as relativas expressam, como também faz Azeredo.

Esse último autor ainda comenta que algumas das orações explicativas, embora caracterizadas como não contribuindo para a identificação do referente (possíveis, assim, de serem eliminadas), podem ser discursivamente importantes para o entendimento da sentença,

como em seu exemplo “Meu primo, *que conhece bem esta cidade*, pode nos servir de guia. (= já que conhece bem esta cidade)”, em que a relativa apresenta um valor causal (AZEREDO, 2012, p. 321, grifo do autor). Ou seja: nessa observação podemos ver a sugestão de que, na verdade, as explicativas podem ter um papel mais significativo para o discurso. A análise que desenvolveremos vai nessa linha, como o leitor verá nos próximos capítulos: para além da distinção restritiva *versus* explicativa, que outras funções as relativas (no caso presente, as explicativas) apresentam.

Como notamos na discussão precedente, parte das considerações relativas às funções das relativas dizem respeito à natureza dos termos que elas modificam. Assim, observam os gramáticos, de modo geral, que a oração adjetiva modifica um “termo de natureza substantiva” (SACCONI, 2010, p. 406), isto é, um nome/substantivo (TERRA, 1996, 2002; LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008) ou pronome (LUFT, 2002; CUNHA, CINTRA, 2007; CEGALLA, 2008) presente na OP.

Neves (2000, p. 376, grifos da autora) acrescenta que o antecedente da oração restritiva “[...] não pode ter unidade referencial. Assim, ele nunca é constituído por uma palavra com função identificadora, como o **nome próprio** e os **pronomes** de primeira e de segunda pessoas: **Pedro M. Silva QUE dera o atestado era médico*. Por sua vez, ainda segundo a autora (p. 377), o antecedente da oração explicativa, “[...] que já está delimitado independentemente dela, pode referir-se não apenas a um conjunto [...], mas ainda a um indivíduo único, como em *Pedro M. Silva, QUE dera o atestado, era médico*.” Azeredo (2012, p. 320) complementa explicando que,

[c]ontudo, em expressões do tipo *o Rio de Janeiro daquele tempo, o Alencar dos romances indianistas*, o nome próprio vem modificado por expressão de valor restritivo, que distingue o Rio de Janeiro em várias épocas ou mais de um romancista, conforme o gênero ou estilo, em um só autor. Nestes casos, o nome próprio vem determinado por artigo definido ou pronome demonstrativo, e a oração adjetiva que o modifica tem valor restritivo:

O Rio de Janeiro *que mostraram ao Papa* era uma terra de paz.

Por fim, Castilho (2010, p. 371, grifos do autor) deixa uma questão no ar: “[...] que função adicional as adjetivas desempenhariam, considerando-se que as línguas já dispõem de adjetivos e de expressões adjetivais para especificar o sentido do sintagma nominal?”. Ao comparar os exemplos (a) “Vi um vestido **vermelho**”, (b) “Vi um vestido **de tecido vermelho**” e (c) “Vi um vestido **que era feito de tecido vermelho**”, o autor (2010, p. 371) comenta que “[...] a adjetiva predica o sintagma nominal de modo mais complexo, identificando seu referente como ‘participante de um estado de coisas’ (Dik, 1997: 23-92).

Além do mais, através das adjetivas o falante aplica a esse sintagma a categoria de tempo, não encontrada no adjetivo ou nos adjetivais.” Presumimos que estas observações de Castilho implicam a sugestão de que estas diferenças entre adjetivos e orações adjetivas – restritivas, no caso – sugerem que o papel das relativas vai além da mera ‘restrição’, possivelmente incluindo efeitos adicionais. Lamentavelmente, embora essa seja uma possibilidade real, Castilho não a desenvolve.

Em resumo, ao analisar nosso *corpus*, baseados no que foi exposto até agora neste trabalho sobre as orações relativas, consideramos que

a) uma oração relativa restritiva (ORR) deve satisfazer os seguintes critérios⁶:

- normalmente, não se separa por vírgula ou pausa da oração principal (embora alguns poucos usem vírgula também nesse caso);
- restringe a significação do termo a que se refere, ou seja, traz uma característica que não se aplica a todos os elementos que compõem o conjunto expresso pelo seu antecedente, mas, na verdade, delimita um subconjunto desse antecedente (que está restringido pela informação contida na oração relativa) – depende-se, assim, da oração restritiva para identificar o referente;
- é indispensável ao sentido da sentença, não podendo ser removida sem perda de sentido;

b) e que uma oração relativa explicativa (ORE) possui as seguintes características:

- normalmente, vem separada por vírgula, o que marca a presença de uma pausa na fala;
- não restringe a significação do nome;
- expressa uma informação acessória, isto é, extra, complementar, podendo ser removida sem prejuízo de sentido – em outras palavras, sem prejuízo para a identificação do referente.

2.2 Relação com o antecedente

Algo não mencionado explicitamente em várias gramáticas é que uma OR pode ou não ter antecedente expresso. As sentenças (5-10) a seguir são as relativas que conhecemos, as comumente trabalhadas nas escolas, ou seja, elas contêm um antecedente realizado

⁶ Nos dois casos, o critério (a) é formal, critério amplamente utilizado para classificação das relativas, como vimos nesta seção. Os demais são de caráter semântico/pragmático.

morfofonologicamente; por outro lado, as sentenças (11-14), também ORs, mas que não possuem antecedente (isto é, o antecedente é um elemento vazio), são dificilmente mencionadas como sendo uma orações relativas.

- (5) “Ela disse que eu fiz coisas revoltantes que provavelmente não são publicáveis.”
(CEREJA; MAGALHÃES, 2002, p. 65, grifo nosso)
- (6) “A criança que é ingênua deve ser mais orientada sobre violência familiar.”
(CEREJA; MAGALHÃES, 2002, p. 66, grifo nosso)
- (7) “Os alunos maiores, que participarão do passeio, terão aula no sábado.”
(CEREJA; MAGALHÃES, 2002, p. 68, grifo nosso)
- (8) OC028 | T011 | IstoÉ, 29 dez. 2004⁷
Roberto Carlos tem superstições – como usar azul e só sair pela mesma porta que entrou –, mas não segue rituais.
- (9) OC048 | T020 | Veja, 27 out. 2004
Pela teoria einsteiniana, tudo no universo é relativo – com exceção da velocidade da luz, que é absoluta.
- (10) OC089 | T037 | Folha de São Paulo, 20 out. 2004
O desfile de hipocrisias nas adjacências do tratado se agrava quando se consideram os países que mantêm a bomba extra-oficialmente: Israel, Índia e Paquistão, que jamais aderiram ao acordo.
- (11) “Quem dá aos pobres empresta a Deus.”
(NEVES, 2000, p. 366, grifo nosso)

⁷ Os exemplos (8-10) foram retirados do *corpus* que coletamos. Daqui por diante, frases identificadas com esse padrão (OCxxx | Txxx | Periódico, data) indicam terem sido retiradas do *corpus* utilizado para as análises desta dissertação. Para mais detalhes, veja a seção 4.1.

(12) “Onde há fumo [= fumaça] há fogo.”

(PERES; MÓIA, 2003, p. 277, grifo nosso)

(13) “Convidamos quem você mencionou.”

(MEDEIROS JUNIOR, 2014, p. 6, grifo nosso)

(14) “Os organizadores da regata ainda davam os últimos retoques nas instalações à volta do porto quando a frota desembarcou.”⁸

(FERREIRA, 2007, p. 10, grifo nosso)

As orações relativas dos exemplos (11-14), conforme Ferreira (2007, p. 1-2), “[...] têm cumulativamente a propriedade de estarem associadas a um antecedente nulo e de coincidirem superficialmente com um sintagma nominal (eventualmente encaixado num sintagma preposicional).” Como resumem Peres e Mória (2003, p. 277), “[...] a realização lexical de um antecedente não é condição indispensável para a formação de orações relativas [...]”

O que caracteriza essas orações como relativas é o fato de que podemos recuperar as entidades de que estamos falando (se de pessoas, lugares, etc.). Para exemplificar, em (15) trazemos exemplos mencionados por Ferreira (2007, p. 5-6, grifos da autora), com sua respectiva versão com antecedente (isto é, com estruturas nominais realizadas que desempenham o papel de antecedente da OR) em (16):

(15)

a. Quem está sentado naquela bancada é adepto do clube da casa.

b. Aqui tens o que me encarregaste de comprar.

c. Encontro-me onde é mais seguro pernoitar.

d. Todos se calaram quando eu entrei.

e. Ele trabalha como o pai o ensinou (a trabalhar).”

⁸ O relativo ‘quando’, embora presente em ORs, não foi estudado neste trabalho (isto é, frases contendo ‘quando’ como constituinte relativo não compuseram nosso *corpus*) por termos seguido a lista de pronomes relativos estipulada por Neves (2003), conforme vimos na seção anterior.

(16)

- “a. As **peessoas** que estão sentadas naquela bancada são adeptas do clube da casa.
- b. Aqui tens as **coisas** que me encarregaste de comprar.
- c. Encontro-me no **sítio** onde é mais seguro pernoitar.
- d. Todos se calaram no **momento** em que eu entrei.
- e. Ele trabalha do **modo** como o pai o ensinou (a trabalhar).”

Não tendo antecedente, a OR sempre será restritiva, o que equivale a dizer, em oposto, que uma oração relativa explicativa sempre terá antecedente⁹. As ORRs sem antecedente são também conhecidas como *orações relativas livres*. Não as estudaremos no presente trabalho; aqui levaremos em conta apenas as ORs com antecedente, que pode estar expresso ou elíptico e pode ser uma estrutura nominal ou uma estrutura frasal – como veremos mais na sequência.

Entre as relativas sem antecedente expresso (exemplos (11-14)) e as com antecedente expresso (exemplos (5-10)) existe um terceiro tipo, intermediário: as chamadas orações relativas com antecedente total ou parcialmente elíptico¹⁰. Veja os exemplos de Ferreira (2007, p. 28, grifos da autora):

(17)

- “a. Detesto cobras. **Uma** que vi no Jardim Zoológico a semana passada impressionou-me particularmente.
- b. Estrearam três peças de teatro nesta sala de espectáculos em 2005. Vi apenas **a** que se baseia numa obra de Molière.
- c. Dos vários actores premiados, **aquele** que recebeu a maior ovação é sem dúvida o responsável pela interpretação mais impressionante.”

Conforme essa autora (2007, p. 28-29), nesse tipo de oração relativa,

o antecedente nominal das orações relativas (sublinhadas) é elíptico e definido anaforicamente, isto é, é definido textualmente a partir de uma expressão anterior. [...] os determinantes (artigos ou demonstrativos) que precedem a oração relativa

⁹ Expresso ou elíptico, como veremos adiante.

¹⁰ Sobre a nomenclatura desse tipo de oração relativa, também conhecida simplesmente como ‘orações relativas com antecedente elíptico’, ‘orações relativas associadas a elipse nominal’ ou ainda como ‘semilivres’, veja discussão em Ferreira (2007).

fazem parte do antecedente desta; assim, a relativa tem uma parte do seu antecedente não realizada (a expressão nominal nuclear) e uma parte realizada (o determinante) [...]

Não entraremos na discussão de Ferreira sobre a semelhança entre esses três subtipos de orações relativas. Interessa-nos aqui apenas a distinção entre sem antecedente e com antecedente elíptico, visto que essas últimas também estão no *corpus* a ser analisado. A título de conhecimento, Ferreira (2007, p. 47-48), após sua análise, aponta que

[...] a única característica que parece diferenciar as orações relativas que temos vindo a analisar [isto é, as com antecedente elíptico] das orações relativas com antecedente exposto é o facto – extrínseco à oração relativa propriamente dita – de o seu antecedente ser um elemento elíptico. Note-se, aliás, que geralmente é possível construir pares de estruturas equivalentes, com o nome elidido e com o nome não elidido:

- (105) a. Dos vários actores, o que recebeu a maior ovação é o meu favorito.
 b. Dos vários actores, o actor que recebeu a maior ovação é o meu favorito.
 Nos outros aspectos, estas orações têm comportamento semelhante, [...].

A grande distinção entre as orações relativas livres e as com antecedente elíptico é que nas últimas vê-se claramente que, com a ajuda do contexto (o qual se torna indispensável para a análise dessas orações, portanto), pode-se inserir uma estrutura nominal entre os elementos, o que não ocorre nas livres. Nessas, é necessário ‘rearranjar’ a sentença para que haja a versão com antecedente, o que, obviamente, é diferente do que ocorre na oração com antecedente elíptico, em que o antecedente foi apenas elidido/removido. Podemos reescrever os exemplos de Ferreira retratados em (17) como (18):

(18)

- a. Detesto cobras. **Uma cobra** que vi no Jardim Zoológico a semana passada impressionou-me particularmente.
 b. Estrearam três peças de teatro nesta sala de espectáculos em 2005. Vi apenas **a peça de teatro** que se baseia numa obra de Molière.
 c. Dos vários actores premiados, **aquele ator [premiado]** que recebeu a maior ovação é sem dúvida o responsável pela interpretação mais impressionante.

Exemplos retirados de nosso *corpus* estão expostos abaixo:

(19) OC450 | T185 | Zero Hora, 30 out. 2004

Que país é esse, o das pessoas que não desistem nunca, o **das** que superam todas as perdas matando o golpe no peito e seguindo adiante, o **das** que não desperdiçam tempo remoendo o que deu errado porque estão mais interessadas nas cenas dos próximos capítulos? Será que eu sou dessa raça? Você é?

(20) OC467 | T191 | Zero Hora, 11 dez. 2004

Um dos slogans mais célebres **daqueles** que cobriram as ruas de Paris nesses dias era exatamente o “não confio em ninguém com mais de 30”.

Esse tipo de oração pode tanto ter valor restritivo, como é o exemplo dos casos até aqui mostrados, como valor explicativo. Para exemplificar esse último, recorremos novamente a um exemplo de Ferreira (2007, p. 59):

(21) “Nos últimos dez anos, com os progressos da tecnologia vídeo e do processamento de imagens por computador, tornou-se possível fazer filmes como **estes** [filmes], que mostram a vida das células nos seus mais ínfimos pormenores.”

Por fim, em relação às ORs que possuem antecedente, tomamos Peres e Mória (2003, p. 274) para distinguir duas subclasses de orações relativas a depender da forma de seu antecedente: quando este é uma estrutura nominal, estamos diante de uma “oração relativa de nome”, como em (22); sendo o antecedente uma estrutura frasal, temos uma “oração relativa de frase”, como em (23-24).

(22) “O médico que operou a Ana formou-se em Coimbra.”

(PERES; MÓIA, 2003, p. 284, grifo nosso)

(23) “A operação de Ana foi um êxito, o que muito nos alegrou.”

(PERES; MÓIA, 2003, p. 284, grifo nosso)

(24) OC407 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005

Os parlamentares, em boa parte, também contribuíram para reforçar a imagem de um Congresso onde vale tudo – de negociação de cargos à troca de partido

na noite da votação a favores e benesses incompatíveis com a ética, o que é deplorável.

Tanto em (23) como em (24) vemos que a oração relativa faz um comentário sobre toda a sentença anterior, que é seu antecedente. Nesses casos, ou seja, quando o antecedente de uma OR é uma estrutura frasal, estaremos diante de uma oração relativa explicativa. Discutimos os exemplos de relativas com antecedente frasal presentes em nosso *corpus* de maneira especial na seção 5.3.

Com relação às orações relativas de nome, podemos ter também, conforme Peres e Mória (2003), situações em que a estrutura nominal que está servindo de antecedente para a OR desempenha, na OP, a função de aposto, o que sugere, portanto, que a oração relativa está encaixada no aposto da oração principal. Veja os exemplos:

(25) “O Paulo ofereceu à namorada um exemplar de *Uma abelha na chuva*, romance que muito aprecia.”

(PERES; MÓIA, 2003, p. 275, grifo nosso)

(26) OC049 | T020 | Veja, 27 out. 2004

Falar em Leonardo significa falar do Renascimento – um período que os historiadores não se cansam de reinterpretar.

(27) OC224 | T091 | Jornal do Brasil, 20 out. 2004

Pressupôs a ausência de ressentimentos, estratégia que permitiu aos brasileiros voltar a respirar a democracia ampla e irrestrita.

Esse aposto pode ter relação com uma estrutura nominal¹¹, como nos exemplos acima (“oração relativa de aposto de nome”), ou uma estrutura frasal (“oração relativa de aposto de frase”), como em (28-29):

(28) “Paradoxalmente, escreve o jornal La Vanguardia, de Barcelona, o país mais belicosamente contrário à droga é aquele que fabrica e exporta a maioria dos componentes químicos absolutamente necessários para a sua confecção, prática

¹¹ Não confundir com o ‘aposto’ em si: na frase (25), a oração relativa tem como antecedente ‘romance’, que, por sua vez, retoma ‘*Uma abelha na chuva*’, uma estrutura nominal.

(esta) que lhe traz fortes ingressos bancários. Estamos a falar dos Estados Unidos da América.”

(PERES; MÓIA, 2003, p. 343, grifo nosso)

(29) OC292 | T121 | Jornal do Brasil, 05 jan. 2005

Também ficou sempre um tanto à sombra da biografia do escritor [Torquato Neto], cineasta e homem-inquietação que se matou no dia em que completou 28 anos, em 1972, depois de várias internações em sanatórios por conta do alcoolismo. Distorção que se desfaz com o lançamento, pela Rocco, dos dois volumes de Torquatália, reunião da obra completa de Torquato, que tem lançamento pomposo na terça-feira, em uma noite tropicalista no Parque Lage, com leituras dos textos de Torquato, Waly Salomão e Hélio Oiticica.

Sobre as relativas de aposto, importa um comentário de Câmara (2015, p. 139):

(4) [...] E a noite segue no Sarau com o Rock in Roll dos Paralamas do Sucesso. Na apresentação, clássicos se misturam a faixas do recente “Brasil Afora” (2009), álbum que originou a última turnê. [...]

Em *álbum que originou a última turnê* realmente não é possível omitir *que originou a última turnê*, pois é justamente a relativa restritiva que especifica o núcleo *álbum*; sem essa informação, o ouvinte não constrói uma imagem mental do referente. A agramaticalidade de **Na apresentação, clássicos se misturam a faixas do recente ‘Brasil Afora’ (2009), álbum*, advinda da omissão da relativa, explica-se pelo fato de a palavra *álbum* não ser, nesse contexto, suficiente para constituir um enunciado independente, e não pelo estatuto da relativa restritiva, que, por ser modificador, não é um constituinte obrigatório.

Veja uma comparação, a partir de exemplo de Peres e Móia (2003, p. 274, grifo dos autores), em que o primeiro caso é de uma oração relativa de sentença e o segundo é de uma oração relativa (de nome) de aposto de frase:

(30) “Os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas, o que constitui um facto muito positivo.”

(31) “Os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas, facto que é muito positivo.”

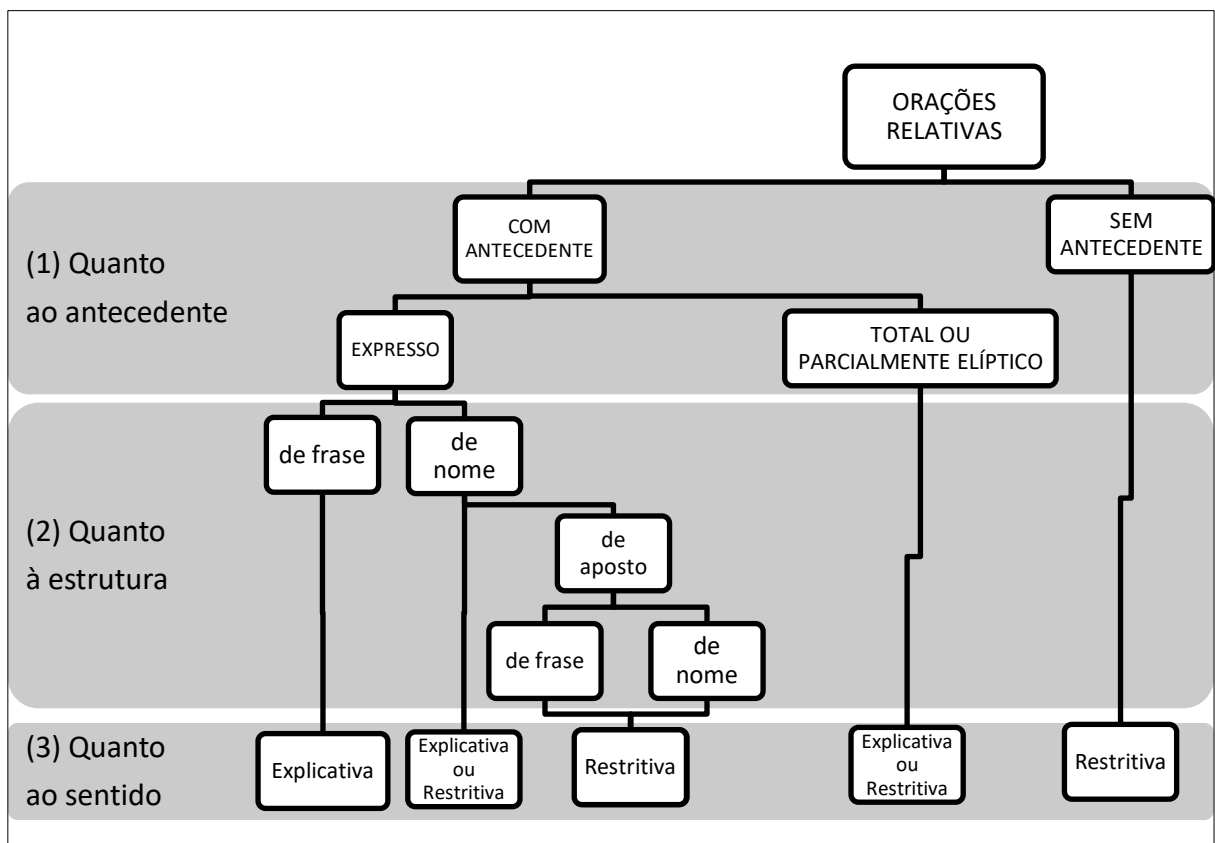
Cabe destacar que as relativas de aposto são sempre restritivas (PERES; MÓIA, 2003, p. 276). Menuzzi (c.p.), em contrapartida, atenta para sentenças como (32), em que

parece que a relativa desempenha função de “explicativa” (de relevância, como veremos no Capítulo 4). Cabe saber se a relativa está modificando o aposto (o que permitiria essa leitura) ou o Sintagma Nominal (SN) “Michel Temer”, não encaixado no aposto. Como não encontramos esses exemplos em específico em nosso *corpus*, deixaremos esse caso em aberto, para futuras investigações.

- (32) Michel Temer, atual presidente do Brasil, a quem cabe nomear o novo Procurador Geral da República, quebrou uma tradição de anos ao não escolher para o cargo o candidato mais votado pelo Ministério Público.

Assim sendo, podemos traçar o seguinte esquema sobre as ORs, conforme Figura 1:

Figura 1 – Proposta de agrupamento dos tipos de orações relativas a partir de Peres e Mória (2003) e Ferreira (2007)



Fonte: elaborado pelo autor (2017).

3 UMA TEORIA DAS FUNÇÕES DAS RELATIVAS EXPLICATIVAS: LOOCK (2007)

Sobre as orações relativas explicativas, nossa referência principal é um artigo de Rudy Loock (2007)¹² em que o autor analisa esse subtipo de relativa, identificando as funções que exerce no discurso. Primeiramente, ele lista uma série de diferentes critérios – morfossintáticos, semânticos e pragmáticos – que usa para analisar determinado *corpus* composto de 450 sentenças de textos de diferentes suportes. Depois, utiliza o critério pragmático para definir três classes de OREs¹³; em cada classe, os critérios morfossintáticos e semânticos são utilizados para buscar padrões em potencial e tendências. Por fim, discute a tão famosa supressibilidade¹⁴ dessas orações – critério amplamente utilizado para determinar o *status* de uma OR, como vimos no capítulo anterior. Diante disso, trataremos alguns pontos discutidos pelo autor que julgamos de importância para nossa análise.

Os tipos de OREs estabelecidos por Loock (2007, p. 339) são¹⁵:

- a) Orações Relativas Explicativas *Continuativas* (ORECs);
- b) Orações Relativas Explicativas *de Relevância* (ORERs);
- c) Orações Relativas Explicativas *Subjetivas* (ORESs).

Na análise das orações explicativas que coletamos em nosso *corpus*, utilizaremos a tripartição de Loock como base para a verificação das sentenças, discutindo suas considerações e ampliando-as, quando necessário – como veremos em detalhes nos Capítulos 4 e 5. Passemos, antes, a uma resenha das considerações de Loock (2007) sobre esses três tipos de OREs.

¹² Loock aprofunda suas discussões sobre as relativas do inglês em seu livro intitulado *Appositive relative clauses in English: discourse functions and competing structures*, de 2010. Neste trabalho, porém, seguimos apenas as considerações do artigo, mas, no futuro, o trabalho pode (deve, na verdade) ser complementado à luz do livro.

¹³ O autor emprega o termo *Appositive Relative Clauses*, traduzido como “Orações Relativas Apositivas”. Essa denominação, conforme Peres e Mória (2003, p. 276), é baseada “em critérios primordialmente sintáticos”. Loock (2007) usa esse termo, que ele chama de “positivo”, por ser contrário aos termos *non-restrictive* e *non-defining* (como também são chamadas as explicativas), por se basearem, na verdade, na negação das características das restritivas e não na definição de características próprias às explicativas. Aqui optamos por manter “Orações Relativas Explicativas”.

¹⁴ Tradução nossa do termo *suppressibility*, constante no original.

¹⁵ Traduções nossas dos termos originais *Continuative Appositive Relative Clause*, *Relevance Appositive Relative Clause* e *Subjectivity Appositive Relative Clause*, respectivamente.

3.1 Orações relativas explicativas continuativas

As Orações Relativas Explicativas Continuativas, conforme Loock (2007, p. 339), são aquelas que “permitem um movimento dentro do tempo da narrativa, ao descrever dois eventos extralinguísticos sucessivos”¹⁶, o que as assemelha às orações independentes. O fato retratado na relativa ocorre depois do que é informado na principal, estabelecendo uma relação semântica entre as informações contidas nas duas orações (LOOCK, 2007). Cabe destacar que a expressão “tempo da narrativa” não é empregada com a intenção de restringir essas orações como ocorrendo somente em textos narrativos, mas significando que “o evento referido na ORE é subsequente ao referido na oração principal”¹⁷ (LOOCK, 2007, p. 339); estamos falando, assim, de uma sequência de eventos.

Veja exemplos desse tipo de relativa extraídos do autor (2007, p. 340):

- (33) *Zenia herself was present only in spirit, said the lawyer, and also in the form of her ashes, which they would now proceed to the Mount Pleasant Cemetery to inter.* (FIC_ARC240)

“A própria Zenia estava presente somente em espírito, disse o advogado, e também na forma de suas cinzas, que eles agora levariam ao Mount Pleasant Cemetery para sepultar.”

- (34) *She was found face down in the water and airlifted to hospital, where she died hours later.* (TABL_ARC301)

“Ela foi encontrada de bruços na água e transportada ao hospital, onde morreu horas depois.”

Loock (2007, p. 340-341) aponta que advérbios como ‘então’, ‘agora’, ‘depois’ (*then, now, later* no original) e outros podem ser empregados nesse tipo de oração e servem como teste, visto que os outros tipos não aceitam essa inserção. Compare, abaixo, os exemplos (35b) e (36b), nos quais essas partículas foram acrescentadas, com a forma original em (35a) e (36a):

¹⁶ Cf. o original: “enables a movement within narrative time, by depicting two successive extra-linguistic events”.

¹⁷ Cf. o original: “the event referred to in the ARC is subsequent to that referred to in the main clause”.

- (35) a. *So we asked a man, who shrugged his shoulders and disappeared into a nearby shop. (QUAL_ARC56)*
 “Então nós questionamos um homem, que encolheu os ombros e desapareceu entrando em uma loja próxima.”
- b. *So we asked a man, who **then/after that** shrugged his shoulders and disappeared into a nearby shop. (mQUAL_ARC56)¹⁸*
 “Então nós questionamos um homem, que **então/depois disso** encolheu os ombros e desapareceu entrando em uma loja próxima.”
- (36) a. *Such a move would be highly embarrassing for the Commission and Chris Smith, the Secretary of State for Culture, who appointed the commission members and stood by them during recent rows over how Richard Banson’s People’s Lottery was awarded the new license. (QUAL_ARC66)*
 “Tal atitude poderia ser altamente embaraçosa para a Comissão e para Chris Smith, o Secretário de Estado da Cultura, que indicou os membros da comissão e apoiou-os em recentes manifestações a respeito de como a Richard Banson’s People’s Lottery conseguiu a nova licença.”
- b. [???] *Such a move would be highly embarrassing for the Commission and Chris Smith, the Secretary of State for Culture, who **then/after that** appointed the commission members and stood by them during recent rows over how Richard Banson’s People’s Lottery was awarded the new license. (mQUAL_ARC66)*
 ???¹⁹“Tal atitude poderia ser altamente embaraçosa para a Comissão e para Chris Smith, o Secretário de Estado da Cultura, que **então/depois/depois disso** indicou os membros da comissão e apoiou-os em recentes manifestações a respeito de como a Richard Banson’s People’s Lottery conseguir a nova licença.”

¹⁸ Em Loock (2007, p. 340), conforme nota de rodapé, foi colocado um “m” na frente da identificação das frases para aquelas que foram modificadas pelo autor a título de análise.

¹⁹ Nos julgamentos, utilizamos, de modo geral, os símbolos “?”, “??” e “???” , dependendo do grau, para apontar frases inaceitáveis, pouco naturais e/ou anômalas quando à sintaxe e/ou semântica em determinado contexto.

Além da ideia de continuidade narrativa, Looock (2007) aponta que encontramos nesse grupo orações relativas que transmitem uma ideia de causa-efeito/causa-consequência: a relativa contém uma ação/evento tomada como consequência do que se diz na principal (isto é, do evento da principal). O autor cita o seguinte exemplo (p. 341):

(37) *Luckily she landed on the bag itself, which burst.* (FIC_ARC239)

“Por sorte, ela pousou na própria mala, que estourou.”

Essas orações de causa-efeito/causa-consequência também podem ter uma partícula inserida, à semelhança do que vimos logo acima (LOOCK, 2007, p. 341):

(38) *Luckily she landed on the bag itself, which then/as a consequence burst.*
(mFIC_ARC239)

“Por sorte, ela pousou na própria mala, que então/consequentemente/por consequência estourou.”

Quanto à supressibilidade dessas orações, esse tipo de oração relativa, se removida, pode comprometer o entendimento do texto e a sequenciação textual: nas palavras de Looock (2007), pode criar uma lacuna (*gap*, no original) na sequência de eventos. Veja o exemplo do autor (p. 344), baseado na sentença aqui apresentada como (35a):

(39) [???] *Better ask someone if there's a pub round here that's still doing food,' said a voice from the back. So we asked a man [~~who shrugged his shoulders and disappeared into a nearby shop~~]. Oh no. Daffyd was right. Speak English and you're a pariah.*

???“Melhor perguntar a alguém se há um bar aqui por perto que ainda tenha comida, disse uma voz vinda de trás. Então nós questionamos um homem [~~que encolheu os ombros e desapareceu entrando em uma loja próxima~~]. Oh, não! Daffyd estava certo. Fale inglês e você é um pária.”

A construção desse parágrafo em (39) sem a relativa poderia causar estranheza no leitor, que tenderia a pensar que falta uma informação, afinal, o que o homem teria feito para o narrador expressar surpresa (“*Oh no. Daffyd was right. Speak English and you're a*

pariah.”)? Loock (2007) constatou esse prejuízo na sequenciação do texto ao indagar alguns falantes sobre essa remoção, que soou perfeitamente inteligível apenas para 4 de 30 falantes.

3.2 Orações relativas explicativas subjetivas

Passemos agora às Orações Relativas Explicativas Subjetivas, o terceiro tipo apresentado por Loock (2007). Deixamos as Orações Relativas Explicativas de Relevância para depois, pois são as mais abundantes no *corpus* (tanto no nosso quanto no de Loock) e julgamos necessário, tendo em visto as sentenças coletadas, fazer uma análise mais minuciosa.

Loock (2007, p. 353) define as ORESs como sendo aquelas que expressam “uma opinião, um julgamento ou um comentário do emissor”²⁰ sobre o referente ou sobre a relação sujeito-predicado. Contêm marcas de modalidade e vocabulário que denotam julgamento ou apreciação. Veja alguns exemplos do autor:

- (40) *The men’s 4x100m team, who might not have qualified anyway, went out in the heats when they bungled a change-over, straying out of the prescribed area.* (QUAL_ARC117)

“A equipe masculina da prova 4x100m, que de qualquer maneira poderia não ter se qualificado, acabou eliminada no aquecimento quando cometeram um erro na troca de bastão, saindo da área prescrita.”

- (41) *The singer, who believes she is a rock diva trapped in the body of a pop star, launched into her new single... (TABL_ARC343)*

“A cantora, que acredita ser uma diva do rock presa no corpo de uma estrela do pop, lançou seu novo *single*...”

Um indício para a identificação desse tipo de relativa é que elas permitem o uso de parentéticos como ‘eu penso’, ‘eu acho’, ‘na minha opinião’, ‘para mim’ (*I think, in my opinion, to me*, no original), contrariamente a outros tipos de relativas (LOOCK, 2007). Abaixo, o exemplo (42) é baseado na sentença em (40); compare com (43), baseado em (33), sendo esta uma oração relativa continuativa:

²⁰ Cf. o original: “an opinion, a judgement or a comment from the speaker”.

(42) *The men's 4x100m team, who I think might not have qualified anyway, went out in the heats when they bungled a change-over, straying out of the prescribed area.* (mQUAL_ARC117)

“A equipe masculina da prova 4x100m, que eu penso que de qualquer maneira poderia não ter se qualificado, acabou eliminada no aquecimento quando cometeram um erro na troca de bastão, saindo da área prescrita.”

(43) [???] *Zenia herself was present only in spirit, said the lawyer, and also in the form of her ashes, which to me/I think/ in my opinion they would now proceed to the Mount Pleasant Cemetery to inter.* (mFIC_ARC240)

???“A própria Zenia estava presente somente em espírito, disse o advogado, e também na forma de suas cinzas, que, para mim/eu acho que/na minha opinião, eles agora levariam ao Mount Pleasant Cemetery para sepultar.”²¹

Conforme Looch (2007), as ORESs podem ter as funções discursivas explicitadas a seguir.

a) Tecer um comentário ou um julgamento pessoal sobre o referente do antecedente, como no exemplo abaixo, retirado de nosso *corpus*:

(44) OC407 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005

Os parlamentares, em boa parte, também contribuíram para reforçar a imagem de um Congresso onde vale tudo – de negociação de cargos à troca de partido na noite da votação a favores e benesses incompatíveis com a ética, o que é deplorável.

b) Corrigir ou reformular uma informação expressa na OP, sendo o evento requalificado pelo emissor. Pode ser acompanhado por expressões/sintagmas como ‘na verdade’, ‘de fato’, ‘para falar a verdade’²² (*actually, in fact, to tell the*

²¹ As expressões “eu acho que” e “na minha opinião” podem ser aceitas, mas mudam o significado da frase: passaria de uma afirmação para uma opinião, o que não é o que está expresso no original; por isso, não é adequado seu emprego no caso presente.

²² Julgamos que esses sintagmas podem estar presentes também em relativas explicativas que não sejam subjetivas, como na seguinte frase: “Minha mãe quer que o Alfredo, que na verdade é marceneiro, pinte nossa casa. Vê se pode!”. Assim, fica a dúvida se essas relativas “correcionais” (que corrigem uma informação presente na OP) devem sempre ser aninhadas como subjetivas ou não. Parece-nos, a princípio, que elas podem oscilar entre subjetiva e de relevância, conforme o caso, o que influencia também o *status* de supressão dessas relativas (uma subjetiva, como (45), pode ser removida, enquanto que a relativa em nosso exemplo nesta nota

truth, no original), como se vê no seguinte exemplo do autor (LOOCK, 2007, p. 356-357):

(45) a. *West was taking Modern History – which wasn't modern history at all, it was simply not Ancient History, which ended with the fall of Rome – because he was interested in folk songs and ballads (...).* (FIC_ARC294)
 “West estava tendo aulas de História Moderna – que não era história moderna coisa nenhuma, era simplesmente qualquer coisa que não fosse História Antiga, que terminou com a queda de Roma – porque ele estava interessado em canções e baladas *folk*.”

b. *West was taking Modern History – which in fact/actually/to be honest wasn't modern history at all, it was simply not Ancient History, which ended with the fall of Rome – because he was interested in folk songs and ballads (...).*(mFIC_ARC294)

“West estava tendo aulas de História Moderna – que, na verdade/honestamente/para ser honesto não era história moderna coisa nenhuma, era simplesmente qualquer coisa que não fosse História Antiga, que terminou com a queda de Roma – porque ele estava interessado em canções e baladas *folk*.”

c) Expressar uma avaliação geral ou conclusão através da interpretação do antecedente. Segundo o autor (2007, p. 357), nesse caso normalmente são empregados verbos como ‘significar’ ou ‘sugerir’ (*mean, suggest*, no original), como em seu exemplo aqui trazido como (46):

(46) *GM is offering other carmakers the chance to fit OnStar, which suggests the firm will soon look to float off this business.* (QUAL_SR3)

“A GM está oferecendo a outros fabricantes de automóveis a chance de usar o OnStar, o que sugere que a empresa logo sairá desse negócio.”

Nosso exemplo com o verbo ‘significar’ está apresentado em (47). No entanto, nesse trecho, ‘significar’ não está empregado com o mesmo sentido de (46), de ‘dedução possível’, mas sim expressa ideia de causa-consequência (‘ampliar o arrocho’ tem como consequência ‘conter investimentos (na ordem de R\$ 75,5 bilhões)’), afinal, elevar o superávit primário (o lucro) pode, se não houver aumento da receita, significar que houve, então, diminuição da despesa (do investimento) – isso nos faz classificar (47) como uma relativa consecutiva.

(47) OC375 | T154 | Zero Hora, 01 dez. 2004

E, neste ano, ampliou ainda mais o arrocho, elevando o superávit primário para 4,5%, o que significa uma contenção de R\$ 75,5 bilhões num país em que faltam recursos até para serviços essenciais.

Loock (2007) afirma que, em virtude de suas características, acima elencadas, as ORESs são altamente suprimíveis, pois apenas²³ perdemos a opinião do emissor, não uma informação que facilite a identificação ou o conhecimento do (referente do) antecedente, não prejudicando, na maior parte dos casos, o entendimento da sentença.

3.3 Orações relativas explicativas de relevância

As Orações Relativas Explicativas de Relevância, o segundo tipo mencionado por Loock (2007), são o tipo mais comum de relativas e levam em conta a relação entre emissor e destinatário, sendo inspiradas na Máxima da Relevância de Grice. Elas estão ligadas

à ideia de que o emissor precisa otimizar a relevância de seus enunciados reduzindo o esforço mental do destinatário, enquanto, ao mesmo tempo, aumenta os efeitos contextuais. Adicionando informações suplementares sobre um antecedente sem restringir sua referência, o emissor faz o antecedente e/ou a relação de sujeito-predicado relevante dentro do discurso²⁴ (LOOCK, 2007, p. 345).

Em outras palavras, as ORERs podem ser definidas como “uma estratégia discursiva empregada pelo emissor em consideração ao(s) destinatário(s). O emissor toma precauções

²³ Parece-nos importante deixar claro aqui que, obviamente, toda informação dita pelo falante/narrador tem sua importância na comunicação. Mas, se fizermos uma escala de supressibilidade nas orações relativas, da mais suprimível para a menos suprimível, ela seria da seguinte forma: subjetiva > de relevância > continuativa.

²⁴ Cf. o original: “[...] to the idea that the speaker needs to optimise the relevance of his/her utterances by reducing the mental effort of the addressee, while at the same time increasing the contextual effects. By adding supplementary information about an antecedent without restricting its reference, the speaker makes the antecedent and/or the subject–predicate relation relevant within the discourse.”

com respeito ao conhecimento que ele assume ser compartilhado com o(s) destinatário(s)”²⁵ (LOOCK, 2007, p. 345). Esse tipo de explicativa pode servir, assim, para compensar o desnível de conhecimento que pode haver entre emissor e destinatário, antecipado pelo emissor de acordo com o público que ele tem em mente. Se seu texto é voltado para um público específico, de sua mesma área de estudos, por exemplo, certamente não empregará tantas relativas desse tipo, pois tem ciência de que seu interlocutor compartilha dos mesmos conceitos e termos de que usa em sua escrita/fala. Além disso, muitas vezes, um referente, se usado sozinho (isto é, sem uma informação explicativa adicional), pode se tornar não relevante (ao menos para alguns destinatários).

Nesse sentido, veja o exemplo de Loock (2007, p. 346). Considere, inicialmente, uma versão modificada na qual não há oração explicativa alguma:

(48) *The Governor is Bob Taft, fourth generation of a Republican dynasty founded by his great grandfather, William Howard Taft.* (QUAL_ARC39)

“O Governador é Bob Taft, quarta geração de uma dinastia republicana fundada por seu bisavô, William Howard Taft.”

Imaginando um leitor americano (para quem faria mais sentido essa análise), essa sentença pareceria apenas informativa: Bob Taft é ‘herdeiro’ de uma decisão de seu avô (seguir carreira política). E só isso: essa é a informação que se pode inferir dessa construção. Em particular, parece não haver qualquer traço de ênfase sobre o bisavô, William Taft: até se poderia dizer que ele deve ser alguém importante, mas não necessariamente; o emissor pode ter tido apenas a intenção de mostrar que não foi Bob Taft que primeiro idealizou essa carreira, mas se inspirou em sua família, que já atuava no ramo da política. Contudo, essa não é a sentença original encontrado no *corpus* pesquisado por Loock (2007): tendo em mente exatamente a intenção de tornar seu enunciado anterior relevante, o emissor incluiu uma oração relativa explicativa, originando a sentença (agora completa) mostrada em (49), em que a relativa está sublinhada:

(49) *The Governor is Bob Taft, fourth generation of a Republican dynasty founded by his great grandfather, William Howard Taft, who was elected president in 1908.* (QUAL_ARC39)

²⁵ Cf. o original: “a discursive strategy employed by the speaker out of consideration for the addressee(s). The speaker takes precautions with respect to the knowledge s/he assumes is shared with the addressee(s).”

“O Governador é Bob Taft, quarta geração de uma dinastia republicana fundada por seu bisavô, William Howard Taft, que foi eleito presidente em 1908.”

Com a relativa, agora sabendo quem foi William H. Taft, o enunciado tem sentido diferente daquele que se apercebe em (48): o emissor trouxe uma informação relevante sobre William Taft, ele não foi só mais um político, mas assumiu o posto de presidente, o mais alto cargo. Com a relativa, entendemos por que William Taft foi citado e tem papel importante nessa sentença, em relação a Bob Taft. Por isso, essa explicativa é dita *de relevância*, pois, além de esclarecer uma informação que pode não ser conhecida pelo destinatário (isto é, nivelar conhecimento), sua presença dá outro sentido à sentença: torna relevante o antecedente expresso anteriormente.

O mesmo ocorre na seguinte sentença do português:

(50) OC164 | T072 | Folha de São Paulo, 09 fev. 2005

“Já que eles [da Velha-Guarda] insistem, podem passar, mas sem o carro [que ficou na concentração e foi rebocado em seguida pela avenida]”, decidiu Guimarães.²⁶

Nesse trecho, o autor da notícia incluiu, entre colchetes, uma relativa com a intenção de explicar a fala mencionada, para que os leitores compreendessem o contexto da situação.

O outro exemplo que Looch (2007, p. 346) traz referente a uma ORER nivelando conhecimento (isto é, explicando o que significa o referente para o interlocutor menos informado/sem esse conhecimento) está transcrito abaixo:

(51) *It is hard to square his action with the Energy Policy and Conservation Act, which authorizes the president to tap the reserve.* (QUAL_ARC135)

“É difícil de conciliar sua ação com o Ato de Conservação e Política de Energia, que autoriza o presidente a acessar a reserva.”

²⁶ Os colchetes nessa frase foram empregados, no texto original, exatamente como uma intervenção do escritor sobre a fala transcrita. Entendemos, para efeito de análise, que eles marcam pausa, similar ao uso de vírgula, travessão ou parêntese. Para uma discussão sobre travessão e parêntese, veja a seção 5.2.

Outra estratégia presente nas ORERs, conforme o autor, é legitimar o antecedente, recurso empregado normalmente quando é apresentado um NP não mencionado anteriormente, cujo referente se faz necessário identificar. Nas palavras de Loock (2003, p. 347), “[o] objetivo é justificar e legitimar a presença do referente”²⁷.

- (52) *Tony Sewell, who has just finished an inquiry into soaring levels of exclusions among black pupils from a London school, claimed that too much concern with money and consumer goods was almost as damaging to black pupils’ chances as racism.* (QUAL_ARC9)

“Tony Sewell, que acaba de terminar uma pesquisa sobre o aumento dos índices de exclusão entre alunos negros de uma escola londrina, afirmou que muita preocupação com dinheiro e bens de consumo era quase tão prejudicial aos alunos negros quanto o racismo.”

- (53) *The story of genetic research on humans, which took 10 years to uncover, is likely to shake the world of anthropology to its core, according to professor Terry Turner of Cornell University, who has read the proofs.* (QUAL_ARC106)

“A história da pesquisa genética em seres humanos, que levou dez anos para ser descoberta, provavelmente abalará o mundo da antropologia profundamente, de acordo com o professor Terry Turner, da Universidade de Cornell, que leu as evidências.”

Loock (2007, p. 347) afirma que esse recurso é utilizado especialmente quando a função, cargo ou experiência de determinada pessoa é mais importante do que o seu nome. Segundo o autor, frequentemente “a informação provida pela ORE valida o cabimento do referente como um recurso confiável que atua como testemunha: ela provê evidência para ilustrar a tese do jornalista”²⁸.

O autor (2007, p. 347) também diz que é possível parafrasear essas ORERs por orações introduzidas pela conjunção *as* (em inglês; em português, por reduzidas de gerúndio) ou por orações coordenadas:

²⁷ Cf. o original: “The aim is to justify and legitimise the referent’s presence.”

²⁸ Cf. o original: “The information provided in the ARC validates the suitability of the referent as a reliable source who acts as a witness: s/he provides evidence to illustrate the journalist’s thesis.”

- (54) *Tony Sewell, as he has just finished an inquiry into soaring levels of exclusions among black pupils from a London school, is in a good position to claim that too much concern with money and consumer goods was almost as damaging to black pupils' chances as racism.* (mQUAL_ARC9)

“Tony Sewell, tendo recentemente terminado uma pesquisa sobre o aumento dos índices de exclusão entre alunos negros de uma escola londrina, está em boa posição para afirmar que muita preocupação com dinheiro e bens de consumo era quase tão prejudicial aos alunos negros quanto o racismo.”

- (55) *The story of genetic research on humans, which took 10 years to uncover, is likely to shake the world of anthropology to its core, according to professor Terry Turner of Cornell University, and he can say that because he has read the proofs.* (mQUAL_ARC106)

“A história da pesquisa genética em seres humanos, que levou dez anos para ser descoberta, provavelmente abalará o mundo da antropologia profundamente, de acordo com o professor Terry Turner, da Universidade de Cornell, e ele pode dizer isso porque leu as evidências.”

Essa mesma estratégia é usada para legitimar a apresentação de datas, como nos mostra Loock (2007, p. 347), que comenta que a data em si não é importante, mas sim aquilo que ocorreu nela:

- (56) *C. Dyas (...) confirmed that the blood donated by the seven vCJD victims was taken before 1999, when the authority introduced new safety procedures designed to remove prions, the infectious proteins thought to transmit vCJD.* (QUAL_ARC48)

“C. Dyas [...] confirmou que o sangue doado pelas sete vítimas do vCJD foi coletado antes de 1999, quando²⁹ as autoridades introduziram novos procedimentos de segurança estabelecidos para remover príons, as proteínas infecciosas que transmitem o vCJD.”

²⁹ Embora não tenhamos neste estudo com esse pronome, mantivemos o exemplo de Loock.

Não podemos deixar de mencionar o exemplo abaixo (LOOCK, 2007, p. 348), em que o nome *Ethel* é inserido sem ter sido mencionado em nenhum outro momento da narrativa: é a relativa que nos faz conhecer sua função no texto.

(57) *The piece she's playing is called "Gavotte". Ettovag. It's a good word; she will think of a use for it, later. The piano reeks of lemon oil. Ethel, who comes in to clean, has been told not to polish the keys with it – she's only supposed to use a damp cloth – but she pays no attention, and Tony's fingers will smell of lemon oil for hours. (FIC_PRA273)*

“A peça que ela estava tocando é chamada “Gavotte”. *Ettovag*. É uma boa palavra; ela poderia pensar em um uso para ela, talvez. O piano fedia a óleo de limão. *Ethel*, que o limpa, já foi instruída a não polir as teclas com ele – ela supostamente deveria usar um pano úmido – mas ela não presta atenção, e os dedos de Tony irão cheirar a óleo de limão por horas.”

Por fim, Loock (2007, p. 348) aponta também que, com emprego de oração relativa explicativa, “[a]o fornecer informação potencialmente desconhecida ao(s) destinatário(s), o emissor pode explicar, justificar ou opor a informação contida na Oração Principal”³⁰. No exemplo do próprio autor, abaixo identificado como (58a), a relativa é uma justificativa para a informação veiculada pela OP; vê-se novamente que a oração poderia ser introduzida pela conjunção *as* ou outra com caráter ‘causal’ (58b):

(58) a. *John, who passed his driving test, looked happy.*
 “João, que passou no teste de direção, parecia feliz.”

b. *John, as/because/since he passed his driving test, looked happy.*
 “João, como/porque/visto que passou no teste de direção, parecia feliz.”

Resumindo, usa-se uma ORER para “nivelar” o conhecimento entre emissor e destinatário (que pode, este, desconhecer o referente do antecedente empregado na OP), legitimar o referente (justificar sua citação/presença no texto) ou explicar/justificar/opor o antecedente ou a informação trazida na OP.

³⁰ Cf. o original: “By providing information potentially unknown to the addressee(s), the speaker can give an explanation for, a justification of, or an opposition to the information content of the MC [= *Main Clause*]”.

As ORERs, para Looch (2007), costumam ser suprimíveis em certas condições. Isso ocorre provavelmente devido à hipótese de que a informação que veicula está presente como uma informação que serve de explicação apenas para alguns destinatários – os que não conhecem o referente do antecedente; para aqueles que possuem a informação/conhecem o antecedente, remover a OR (ou melhor, apresentar a sentença sem a OR) não deve causar impacto na compreensão do texto. Looch corrobora essa ideia ao dizer que nesse caso a supressibilidade vai depender do nível de conhecimento do destinatário do texto. Compare (59) com (60), exemplos do autor (2007, p. 351-352) apresentados com seu contexto de uso, em que o primeiro caso é menos suprimível do que o segundo, visto que neste a informação já está dita anteriormente, o que não ocorre em (59):

- (59) *Campaigners against AIDS in South Africa will start legal proceedings this week to force the government to save thousands of babies from painful and lingering deaths.*

It emerged last week that for four months the government of President Thabo Mbeki has been sitting on a report sponsored by the European Union [which suggests that giving retro-viral drugs to pregnant women could save the lives of nearly 14,000 babies.]

It is estimated that such a programme, involving the use of Nevirapine antiviral drugs, would cost the country the equivalent of about 30 cents per head of population – about \$1,000 for each life saved. The report says overall savings for the public purse even result from such a programme, because the newborn babies would not require treatment for HIV or AIDS.

- (60) *Stephen Lawrence's mother yesterday warned that it could take more than one generation to implement the changes stemming from the inquiry into her son's racist murder.*

Doreen Lawrence spoke at the inaugural Stephen Lawrence memorial lecture, delivered by the Prince of Wales. Her son [who was 18 in 1993 when stabbed to death at a bus stop,] had dreamed of becoming an architect, and the prince used his speech to announce a scholarship named after him aimed at increasing ethnic minority architects.

Algumas vezes, a OR porta um referente de um termo constante na OP, o que impede que a relativa seja removida, sob pena de causar um problema na retomada anafórica:

(61) *Americans awoke without a new president on Wednesday after Republican George W. Bush saw his apparent victory over Democrat Al Gore snatched away, at least for the time being, pending a recount in Florida. (...) Republicans were projected to hold on to a one or two-seat narrow majority in the Senate, although Democrats were gaining two or three seats. In the House of Representatives [, where Democrats had needed to gain seven House seats to recapture control,] television networks projected they would fall short.*

(LOOCK, 2007, p. 352)

De acordo com a explicação de Loock (2007), o pronome anafórico *they*, presente no final da OP, recupera *Democrats*, incluído na oração relativa. Menuzzi (c.p.) atenta também para “would fall short”, que também tem uma elipse que precisa de antecedente: ‘would fall short of gaining seven House seats’.

Assim, a supressão das ORERs depende da análise de cada caso, de quanta falta fará a informação para o destinatário entender a sentença (dependendo do seu conhecimento) e também da recuperação de antecedentes que podem estar presentes na OR, além de que ela pode ser considerada suprimível por alguns interlocutores e não por outros.

Como vimos até então a partir desses exemplos, é possível perceber que as ORERs acabam por dar conhecimento ao destinatário de um referente que ele não conhecia antes. Tanto ao “nivelar o conhecimento” do falante com o do interlocutor como ao “legitimar” o antecedente, uma ORER está, de alguma forma, “explicando” o antecedente.

4 ANÁLISE FUNCIONAL DAS RELATIVAS EXPLICATIVAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO

4.1 Coleta do *Corpus*

Para a coleta das sentenças que analisamos neste trabalho, foi utilizado um *corpus* com 197 textos, coletados entre 2004 e 2005, distribuídos da seguinte forma: 18 matérias de capa da Revista IstoÉ, da Editora Três; 6 matérias de capa da Revista Veja, da Editora Abril; 12 matérias de capa da revista Carta Capital, da Editora Confiança; 19 editoriais da Folha de São Paulo; 19 matérias da Folha de São Paulo – Caderno Cotidiano; 16 colunas assinadas por Carlos Heitor Cony (Folha de São Paulo); 19 editoriais do Jornal do Brasil; 19 matérias do Jornal do Brasil – Caderno B; 19 colunas assinadas por Deonísio da Silva (Jornal do Brasil); 18 editoriais do Jornal Zero Hora; 18 matérias do Jornal Zero – Caderno Geral; e 14 colunas assinadas por Cláudia Laitano (Jornal Zero Hora).

Ao selecionar as sentenças a serem empregadas na análise, primeiramente utilizamos ferramenta automática para marcar todos os pronomes relativos considerados (veja a seção 2.1). Em seguida, passamos a verificar, entre os itens marcados, quais casos eram de elementos introdutórios de orações relativas e quais não eram. Constatamos que sempre havia ao menos uma oração relativa nos textos que compõem o *corpus*, à exceção de um único texto, por ser um extremamente curto, composto apenas de cinco sentenças.

Dada a quantidade de sentenças resultantes (mais de 1900), optamos por um processo de seleção dos exemplos que mantivesse a aleatoriedade da coleta. Especificamente, do total de textos, selecionamos duas sentenças de cada texto (ou uma, quando não disponíveis duas). A escolha foi feita de maneira a abarcar várias posições dentro dos textos, a fim de eliminar, na amostra, os possíveis efeitos de tipos de relativas empregadas no início, meio e fim dos textos. Dessa maneira, anotamos a primeira e segunda sentenças do primeiro texto, a terceira e quarta do segundo texto, a quinta e sexta sentenças do terceiro e assim sucessivamente, reiniciando-se a numeração quando não disponível no texto a numeração adequada. Nesse processo, foram ignoradas as relativas livres, que, como já informamos, não são objeto de estudo do presente trabalho.

Separadas as sentenças, que totalizaram 388, com 482 ocorrências de pronomes relativos, procedemos à sua análise, partindo da classificação proposta pela gramática tradicional (restritivas e explicativas), exposta no Capítulo 2. Encontradas todas as orações explicativas contidas nessas sentenças que compuseram nosso *corpus* de análise, descartamos

as restritivas (o que nos deixou com 179 sentenças), para, conforme se verá neste capítulo, reanalisar as sentenças de acordo com seu significado e contexto, a fim de verificar as relações expressas e repensar a classificação tradicional e, conseqüentemente, o uso/função das orações relativas explicativas.

O critério primeiro para a separação das orações relativas em restritivas e explicativas foi o critério formal, isto é, a presença ou não da vírgula separando a relativa da oração principal, em virtude de esse ser, como vimos no Capítulo 2, um critério amplamente utilizado. Depois, corroboramos o uso da vírgula com o critério semântico/pragmático, que foi fundamental para assegurar casos em que, embora a ausência de vírgulas, o que caracterizaria uma oração restritiva, a relativa em questão nos parecia mais uma oração explicativa, ou vice-versa, como podemos averiguar nos exemplos (62-63).

(62) OC361 | T148 | Zero Hora, 20 out. 2004

O alvo serão os jovens com renda per capita até 1,5 salário mínimo (para as bolsas integrais) e até três salários mínimos (para as bolsas parciais), **que** tenham concluído o ensino médio em escolas da rede pública.

(63) OC003 | T002 | IstoÉ, 27 out. 2004

Desde 1998, porém, o casal corre atrás dos pedófilos virtuais e de responsáveis por páginas de pornografia infantil **que se multiplicam na internet na mesma proporção com que cresce o número de usuários da rede mundial de computadores.**

No exemplo (62), julgamos a vírgula mal empregada, pois essa relativa não pode ser removida, é informação legal que precisa ser apresentada: só os alunos que tenham concluído o Ensino Médio em escola pública (ou que o tenham cursado em escola particular com bolsa) têm direito ao ProUni. A relativa empregada está restringindo o grupo de “jovens” a que a sentença se refere – o que nos faz classificá-la como uma ORR.

Já em (63), acontece o contrário: acreditamos ser necessário o emprego da vírgula, pois há mais sentido em falar sobre ‘se multiplicar na internet’ como sendo uma característica dos “pedófilos virtuais” e dos “responsáveis por páginas de pornografia infantil”, até porque não faz sentido que ‘o casal corra atrás’ apenas dos “pedófilos virtuais/responsáveis que se multiplicam” – parece claro que o sentido é ‘correr atrás’ de todos os “pedófilos/

responsáveis”, e que estes estão se multiplicando na internet. A relativa em questão traz uma informação complementar sobre o assunto retratado na OP, o que a torna uma ORE.

Os casos que não se encaixaram nos parâmetros definidos no Capítulo 2 foram, na medida do possível, discutidos ao longo do trabalho, com a intenção de mostrar as limitações e outras possibilidades presentes no uso das orações relativas explicativas.

Para melhor organização das sentenças coletada do *corpus*, cada uma delas contém uma identificação que segue o padrão “OCxxx | Txxx | Periódico, data”. O primeiro número sequencial considera a ocorrência do relativo³¹ e o segundo a ordem dos textos no *corpus*. Ao lado da numeração colocamos o nome do periódico de onde o texto foi extraído, seguido de sua respectiva data de publicação (conforme vemos nos exemplos (62-63) acima). O Apêndice A inclui um quadro com as sentenças coletadas usadas neste trabalho e seus dados complementares. O contexto de utilização das sentenças foi apresentado quando se julgou necessário para sua exata compreensão; já outros exemplos foram modificados a título de análise – estas duas particularidades estão registradas ao final de cada identificação.

Assim, nas próximas seções, apresentaremos as orações relativas explicativas que encontramos em nosso *corpus*, as quais analisamos tendo por base o trabalho de Loock (2007), conforme discutido no Capítulo 3.

4.2 Orações relativas explicativas continuativas e consecutivas

Na nossa coleta de sentenças, não localizamos muitas orações que correspondessem às orações relativas continuativas de Loock (2007) – em torno de 15% dos casos. Nossa suposição é a de que os gêneros textuais que compõem nosso *corpus* (textos jornalísticos, na maioria notícias e reportagens³²), por serem da ordem do relatar³³, desfavoreçam esse tipo específico de construção de caráter narrativo, muito embora sucessões de eventos podem também estar presentes nesses gêneros. É necessário um estudo mais aprofundado sobre esse tópico para confirmar ou não essa impressão.

Veja um exemplo de relativa continuativa coletado de nosso *corpus*:

³¹ Essa numeração sequencial inclui as relativas restritivas.

³² Nos textos usados, também constavam artigos de opinião, gênero da ordem do argumentar, para o qual, como será comentado na seção 4.3, supõe-se maior emprego de Orações Relativas Explicativas Subjetivas.

³³ Para mais informações, veja Köche, Boff e Marinello (2010) e Köche, Marinello e Boff (2012).

(64) OC264 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005

Na ocasião, costurou-se um raro acordo preventivo, com vistas a uma transição política mais serena, que acabou se consumando.

Seguindo a sugestão de Looch (2007), utilizamos seu teste com os advérbios ‘então’, ‘agora’, ‘depois’ e outros para verificar se estamos diante de uma OREC. À semelhança de seu exemplo presente em (35), do nosso *corpus* repetimos a sentença (64) em (65), com uma dessas partículas inserida:

(65) OC264 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005 – modificado

Na ocasião, costurou-se um raro acordo preventivo, com vistas a uma transição política mais serena, que depois acabou se consumando.

No exemplo (66) abaixo, embora possa ser argumentado que não podemos considerar como ‘eventos’³⁴ o que se diz nas orações, ainda assim há uma ideia de *sequenciação* entre a OP e a OR – o que passamos a considerar elemento fundamental para julgarmos uma relativa como continuativa. É possível argumentar que a sentença (66a) pode ser interpretada da seguinte forma: “Segundo Ferraz, o sistema está sendo aplicado neste momento como um teste, que provavelmente sofrerá mudanças no próximo vestibular.” (Evento 1: ‘o sistema está sendo aplicado’; Evento 2: ‘o sistema sofrerá mudanças’). Veja também que a sentença aceita o teste proposto acima (conforme (66b)), embora a inclusão de ‘depois’ pareça tornar a sentença um pouco redundante, o que julgamos, porém, se dever ao fato de a oração já possuir uma expressão de sucessão temporal, o adjunto adverbial “próximo vestibular” (confira (66c)). Além disso, o uso dessa expressão poderia ser considerado mais um motivo para classificar essa relativa como continuativa.

(66) a. OC166 | T073 | Folha de São Paulo, 16 fev. 2005

Segundo Ferraz, o sistema adotado é um “teste”, que provavelmente terá mudanças no próximo vestibular.

³⁴ Aqui não entramos em detalhes sobre tipos de verbos que expressam ‘eventos’ nem levamos em conta a definição linguística de ‘eventos’, mas, pelo contrário, tomamos esse termo num sentido mais amplo.

- b. OC166 | T073 | Folha de São Paulo, 16 fev. 2005 – modificado
Segundo Ferraz, o sistema adotado é um “teste”, que provavelmente (depois) terá mudanças no próximo vestibular.
- c. OC166 | T073 | Folha de São Paulo, 16 fev. 2005 – modificado
Segundo Ferraz, o sistema adotado é um “teste”, que provavelmente depois terá mudanças.

Essa mesma discussão pode ser aplicada a (67), em que também podemos perceber essa ideia de sequenciação, pois o que é expresso na OP ocorre antes do que é dito na OR, embora, nesse caso, também possa ser argumentado que a relativa apenas traz mais uma informação sobre o assunto em discussão (o que, portanto, não a classificaria como continuativa – por isso, apresentamos o teste com ‘então/depois’ em (67b), que, mesmo assim, nos parece inconclusivo).

- (67) a. OC334 | T137 | Jornal do Brasil, 13 dez. 2004
O provençal já tinha “derapar”, que dobrou o erre no português, mas veio do francês *déraper*, arrancar.
- b. OC334 | T137 | Jornal do Brasil, 13 dez. 2004 – modificado
?O provençal já tinha “derapar”, que então/depois dobrou o erre no português, mas veio do francês *déraper*, arrancar.

Compare os exemplos de relativas continuativas expostos até aqui com as sentenças abaixo, que não expressam sequenciação e, portanto, não são continuativas e não aceitam o teste com “então/agora/depois”³⁵:

- (68) a. OC330 | T135 | Jornal do Brasil, 29 dez. 2004
Se fosse alemão, talvez fiel ao ditado famoso “por que o simples, se o complicado também serve?”, que parece lema da burocracia brasileira, sua escolha tivesse sido outra.

³⁵ Veremos, nas próximas seções, que (68) é uma relativa subjetiva e (69-70) são relativas de relevância.

- b. OC330 | T135 | Jornal do Brasil, 29 dez. 2004 – modificado
 ???Se fosse alemão, talvez fiel ao ditado famoso “por que o simples, se o complicado também serve?”, **que então/depois/mais tarde parece lema da burocracia brasileira**, sua escolha tivesse sido outra.
- (69) a. OC364 | T150 | Zero Hora, 03 nov. 2004
 Estão pendentes de decisão legislativa temas fundamentais, como o são os projetos da Parceria Público Privada, da Lei de Falências, das agências reguladoras, da Lei de Biossegurança e mais de uma dezena de medidas provisórias – **que trancam a pauta da Câmara dos Deputados**.
- b. OC364 | T150 | Zero Hora, 03 nov. 2004 – modificado
 ???Estão pendentes de decisão legislativa temas fundamentais, como o são os projetos da Parceria Público Privada, da Lei de Falências, das agências reguladoras, da Lei de Biossegurança e mais de uma dezena de medidas provisórias – **que, depois/mais tarde trancam a pauta da Câmara dos Deputados**.
- (70) a. OC059 | T023 | Veja, 17 nov. 2004
 Hoje, tumores de até 3 centímetros de diâmetro são eliminados numa operação chamada quadrantectomia, **na qual se extrai apenas um quarto da mama**.
- b. OC059 | T023 | Veja, 17 nov. 2004 – modificado
 ???Hoje, tumores de até 3 centímetros de diâmetro são eliminados numa operação chamada quadrantectomia, **na qual depois/mais tarde se extrai apenas um quarto da mama**.

No que tange à ideia de causa-efeito/causa-consequência, apontada por Loock (2007) como presente em algumas dessas relativas (doravante denominadas *consecutivas*), notamos que em português essa ideia também está presente em algumas sentenças, como podemos observar nos exemplos logo abaixo. Destacamos que não identificamos nenhuma sentença em que a oração relativa estivesse intercalada (“posição medial”) com essa característica, o que certamente merece atenção.

(71) OC100 | T042 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004

O grande fiador da recuperação do valor do real desde 2003, bem como da retomada da atividade econômica, foi o salto do superávit comercial, que retirou as contas externas brasileiras de uma situação de alta vulnerabilidade.

(72) OC252 | T102 | Jornal do Brasil, 05 jan. 2005

O apetite por novos recursos ficou ainda maior com as perspectivas de crescimento da economia – que levará ao aumento do consumo de energia.

(73) OC265 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005

O PT chegou ao poder e surpreendeu quem esperava rupturas: aluno aplicado, cumpriu com folgas as metas acertadas com o Fundo, o que levou as cotações dos títulos da dívida externa a sucessivos recordes e hoje se reflete na exuberante valorização das ações negociadas na Bolsa de São Paulo.

(74) OC368 | T151 | Zero Hora, 10 nov. 2004

O Brasil é um dos poucos países da América Latina em que a educação obrigatória começa apenas aos sete anos de idade e a média de horas de estudo dos alunos é inferior ao mínimo recomendado pela Unesco, o que limita os ganhos do aprendizado.

(75) OC442 | T180 | Zero Hora, 02 fev. 2005

O nível ficou abaixo das tubulações por meio das quais a água é captada, o que obrigou a companhia a submergir bombas emergencialmente.

Começando pelo último exemplo, o (75), podemos perceber que ‘a submersão emergencial de bombas’ se deu como consequência de o ‘nível de água ter ficado abaixo do necessário’, ‘impossibilitando que a tubulação captasse água’. Essa ideia de causa-consequência também está presente nas demais sentenças: em (71), ‘o salto do superávit comercial’ tem como consequência ‘a retirada das contas externas brasileiras de uma situação de alta vulnerabilidade’ (isto é, só foi possível sairmos ‘dessa situação de vulnerabilidade’ graças ao ‘salto do superávit comercial’); em (72), o ‘crescimento da economia’ tem como consequência ‘o aumento do consumo de energia’; em (73), ‘cumprir com folgas as metas’ tem como consequência ‘as cotações recordes dos títulos da dívida e valorização das ações

negociadas'; e em (74), 'a educação começar aos sete anos de idade e a média de horas/aula ser inferior ao recomendado' têm como consequência um 'menor ganho de aprendizado'.

Aos moldes do exemplificado em (38), no Capítulo 3, é possível identificarmos esse tipo de oração pelo fato de aceitar expressões que indiquem a natureza de consequência da oração relativa – por exemplo, adjuntos adverbiais como 'por consequência' ou 'consequentemente', ou ainda alguma versão da paráfrase 'teve/terá/etc. como consequência...'. Em (76-80), apresentamos as contrapartes das orações (71-75) com esse teste, além de um exemplo em que ele não se aplica em (81). Importa comentar que, aparentemente, o tipo de antecedente, isto é, se ele é um nome, como em (76-77), ou se uma sentença, como em (78-80), parece influenciar o teste (a escolha entre inserir um advérbio ou uma expressão parafrástica), o que, em todo caso, não altera a classificação dessas relativas explicativas como consecutivas.

(76) OC100 | T042 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004 – modificado

O grande fiador da recuperação do valor do real desde 2003, bem como da retomada da atividade econômica, foi o salto do superávit comercial, **que terá como consequência a retirada das contas externas brasileiras de uma situação de alta vulnerabilidade.**

(77) OC252 | T102 | Jornal do Brasil, 05 jan. 2005 – modificado

O apetite por novos recursos ficou ainda maior com as perspectivas de crescimento da economia – **que, consequentemente, levará ao aumento do consumo de energia/que terá como consequência o aumento do consumo de energia.**

(78) OC265 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005 – modificado

O PT chegou ao poder e surpreendeu quem esperava rupturas: aluno aplicado, cumpriu com folgas as metas acertadas com o Fundo, **o que então/por consequência levou as cotações dos títulos da dívida externa a sucessivos recordes e hoje se reflete na exuberante valorização das ações negociadas na Bolsa de São Paulo.**

(79) OC368 | T151 | Zero Hora, 10 nov. 2004 – modificado

O Brasil é um dos poucos países da América Latina em que a educação obrigatória começa apenas aos sete anos de idade e a média de horas de estudo dos alunos é inferior ao mínimo recomendado pela Unesco, o que, consequentemente, limita os ganhos do aprendizado.

(80) OC442 | T180 | Zero Hora, 02 fev. 2005 – modificado

O nível ficou abaixo das tubulações por meio das quais a água é captada, o que, então/consequentemente/por consequência, obrigou a companhia a submergir bombas emergenciais.

(81) a. OC260 | T107 | Jornal do Brasil, 09 fev. 2005

A reforma ministerial ficou para depois do reinado de Momo, bem como a intervenção na sucessão da Câmara, onde dois petistas – o candidato oficial, Luiz Eduardo Greenhalgh, e o independente Virgílio Guimarães – batem-se pela cadeira da presidência.

b. OC260 | T107 | Jornal do Brasil, 09 fev. 2005 – modificado

??A reforma ministerial ficou para depois do reinado de Momo, bem como a intervenção na sucessão da Câmara, onde então/consequentemente/por consequência dois petistas – o candidato oficial, Luiz Eduardo Greenhalgh, e o independente Virgílio Guimarães – batem-se pela cadeira da presidência.

Outra forma que encontramos de identificar relativas que expressam consequência é utilizar a paráfrase por meio da estrutura ‘acabar + gerúndio’, que, de acordo com Bertucci (2015), expressa a culminação do evento. Conforme Travaglia (2004, p. 23), um dos valores do verbo ‘acabar’ é o de “auxiliar semântico ou semiauxiliar indicando resultatividade (resultado final, consequência)”. Destacamos que, em seu estudo, esse é o valor mais frequente que esse verbo manifesta.

A sentença (82) a seguir é um exemplo com o verbo ‘acabar’, em que temos a seguinte relação de causa-consequência: a ‘supressão de palavra em texto de lei’ teve como consequência a ‘ampliação do escopo de aplicação’. Para comparar, reescrevemos os

exemplos (71-75) com essa construção em (83-87), para mostrar que ela é perfeitamente aceitável nesses casos:

(82) OC412 | T166 | Zero Hora, 20 out. 2004

O problema é que a palavra *policiais* foi suprimida do texto aprovado, **o que acabou atingindo todos os militares.**

(83) OC100 | T042 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004 – modificado

O grande fiador da recuperação do valor do real desde 2003, bem como da retomada da atividade econômica, foi o salto do superávit comercial, **que acabou retirando as contas externas brasileiras de uma situação de alta vulnerabilidade.**

(84) OC252 | T102 | Jornal do Brasil, 05 jan. 2005 – modificado

O apetite por novos recursos ficou ainda maior com as perspectivas de crescimento da economia – **que acabará levando ao aumento do consumo de energia.**

(85) OC265 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005 – modificado

O PT chegou ao poder e surpreendeu quem esperava rupturas: aluno aplicado, cumpriu com folgas as metas acertadas com o Fundo, **o que acabou levando as cotações dos títulos da dívida externa a sucessivos recordes e hoje se reflete na exuberante valorização das ações negociadas na Bolsa de São Paulo.**

(86) OC368 | T151 | Zero Hora, 10 nov. 2004 – modificado

O Brasil é um dos poucos países da América Latina em que a educação obrigatória começa apenas aos sete anos de idade e a média de horas de estudo dos alunos é inferior ao mínimo recomendado pela Unesco, **o que acaba limitando os ganhos do aprendizado.**

(87) OC442 | T180 | Zero Hora, 02 fev. 2005 – modificado

O nível ficou abaixo das tubulações por meio das quais a água é captada, **o que acabou obrigando a companhia a submergir bombas emergencialmente.**

Embora Loock (2007) não tenha utilizado esse teste, também é possível empregar algo similar ao verbo ‘acabar’ em inglês (tomando o exemplo desse autor apresentado em (37)):

(88) *Luckily she landed on the bag itself, which ended up bursting.*

“Por sorte, ela pousou na própria mala, que acabou estourando.”

Esse teste, porém, parece também se aplicar às relativas continuativas que não têm essa ideia de causa-consequência (que chamamos *continuativas stricto sensu*), como vemos ao reescrever as sentenças (66a) e (67a):

(89) OC166 | T073 | Folha de São Paulo, 16 fev. 2005 – modificado

Segundo Ferraz, o sistema adotado é um “teste”, que provavelmente acabará tendo mudanças no próximo vestibular.

(90) OC334 | T137 | Jornal do Brasil, 13 dez. 2004 – modificado

O provençal já tinha “derapar”, que acabou dobrando o erre no português, mas veio do francês *déraper*, arrancar.

Por outro lado, a sentença (64), que comprovamos ser continuativa em (65), possui a estrutura ‘acabar + gerúndio’, mas, ao contrário, não aceita uma partícula como ‘consequentemente’ (confira (91c)), o que prejudica nosso entendimento de orações que aceitam ‘acabar + gerúndio’ serem obrigatoriamente consecutivas.

(91) a. OC264 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005

Na ocasião, costurou-se um raro acordo preventivo, com vistas a uma transição política mais serena, que acabou se consumando.

b. OC264 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005 – modificado

Na ocasião, costurou-se um raro acordo preventivo, com vistas a uma transição política mais serena, que depois acabou se consumando.

- c. OC264 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005 – modificado
 ???Na ocasião, costurou-se um raro acordo preventivo, com vistas a uma transição política mais serena, que consequentemente acabou se consumando.

Além disso, o uso dessa estrutura com os outros tipos de relativas, as quais veremos nas próximas seções (as subjetivas – exemplo (95) – e as de relevância – demais exemplos abaixo), se mostra duvidoso em questão de aceitabilidade: ora nos parece que a sentença resultante é inaceitável, pois a oração relativa não expressa uma consequência do que é abordado anteriormente nem é uma ação ou evento ocorrido temporalmente após o fato da OP; ora que a sentença é adequada, mas há alteração no seu sentido original (‘acabar + gerúndio’, por exemplo, insere uma ideia de consequência que não existia antes); ora nos dá uma ideia de “questionamos muito, incomodamos tanto que acabou acontecendo determinado fato”. Nas transcrições abaixo, a sentença original está em (a), a com estrutura ‘acabar + gerúndio’ em (b), o teste para continuativas em (c) e o para consecutivas em (d).

- (92) a. OC128 | T055 | Folha de São Paulo, 23 fev. 2005
 Há ainda o projeto de criação de um órgão para gerir a exploração de madeira, que disciplinaria a atividade e obrigaria os concessionários a reflorestar.
- b. OC128 | T055 | Folha de São Paulo, 23 fev. 2005 – modificado
 ??Há ainda o projeto de criação de um órgão para gerir a exploração de madeira, que acabaria disciplinando a atividade e obrigaria os concessionários a reflorestar.
- c. OC128 | T055 | Folha de São Paulo, 23 fev. 2005 – modificado
 ??Há ainda o projeto de criação de um órgão para gerir a exploração de madeira, que mais tarde disciplinaria a atividade e obrigaria os concessionários a reflorestar.

- d. OC128 | T055 | Folha de São Paulo, 23 fev. 2005 – modificado
 ???Há ainda o projeto de criação de um órgão para gerir a exploração de madeira, que **consequentemente** disciplinaria a atividade e obrigaria os concessionários a reflorestar.
- (93) a. OC139, OC140 | T061 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004
 Imprensados entre o antigo decreto, que restringia o número de andares na avenida, e a nova lei, que diminuirá a área a ser construída no lado dos Jardins, dezembro e janeiro se tornarão meses valiosos para o mercado imobiliário, justamente num dos endereços mais caros da capital.
- b. OC139, OC140 | T061 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004 – modificado
 ???Imprensados entre o antigo decreto, que acabava restringindo o número de andares na avenida, e a nova lei, que acabará diminuindo a área a ser construída no lado dos Jardins, dezembro e janeiro se tornarão meses valiosos para o mercado imobiliário, justamente num dos endereços mais caros da capital.
- c. OC139, OC140 | T061 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004 – modificado
 ??Imprensados entre o antigo decreto, que antes restringia o número de andares na avenida, e a nova lei, que agora diminui a área a ser construída no lado dos Jardins, dezembro e janeiro se tornarão meses valiosos para o mercado imobiliário, justamente num dos endereços mais caros da capital.
- d. OC139, OC140 | T061 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004 – modificado
 ???Imprensados entre o antigo decreto, que tinha como consequência a restrição no número de andares na avenida, e a nova lei, que terá como consequência a diminuição da área a ser construída no lado dos Jardins, dezembro e janeiro se tornarão meses valiosos para o mercado imobiliário, justamente num dos endereços mais caros da capital.

- (94) a. OC404 | T163 | Zero Hora, 09 fev. 2005
Um dia depois do histórico acordo de cessar-fogo entre Israel e Palestina, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) formaliza hoje o tema Solidariedade e Paz para a Campanha da Fraternidade deste ano, **que envolverá todas as igrejas cristãs.**
- b. OC404 | T163 | Zero Hora, 09 fev. 2005 – modificado
??Um dia depois do histórico acordo de cessar-fogo entre Israel e Palestina, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) formaliza hoje o tema Solidariedade e Paz para a Campanha da Fraternidade deste ano, **que acabará envolvendo todas as igrejas cristãs.**
- c. OC404 | T163 | Zero Hora, 09 fev. 2005 – modificado
??Um dia depois do histórico acordo de cessar-fogo entre Israel e Palestina, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) formaliza hoje o tema Solidariedade e Paz para a Campanha da Fraternidade deste ano, **que mais tarde/logo envolverá todas as igrejas cristãs.**
- d. OC404 | T163 | Zero Hora, 09 fev. 2005 – modificado
???Um dia depois do histórico acordo de cessar-fogo entre Israel e Palestina, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) formaliza hoje o tema Solidariedade e Paz para a Campanha da Fraternidade deste ano, **que por consequência envolverá todas as igrejas cristãs.**
- (95) a. OC408 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005
Definida a sucessão – **que o Senado soube executar exemplarmente com a eleição de Renan Calheiros (PMDB-AL) para a presidência** –, restam algumas questões para reflexão em favor da boa política.
- b. OC408 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005 – modificado
??Definida a sucessão – **que o Senado acabou sabendo executar exemplarmente com a eleição de Renan Calheiros (PMDB-AL) para a**

presidência –, restam algumas questões para reflexão em favor da boa política.

- c. OC408 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005 – modificado
 ???Definida a sucessão – que o Senado agora soube executar exemplarmente com a eleição de Renan Calheiros (PMDB-AL) para a presidência –, restam algumas questões para reflexão em favor da boa política.
- d. OC408 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005 – modificado
 ???Definida a sucessão – que o Senado consequentemente soube executar exemplarmente com a eleição de Renan Calheiros (PMDB-AL) para a presidência –, restam algumas questões para reflexão em favor da boa política.

Portanto, o teste com ‘acabar + gerúndio’ não deve ser tomado como decisivo para definir se uma relativa é consecutiva ou não (ou mesmo se é continuativa ou não).

Assim, poderíamos dizer que temos dois tipos de continuativas: aquelas em que a relativa expressa um evento subsequente ao evento expresso na OP, gerando uma ideia de sequenciação/continuação de eventos/fatos/ações; e aquelas nas quais a relativa expressa um evento que é uma consequência ou efeito do evento expresso na OP, a causa (haveria, na OP, um evento que é a causa e, na OR, outro evento tido como o efeito ou consequência). As primeiras relativas podemos chamar *continuativas stricto sensu* ou *continuativas narrativas*; e as segundas, *continuativas consecutivas*, conforme mencionamos anteriormente.

Quanto à supressibilidade das orações continuativas, corroboramos a ideia de Loock (2007) de que remover esse tipo de OR pode comprometer o entendimento do texto, ao menos na maior parte dos casos. Para exemplificar, trazemos aqui os contextos (trechos incluindo sentenças anteriores e posteriores) em que foram usados o exemplo (66a) – uma continuativa narrativa – e os exemplos (73) e (82) – relativas consecutivas. Como podemos verificar, uma vez removida a informação veiculada pela relativa (grifada), como tradicionalmente se diz que é possível fazer, o entendimento dos eventos/fatos (sua sequenciação) sai prejudicado:

- (96) OC166 | T073 | Folha de São Paulo, 16 fev. 2005 – com contexto

O coordenador de ações afirmativas da Unifesp, Marcos Ferraz, afirmou que o resultado do regime universal seguiu a média histórica. “Já no sistema de cotas, como é novo, não dá para ter uma opinião fechada.” Segundo Ferraz, o sistema adotado é um “teste”, ~~que provavelmente terá mudanças no próximo vestibular.~~ Uma possibilidade é permitir que apenas negros, e não afrodescendentes, sejam beneficiados – igualando a exigência feita aos índios.

- (97) OC265 | T109 | Jornal do Brasil, 23 fev. 2005 – com contexto

Na ocasião, costurou-se um raro acordo preventivo, com vistas a uma transição política mais serena, que acabou se consumando. O PT chegou ao poder e surpreendeu quem esperava rupturas: aluno aplicado, cumpriu com folgas as metas acertadas com o Fundo, ~~o que levou as cotações dos títulos da dívida externa a sucessivos recordes e hoje se reflete na exuberante valorização das ações negociadas na Bolsa de São Paulo.~~

Neste cenário de relativa tranquilidade, não causam quaisquer tremores no mercado financeiro as declarações do presidente Lula e do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, sobre a hipótese de emancipação perante o Fundo, severa figura paterna que ditou os rumos da economia durante crises passadas.

- (98) OC412 | T166 | Zero Hora, 20 out. 2004 – com contexto

À época, havia denúncias de que a Justiça Militar agia com corporativismo ao absolver PMs acusados de crimes contra civis. O problema é que a palavra *policiais* foi suprimida do texto aprovado, ~~o que acabou atingindo todos os militares.~~

— Do jeito que está, a lei enfraquece a segurança também das unidades militares, sobretudo no Rio – alerta Pedrosa.

Em contrapartida, parece-nos que remover a relativa (consecutiva) na sentença (75), abaixo reapresentada em (99) com seu contexto, não interfere de maneira suficiente para tornar o entendimento do texto inviável:

(99) OC442 | T180 | Zero Hora, 02 fev. 2005 – com contexto

Conforme os registros da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan) – que calculou em 1 milhão o número de pessoas afetadas, embora a população desses municípios some 833 mil conforme o IBGE –, o leito do Gravataí nunca esteve tão seco. O nível ficou abaixo das tubulações por meio das quais a água é captada, ~~o que obrigou a companhia a submergir bombas emergenciais.~~

— O nível ficou tão baixo que em alguns pontos o rio se encontra praticamente seco e pode ser atravessado de um lado a outro com água pela canela – afirma Jorge Accorsi, diretor de operações da Corsan.

Segundo Accorsi, todos os cerca de 250 mil domicílios dos quatro municípios serão atingidos pelo racionamento.

Veja a diferença com a sentença (92a), que contém uma relativa de relevância (como veremos no item 4.3), repetida abaixo em seu contexto de uso: para esse tipo de relativa, não nos parece causar estranheza a remoção da relativa (se compararmos com a maior parte das relativas continuativas).

(100) OC128 | T055 | Folha de São Paulo, 23 fev. 2005 – com contexto

O pacote agora anunciado traz, entre outras medidas, a interdição de 3,8 milhões de hectares na chamada Terra do Meio, entre Altamira e São Félix do Xingu, onde serão criadas duas unidades de conservação florestal. O mesmo vale para outros 8,2 milhões de hectares às margens da rodovia Cuiabá-Santarém. Há ainda o projeto de criação de um órgão para gerir a exploração de madeira, ~~que disciplinaria a atividade e obrigaria os concessionários a reflorestar.~~ Tal programação tem um custo ainda desconhecido, que o governo federal – responsável por 72% das terras paraenses – precisará bancar.

Antes de finalizarmos a discussão sobre as ORECs, queremos destacar aqui um caso interessante visto no *corpus*:

(101) OC422 | T170 | Zero Gora, 17 nov. 2004

Duas cartas abertas foram lançadas nos últimos dias na Capital por funcionários locais da Dataprev, acusando o Ministério da Previdência Social

de retomar planos de privatização do órgão da época de Fernando Henrique Cardoso, e o atual governo de negar investimentos que provocam o sucateamento da empresa.

Sem a marcação da vírgula, poderíamos ir pela tradição e assinalar essa oração relativa como restritiva, isto é, como se particularizasse o antecedente “investimentos”. O significado seria ‘negar aqueles investimentos específicos que provocam o sucateamento da empresa’, o que seria algo bom, afinal, é uma boa prática o governo impedir que ‘investimentos sucateiem uma empresa’. Contudo nosso conhecimento de mundo e o contexto da sentença nos deixam inquietos: a palavra “acusando” é negativa e esse entendimento que tivemos é positivo, o que suscita uma discrepância na informação. Ao reler a sentença, percebemos que, na verdade, o que ‘provoca o sucateamento da empresa’ é o fato de o ‘atual governo negar investimentos’, pela não aplicação de dinheiro na empresa. Temos aqui uma relação de causa-consequência: ‘atual governo negar investimentos’ tem como consequência ‘provocar o sucateamento da empresa’. Esse nosso entendimento é corroborado com outras notícias da época³⁶. Portanto, em (101), estamos diante de uma OREC, o que é comprovado pelo teste com *consequentemente*:

(102) OC422 | T170 | Zero Gora, 17 nov. 2004 – modificado

Duas cartas abertas foram lançadas nos últimos dias na Capital por funcionários locais da Dataprev, acusando o Ministério da Previdência Social de retomar planos de privatização do órgão da época de Fernando Henrique Cardoso, e o atual governo de negar investimentos, que consequentemente provocam o sucateamento da empresa.

Ressaltamos ainda que, mesmo com a inclusão da vírgula, alguns leitores ainda poderão dizer que a sentença continua mal construída, sendo mais prudente usar algo como ‘e o atual governo de negar investimentos, o que provoca o sucateamento da empresa’. De qualquer maneira, não se pode negar que, como está construída a sentença, em (101), é permitido o entendimento de uma relativa restritiva, delimitando de quais “investimentos” se fala, o que não condiz com a informação real.

³⁶ Veja, por exemplo, notícia publicada na *Folha Online* em 19 de janeiro de 2005, por Fabiana Futema, disponível no endereço eletrônico <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/dinheiro/ult91u92656.shtml>>, que foi acessado em 27 de junho de 2017.

Resumindo o discutido até aqui, constatamos que, dentro das continuativas de Loock (2007), podemos ter *continuativas narrativas*, que abordam uma sequência de eventos/fatos/ações e podem ser testadas com advérbios como ‘então/agora/depois/mais tarde’; e também *continuativas consecutivas*, cuja sequenciação tem ideia de causa-efeito/causa-consequência, o que pode ser testado com a inclusão de ‘consequentemente/ter como consequência’. Devido a essas características, a de “continuar” o que é dito na OP, as continuativas tendem a ser pouco suprimíveis.

4.3 Orações relativas explicativas subjetivas

Para iniciar, citamos alguns exemplos de orações relativas subjetivas que encontramos em nosso *corpus*, nos mesmos moldes indicados por Loock (2007) para essa categoria:

(103) OC182 | T078 | Folha de São Paulo, 10 nov. 2004

No pólo oposto, Bagdá, capital do Iraque, onde as balas não são perdidas, pois todas têm endereço certo e sabido, continua atraindo jovens norte-americanos que para lá se dirigem por conta do Pentágono e do Tesouro dos Estados Unidos.

(104) OC212 | T087 | Folha de São Paulo, 26 jan. 2005

Para falar a verdade, mesmo sem ser cientista como ele, sempre suspeitei que tudo termina mal, inclusive a aventura do homem na face da tal Terra, que sofrerá tantas e tamanhas modificações que já podemos considerar a humanidade em fase de extinção.

(105) OC408 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005

Definida a sucessão – que o Senado soube executar exemplarmente com a eleição de Renan Calheiros (PMDB-AL) para a presidência –, restam algumas questões para reflexão em favor da boa política.

Em (105), por exemplo, a OR expressa a opinião do emissor sobre o evento (“a sucessão [da presidência do Senado Federal]”), o que pode ser comprovado pelo uso do advérbio (modal) “exemplarmente”.

Para validar nossa classificação, aplicamos o teste de Loock (2007) com parentéticos como ‘eu penso’, ‘eu acho’, ‘na minha opinião’, ‘para mim’. Abaixo, os exemplos (106a) e (107a) são a sentença original constante no *corpus*, (106b) e (107b) são sua contraparte modificada, e a sentença (108) é um exemplo incoerente (nesse, apresentamos o contexto em (108c) para melhor percepção). Perceba o uso da modalização, característica das relativas subjetivas, com “talvez” e “parece” em (106) e (107), respectivamente.

- (106) a. OC273 | T112 | Jornal do Brasil, 03 nov. 2004
 Antes, fez dois filmes que permanecem inéditos no circuito carioca: *O princípio da incerteza* (2002), que talvez seja sua obra-prima, e *Filme falado* (2003).
- b. OC273 | T112 | Jornal do Brasil, 03 nov. 2004 – modificado
 Antes, fez dois filmes que permanecem inéditos no circuito carioca: *O princípio da incerteza* (2002), que eu penso ser sua obra-prima, e *Filme falado* (2003).
- (107) a. OC330 | T135 | Jornal do Brasil, 29 dez. 2004
 Se fosse alemão, talvez fiel ao ditado famoso “por que o simples, se o complicado também serve?”, que parece lema da burocracia brasileira, sua escolha tivesse sido outra.
- b. OC330 | T135 | Jornal do Brasil, 29 dez. 2004 – modificado
 Se fosse alemão, talvez fiel ao ditado famoso “por que o simples, se o complicado também serve?”, que, na minha opinião/para mim, parece lema da burocracia brasileira, sua escolha tivesse sido outra.
- (108) a. OC053 | T021 | Veja, 03 nov. 2004
 O federalismo, que é a base da democracia americana, pode existir em várias versões.
- b. OC053 | T021 | Veja, 03 nov. 2004 – modificado
 ???O federalismo, que, na minha opinião, é a base da democracia americana, pode existir em várias versões.

c. OC053 | T021 | Veja, 03 nov. 2004 – com contexto

Ou seja, como o país quer continuar a ser os Estados Unidos da América, cada Estado tem autonomia para escolher sua máquina de votação e seu processo eleitoral – e a eleição por meio do Colégio Eleitoral visa a garantir isso. A eleição americana é de fato uma série de votações estaduais realizadas no mesmo dia. O federalismo, que é a base da democracia americana, pode existir em várias versões. Algumas concedem mais liberdade às unidades regionais, outras menos. O Brasil é uma federação, mas os Estados têm menos autonomia do que nos EUA.

Sobre a supressibilidade dessas orações, também aqui concordamos, num aspecto geral, com a hipótese de Loock (2007) de esse tipo ser altamente suprimível em virtude do conteúdo retratado na relativa. Reescrevemos os exemplos (104) e (106a) em (109) e (110), respectivamente, com seus contextos:

(109) OC212 | T087 | Folha de São Paulo, 26 jan. 2005 – com contexto

Aterrado, literalmente aterrado, pois se trata de uma tragédia que envolverá terra e Terra, li no último domingo o excelente artigo de Rogério Cezar de Cerqueira Leite, professor emérito da Unicamp, sobre o péssimo futuro que nos aguarda. Para falar a verdade, mesmo sem ser cientista como ele, sempre suspeitei que tudo termina mal, inclusive a aventura do homem na face da tal Terra, ~~que sofrerá tantas e tamanhas modificações que já podemos considerar a humanidade em fase de extinção~~. Entre as desditas que nos abaterão, entre as quais Rogério dedica boa parte de seu texto às fontes de energia, a que mais me assustou foi o degelo da calota polar da Antártida, que elevará em cinco metros o nível da água dos mares.

(110) OC273 | T112 | Jornal do Brasil, 03 nov. 2004 – com contexto

Sua produção, entre as décadas de 40 e 80, oscilou conforme as condições de produção e o espaço permitido pela ditadura salazarista. Mas a partir de 1990, Manoel [de Oliveira] passou a manter o ritmo de um filme por ano. *O quinto império* é seu 37º e lhe rendeu um prêmio especial pelo conjunto da obra no último Festival de Veneza, em setembro. Antes, fez dois filmes que permanecem inéditos no circuito carioca: *O princípio da incerteza* (2002), ~~que~~

~~talvez seja sua obra-prima,~~ e *Filme falado* (2003). Segundo Manoel, as histórias dessas fitas são impulsionadas pela curiosidade:

— É a dúvida que me norteia. Ela é um estímulo porque não tenho certeza de nada, só de que duvido. É como disse Descartes, filósofo de que muito gosto: “Se duvido, penso. Se penso, existo”.

Veja, em comparação, a sentença (103), retomada abaixo como (111): embora, fora de contexto, a relativa seja subjetiva e, portanto, altamente suprimível, o que ainda julgamos válido, podemos verificar, em oposição, que esse tipo de relativa, em alguns casos, pode desempenhar um papel importante em determinado contexto de uso, tendo em vista sua construção semântica; portanto, sua omissão pode acarretar prejuízo na compreensão. O trecho em destaque em (111) faz um contraponto com informação veiculada no parágrafo anterior, sobre o ‘Rio de Janeiro’ (destacada em itálico): o efeito dessa construção é que, ‘no Rio, balas realmente são perdidas, isto é, atiradas ao vento, podendo acertar qualquer um’; já ‘em Bagdá, as balas não são perdidas, mas realmente usadas para seus fins de matar/exterminar, tendo alvo certo’.

(111) OC182 | T078 | Folha de São Paulo, 10 nov. 2004 – com contexto

O Rio é descrito como uma terra de carnificina. Aqui a vida nada vale, à *mercê de balas perdidas e de assaltos radicalmente explícitos*. Exageros à parte, não faltam razões para o aviso preventivo.

No pólo oposto, Bagdá, capital do Iraque, ~~onde as balas não são perdidas, pois todas têm endereço certo e sabido,~~ continua atraindo jovens norte-americanos que para lá se dirigem por conta do Pentágono e do Tesouro dos Estados Unidos. Mais idealistas do que sibaritas em busca de prazer, esses jovens vão para Bagdá com um destino patriótico: matar ou morrer exercendo um tipo de turismo especial, que já teve antecedentes ilustres no Vietnã e em outras paragens.

Já em (112a), abaixo transcrita, o emissor, Rex Pickett, autor do livro *Sideways*, fala sobre a adaptação que o diretor cinematográfico Alexander Payne fez de sua obra, emitindo um juízo de valor sobre a relação do filme com o livro, embora possa parecer, ao seu analisar sua inserção no contexto em (113b), que a relativa também possa trazer apenas uma informação, isto é, em vez de emitir juízo de valor está afirmando que Payne seguiu o livro de

Pickett de maneira honrosa e respeitosa (o que ainda assim poderíamos julgar como uma opinião):

(112) a. OC311 | T127 | Jornal do Brasil, 16 fev. 2005

— [...] Meu livro, que ele honrou e respeitou, é um quebra-molas nessa estrada para a imortalidade cinematográfica.

b. OC311 | T127 | Jornal do Brasil, 16 fev. 2005 – com contexto

No final das contas, *Sideways* é resumido como um acerto de contas facilitado pela paixão pelo vinho.

— Os destilados e a cerveja são bebidas aborrecidas – diz Pickett.

— O quanto o filme de Payne é fiel ao livro que o senhor escreveu?

— O filme é inacreditavelmente fiel ao livro, emocionalmente doloroso e engraçado, que combina comédia rancorosa com melancolia pessoal. E é sobre isso que o livro fala, maravilhosamente captado pelo filme. Payne é um artista descomprometido, que tem lutado pela liberdade de fazer o filme que quer, sem interferências de estúdios. Meu livro, que ele honrou e respeitou, é um quebra-molas nessa estrada para a imortalidade cinematográfica.

— É verdade que as locações do filme também seguem com exatidão o roteiro descrito no livro?

— Todas as cenas foram rodadas em locações reais da área do Vale de Santa Ynez.

Supomos que as orações subjetivas ocorrem principalmente em gêneros textuais da ordem do argumentar, na tipologia dissertativa³⁷, muito embora Loock (2007, p. 355) afirme que as subjetivas também possam estar presentes em textos de caráter ficcional, como no exemplo (113) abaixo³⁸, citado por ele. Novamente ressaltamos que é necessário pesquisar mais sobre a relação entre as ORs e os gêneros textuais em que são empregadas.

³⁷ Para mais informações, veja Köche, Boff e Marinello (2010) e Köche, Marinello e Boff (2012).

³⁸ Conforme explicitado por Loock (2007), a relativa aqui é por ele classificada como subjetiva na medida em que é possível que o narrador forneça uma informação em uma perspectiva humorística e/ou irônica: “quem colocaria esse nome numa filha?!”. O teste com “na minha opinião” cabe nessa relativa por ela ser considerada

(113) *They decided to call her Little Red Riding Hood, which was something they found in a book of baby names between 'Letitia' and 'Lola'.* (FIC_ARC202)

“Eles decidiram chamá-la Chapeuzinho Vermelho, que era algo que eles encontraram em um livro de nomes de bebês entre ‘Cecília’ e ‘Cíntia’”.

Em resumo, podemos concluir que, de fato, é possível encontrar várias ocorrências de relativas explicativas cujo uso é melhor descrito como sendo o da emissão de uma opinião subjetiva do falante, não necessariamente vinculada à continuação do tema do texto, ou não necessariamente vinculada à justificação do uso do termo antecedente. Isso corrobora a necessidade de reconhecer as *explicativas subjetivas* como uma classe de uso particular, com a característica de ser altamente suprimível, se contrapormos com as relativas continuativas e as relativas de relevância.

4.4 Orações relativas explicativas de relevância e informacionais

Nesta seção, repensaremos as informações trazidas pelas relativas que não são consideradas subjetivas ou continuativas, o que nos obriga a incluí-las em outra (ou em outras) categoria(s).

Levaremos em consideração a análise de Loock (2007) para as ORERs e procuraremos manter o princípio de que essa terceira categoria tem como ponto fundamental a relação emissor-destinatário, isto é, a relativa é usada pensando no ‘impacto informacional’ que causará no leitor. Por ‘impacto informacional’ entendemos ‘o que irá contribuir para o entendimento do leitor a apresentação dessa informação?’ (no caso do presente estudo, a informação trazida pela oração relativa explicativa).

O primeiro subtipo de relativa de relevância que Loock (2007) aborda é o das relativas que são utilizadas para ‘nivelar conhecimento’. Contudo, acreditamos que essa característica não deve ser separada dos outros tipos de relativa de relevância. Antes, é preciso deixar claro que estamos entendendo por “nivelar conhecimento” como ‘dar uma informação, sobre determinado fato, que ajuda o destinatário a ter o mesmo nível de conhecimento sobre o referente que o emissor possui’. Tendo isso em mente, as relativas que Loock (2007) julga serem usadas para “legitimar o antecedente”, por exemplo, não deixam de “nivelar

uma opinião (irônica) do narrador do conto de fadas. Julgamos ser esse também o caso do nosso exemplo em (103): “como balas podem ter endereço certo e sabido?!”.

conhecimento”. Entendemos que “nivelar conhecimento” é uma função desempenhada por várias relativas, partindo-se do princípio de que isso ocorre quando o emissor sabe de determinada informação e não tem certeza se o destinatário também o sabe; assim, para evitar a falta de compreensão do assunto em voga por parte do destinatário, o emissor decide apresentar essa informação, na forma de uma relativa. Para o destinatário que sabe a informação, o emprego da relativa acaba se tornando não essencial, redundante. Assim, em nosso julgamento, esse não deve ser um critério para classificar orações relativas, pois, frisamos, vários subtipos de relativas (ditas *de relevância*) têm essa função de “nivelar conhecimento”.

O que sugerimos, então, para as orações de relevância, a partir da análise de nosso *corpus*, é que o tipo de informação expresso nessas relativas pode ser:

- a) uma propriedade inerente do referente do antecedente, apresentando sua característica/conceito/significado;
- b) um esclarecimento sobre por que o referente está sendo mencionado no texto;
- c) uma informação complementar relacionada, direta ou indiretamente, com o referente.

Uma análise mais detalhada dessas funções que propomos para as ORERs pode apontar que elas são, praticamente, iguais às de Looch (2007). A intenção realmente é a de não fugir muito do que esse autor propõe, mas apenas organizar de uma maneira ligeiramente diferente o entendimento sobre essas demais orações relativas não continuativas e não subjetivas. Cabe discutir, ainda, no futuro, se, com essa nossa sugestão, ainda cabe chamá-las todas como ‘relativas de relevância’ ou não.

Na sequência, discutiremos esse nosso entendimento das relativas de relevância, tipo a tipo.

4.4.1 Primeiro subtipo: apresentar uma propriedade inerente

Começamos pelas relativas que trazem uma propriedade, característica ou informação inerente, isto é, própria do referente do antecedente, não sendo passageira ou presente somente naquele contexto de uso. Independente do tempo verbal, a informação veiculada compõe o significado do antecedente, ajudando, normalmente, o destinatário menos informado a entender e/ou identificar o antecedente.

Sua função é ajudar o emissor a conhecer o referente da relativa; portanto, essa relativa “nivela conhecimento” entre emissor e destinatário, visto que o primeiro, não sabendo

se o segundo conhece ou não do que se fala, decide esclarecer determinada informação. Assim, essa relativa pode ser tomada, por alguns destinatários, como supérflua (quando ele conhece o antecedente) ou como esclarecedora (quando desconhece do que se fala).

Os exemplos de relativa de relevância do tipo (a) estão abaixo:

(114) OC027 | T011 | IstoÉ, 29 dez. 2004

Aos 32 anos, ela costuma fazer mais de dez shows por mês e é intérprete da canção que arrebatou o País nos últimos meses: *Sorte grande*, que tem no refrão a palavra “poeira”, entoada por multidões em estádios de futebol³⁹.

(115) OC045 | T019 | Veja, 20 out. 2004

Hoje, o território chinês é considerado um dos lugares mais seguros do planeta, ocupa o 14º lugar no ranking da Transparência Internacional que lista os 133 países que melhor combatem a corrupção e sua renda per capita é de 25.430 dólares.

(116) OC089 | T037 | Folha de São Paulo, 20 out. 2004

O desfile de hipocrisias nas adjacências do tratado se agrava quando se consideram os países que mantêm a bomba extra-oficialmente: Israel, Índia e Paquistão, que jamais aderiram ao acordo.

(117) OC278 | T114 | Jornal do Brasil, 17 nov. 2004

Na entrevista a seguir, ele explica essa aritmética, ao mesmo tempo que desmitifica o controverso projeto de criação da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual (Ancinav), que regularia as relações do setor cinematográfico e televisivo no país, deixando claro por que fazer cinema às vezes confunde-se com fazer política.

³⁹ Não é claro o encaixe da oração “entoada por multidões em estádio de futebol”, se está no mesmo nível da oração relativa ou abaixo dele. Como isso não influencia a classificação da oração relativa, ignoramos essa parte da frase.

(118) OC347 | T142 | Jornal do Brasil, 17 jan. 2005

Diferentemente de outros soberanos europeus, que reinavam, mas não governavam, os reis portugueses, como demonstrou Raymundo Faoro em *Os donos do poder*, reinavam e governavam.

Com relação à sentença (115), faz-se necessário um esclarecimento: a oração “que lista os 133 países que melhor combatem a corrupção” pode ser identificada como uma ORER. A uma primeira vista, a ausência de vírgulas (vírgulas, no plural, pois haveria também uma após o termo “corrupção”) implicaria – sem análise de sentido – na sua classificação como uma oração relativa *restritiva*. Contudo, a informação veiculada pela relativa nada mais nos parece do que uma explicação do que é o “ranking da Transparência Internacional” (= ‘listagem classificatória dos 133 países que melhor combatem a corrupção’), ou seja, uma forma utilizada pelo emissor para explicar o significado do antecedente, visto sua preocupação antecipada em tornar suas informações importantes – relevantes – para o leitor (afinal, algum de seus leitores podem não saber o que é esse “ranking”). O referente sozinho poderia não fazer sentido para alguns leitores (não ser relevante).

Supomos existir dois tipos de informações veiculadas pelas relativas que podem ser consideradas “propriedades inerentes” do referente denotado pelo antecedente: (i) as informações de referentes mais empregados no cotidiano, mais usuais, julgadas mais fáceis de encontrar, de senso comum ou de nível enciclopédico, como em (119-122) abaixo; e (ii) as informações de referentes mais específicos, menos comuns, de contexto particular, presentes em (123-126). É possível notar, por exemplo, que “revista” em (125) e “filme” em (126) referem-se a coisas do mundo específicas para aquele texto em que são usadas; já “quadrantectomia” em (119) e “súmula vinculante” em (120), só para citar os dois primeiros exemplos, são conceitos, termos de emprego mais definido, específico. Essa distinção pode impactar na supressibilidade: as relativas do subtipo (i) seriam mais suprimíveis do que o subtipo (ii), pois sua finalidade única é nivelar conhecimento, ou seja, o emissor as emprega para garantir que seu destinatário entenda do que ele está falando (caso ele não saiba), enquanto que o segundo tipo, embora possa nivelar conhecimento, traz uma informação de um referente bem menos conhecido pelo destinatário e sua remoção poderia causar a perda de algum dado não mencionado anterior ou posteriormente no texto.

Veja abaixo os exemplos citados acima:

(119) OC059 | T023 | Veja, 17 nov. 2004

Hoje, tumores de até 3 centímetros de diâmetro são eliminados numa operação chamada quadrantectomia, na qual se extrai apenas um quarto da mama.

(120) OC107 | T045 | Folha de São Paulo, 15 dez. 2004

O principal mecanismo criado para desafogar a Justiça em nível constitucional, a súmula vinculante (que obriga juízes de instâncias inferiores a seguir o entendimento da corte mais alta), diz respeito apenas ao STF e pouco afetaria esse acúmulo de processos.

(121) OC323 | T132 | Jornal do Brasil, 08 nov. 2004

A palavra [“escravo”] a aparece nos compostos *slave cache*, *slave store*, *slave terminal*, *slave processor* e *slave tube*, designando escravos eletrônicos encarregados de guardar dados, nos dois primeiros casos, e escravos incumbidos de apresentar e processar o que o computador central determina, nos dois seguintes, e [aparece também no composto] monitor escravo que mostra exatamente o que a primeira unidade está exibindo⁴⁰.

(122) OC364 | T150 | Zero Hora, 03 nov. 2004

Estão pendentes de decisão legislativa temas fundamentais, como o são os projetos da Parceria Público Privada, da Lei de Falências, das agências reguladoras, da Lei de Biossegurança e mais de uma dezena de medidas provisórias – que trancam a pauta da Câmara dos Deputados.

(123) OC139, OC140 | T061 | Folha de São Paulo, 24 nov. 2004

Imprensados entre o antigo decreto, que restringia o número de andares na avenida, e a nova lei, que diminuirá a área a ser construída no lado dos Jardins, dezembro e janeiro se tornarão meses valiosos para o mercado imobiliário, justamente num dos endereços mais caros da capital.

⁴⁰ Embora a ausência da vírgula, não há como não argumentarmos que o entendimento que se faz é de uma oração explicativa, visto que não restringe o significado de “monitor escravo”, mas sim o define, como fez com os demais termos (afinal, todo “monitor escravo” “mostra exatamente o que primeira unidade está exibindo”).

(124) OC269 | T111 | Jornal do Brasil, 27 out. 2004

O comentado diálogo escrito por Quentin Tarantino em *Kill Bill - Volume 2*, atualmente em cartaz, **no qual** David Carradine filosofa sobre a tragédia humana a partir da relação do herói com seu alter ego Clark Kent, deixa ainda mais claro o quanto a criação dos jovens Jerome (Jerry) Siegel e Joseph (Joe) Shuster virou um autêntico mito moderno.

(125) OC279 | T115 | Jornal do Brasil, 24 nov. 2004

No número 1 da revista, **que tem 36 páginas e custa R\$ 4**, tiras do trio e dos convidados Fábio Zimbres e Schiavon.

(126) OC286 | T118 | Jornal do Brasil, 15 dez. 2004

O filme [*Meu tio matou um cara*], **que é curtinho (tem 83 minutos)**, fala de jovens, de crimes e de gente que vive passando a perna nos outros.

É importante salientar, também, que, tomada em seu contexto de uso, a relativa presente no exemplo (119) não é meramente a expressão de uma característica definicional da “quadrantectomia”; a explicativa tem mais importância textual na medida em que contrapõe “quadrantectomia” – que exige extirpação de apenas um quarto da mama – à sua “extirpação total”. Portanto, no contexto textual em que ocorre, a supressibilidade de (119) fica afetada:

(127) OC059 | T023 | Veja, 17 nov. 2004 – com contexto

??Há vinte anos, não importava o tamanho do tumor, a cirurgia para a sua retirada implicava a extirpação total da mama. Além dela, como forma de prevenção à reincidência da doença, fazia-se a remoção de todos os gânglios linfáticos e dos músculos peitorais. Era uma cirurgia drástica, de resultados desfigurantes. Hoje, tumores de até 3 centímetros de diâmetro são eliminados numa operação chamada quadrantectomia, ~~na qual se extrai apenas um quarto da mama~~. A experiência é, sem dúvida, bem menos traumática. Mesmo nos casos em que é necessária mastectomia radical, os resultados estéticos estão infinitamente melhores. As modernas técnicas de cirurgia plástica permitem, em boa parte dos casos, a reconstrução imediata da mama operada.

Em resumo, essas características todas acabam tornando as relativas de relevância do tipo (a) – as que expressam propriedades ou características inerentes do antecedente – suprimíveis de acordo com o destinatário: conhecendo a informação expressa na relativa sobre o antecedente, algum destinatário pode entender que removê-la não fará falta; enquanto outro destinatário pode não a julgar omissível na medida em que sua ausência pode prejudicar o entendimento da sentença e, às vezes, do próprio texto como um todo.

4.4.2 Segundo subtipo: justificar a presença do antecedente

Observe o trecho abaixo, extraído de nosso *corpus*, com a respectiva oração relativa assinalada:

(128) OC270 | T111 | Jornal do Brasil, 27 out. 2004 – com contexto

O rosto do novo Super-Homem talvez só seja familiar aos maiores fãs de séries como *Will & Grace* e *Gilmore girls*, das quais ele participou em um ou dois episódios.

Mas nunca tão familiar quanto os de Nicolas Cage, de Brendan Fraser ou de Jim Caviezel, cotados anteriormente para o papel que Routh ganhou. A seleção mobilizou milhares de candidatas nos EUA, Inglaterra, Canadá e Austrália. E Routh venceu por ter potencial e ser novidade - requisito principal para Singer.

Menos de uma semana depois do convite para viver o super-herói, o nome de Routh se espalhou pela mídia em todo o planeta e da noite para o dia o ator ganhou biografias nos maiores sites especializados em cinema. O que só comprova o peso que a figura do último filho do fictício planeta Krypton tem para a cultura pop. [...]

— Ele é o último dos heróis bonzinhos em um mundo *dark*. Por isso, o “S” em seu uniforme talvez seja um signo tão popular quanto o “M” do McDonald's — diz o desenhista paulista Marc Campos, que artefinaliza um dos gibis americanos do Super-Homem.

Vem de sua absoluta condição mítica, sua constância nas páginas dos quadrinhos, no cinema e até na televisão, onde seriados como *Smallville* são campeões de audiência. E também sua constante reinvenção.

Poucos foram os personagens que inspiraram tantas reatualizações quanto o Super-Homem, que foi concebido em 1934 e só veio a ser publicado quatro anos depois, nas páginas da revista *Action comics*, para a qual foi vendido por US\$ 130, uma ninharia.

Essa mesma relativa pode ser eliminada, sendo rerepresentada de outra forma: como um aposto. Veja essa alteração em (129):

(129) OC270 | T111 | Jornal do Brasil, 27 out. 2004 – modificado

— Ele é o último dos heróis bonzinhos em um mundo *dark*. Por isso, o “S” em seu uniforme talvez seja um signo tão popular quanto o “M” do McDonald's — diz o desenhista paulista Marc Campos, artefinaliza um dos gibis americanos do Super-Homem.

Com esses exemplos, vemos que tanto o aposto, em (129), quanto a oração explicativa, na versão original em (128), são ferramentas linguísticas utilizadas, nesse caso, para justificar por que o antecedente (no caso, “o desenhista paulista Marc Campos”) foi citado, isto é, o aposto/a relativa legitima sua presença no texto: ele não é qualquer desenhista, mas um profissional que atua diretamente nas Histórias em Quadrinhos do Super-Homem⁴¹.

Uma explicativa como a em (128) é uma relativa de relevância do tipo (b): são as explicativas empregadas com o intuito de legitimar o uso do antecedente, isto é, servem para o emissor esclarecer ao destinatário por que ele mencionou aquele referente do antecedente (por que foi usado na oração principal, no texto em si, dentro daquele universo de discurso). Sem a presença da relativa, a informação expressa na OP pode parecer perdida, incoerente com o restante, o que faz esse tipo de relativa pouco suprimível.

Quando se usa com NP (autoridade), como em (128), empregar uma relativa é um mecanismo coesivo que pode, entendemos, ‘diminuir’ a sensação de ruptura de continuidade do texto, pois permite o entendimento, por parte do destinatário, de por que essa citação de autoridade foi feita: pode ter sido realizada, por exemplo, uma entrevista com uma pessoa, e o fato de ser um estudioso da área relativa ao tema do texto justifica sua citação: sendo um

⁴¹ Cabe ressaltar que, nesse exemplo, pode-se dizer que a expressão “desenhista”, que antecede “Marc Campos”, já evidencia de quem se está falando, sendo a relativa, nesse caso, um ‘reforço’ do que já estava expresso. No entanto, julgamos que, ainda assim, a relativa tem sua importância na medida em que situa a menção desse desenhista no universo de discurso em questão.

especialista, o que disse certamente contribui para a informação veiculada pela notícia/reportagem.

Veja outro exemplo: considere, primeiro, a versão modificada do texto em (130), em que a explicativa foi suprimida; e, a seguir, a versão completa do texto em (131), em que a explicativa é reinserida.

(130) OC348 | T142 | Jornal do Brasil, 17 jan. 2005 – com contexto, modificado

O resultado é um idioma repleto de recursos de expressão, entretanto martirizado pelas altas taxas de analfabetismo e pela obsessão do brasileiro por mais ouvir e falar do que ler e escrever.

A atuação do Marquês de Pombal no terremoto de Lisboa, combinada com um maremoto devastador, lembra-nos o acerto da velha sabedoria chinesa.

Nossos jornalistas de plantão adotaram imediatamente a palavra “tsunami”, estranha à língua portuguesa, para substituir a palavra “terremoto”, registrada desde o século 14, e “maremoto”, presente na língua já no alvorecer do século 17, mais coerentes e mais bonitas.

(131) OC348 | T142 | Jornal do Brasil, 17 jan. 2005 – com contexto

O resultado é um idioma repleto de recursos de expressão, entretanto martirizado pelas altas taxas de analfabetismo e pela obsessão do brasileiro por mais ouvir e falar do que ler e escrever.

A atuação do Marquês de Pombal no terremoto de Lisboa, combinada com um maremoto devastador, lembra-nos o acerto da velha sabedoria chinesa, que designa crise e oportunidade com o mesmo ideograma.

Nossos jornalistas de plantão adotaram imediatamente a palavra “tsunami”, estranha à língua portuguesa, para substituir a palavra “terremoto”, registrada desde o século 14, e “maremoto”, presente na língua já no alvorecer do século 17, mais coerentes e mais bonitas.

Não é possível negar que a relativa em questão nos auxilia a entender por que “velha sabedoria chinesa” foi empregada, já que parece destoar do restante do texto: a OR está legitimando a presença do antecedente nessa oração.

O mesmo ocorre na sentença abaixo, transcrita com seu contexto de uso:

(132) OC263 | T108 | Jornal do Brasil, 16 fev. 2005 – com contexto

Além do abalo simbólico (foi a primeira derrota de um candidato oficial do governo à presidência da Câmara, uma tradição na Casa), a vitória de Cavalcanti põe em xeque a divisão de poderes entre os ministros Aldo Rebelo e José Dirceu. Há um ano os dois batem cabeça na articulação política do Planalto. [...] Dividido entre duas candidaturas [...], o PT sai ferido com as lutas internas. Mais: amanheceu a terça-feira escorraçado da Mesa Diretora. Não ocupará nenhuma das sete secretarias—~~que dão visibilidade política e maior poder de negociação.~~

Sem o controle sobre as mesas, a despeito de todos os discursos em torno da independência dos poderes, governo algum é capaz de tocar sua pauta legislativa.

No exemplo a seguir, a oração relativa também legitima a presença do antecedente: ele não é citado até aquele momento e cabe à informação da relativa esclarecer ao destinatário qual sua função no texto, justificando sua citação:

(133) OC405 | T163 | Zero Hora, 09 fev. 2005 – com contexto

Um dia depois do histórico acordo de cessar-fogo entre Israel e Palestina, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) formaliza hoje o tema *Solidariedade e Paz* para a Campanha da Fraternidade deste ano, que envolverá todas as igrejas cristãs. Assim como o acordo de cúpula no Oriente Médio, **sobre o qual se voltam as atenções mundiais**, o programa ecumênico baseado no lema *Felizes os que promovem a paz* busca o fim da intolerância por motivos como os raciais e os religiosos, defendendo relações mais fraternas entre seres humanos. Em âmbito nacional ou mundial, o caminho mais adequado para assegurar essa conquista é a disposição para transigir em favor de uma causa comum, com ênfase na soma de esforços, no diálogo e, sobretudo, em ações concretas.

Na sentença (134), abaixo, o emissor até podia não empregar a relativa, pois o tópico conversacional da sentença anterior mantém-se na sentença seguinte. Mas a explicativa é utilizada para garantir que o destinatário entenda por que a informação da OP foi inserida no

texto; ela não deixa de, nesse caso, além de legitimar a presença do antecedente, nivelar conhecimento.

(134) OC037 | T015 | IstoÉ, 02 fev. 2005 – com contexto

A Novartis colocou no mercado o Diovan Amlo, que combina o valsartan (inibe a ação da substância angiotensina II, envolvida no processo de aumento da pressão) com o anlodipino (ajuda na dilatação dos vasos sanguíneos). A empresa garante que a associação das duas drogas torna possível a redução da dosagem de cada uma e, conseqüentemente, dos incômodos causados separadamente pelos medicamentos, como dor de cabeça e inchaço nas pernas.

Outro objetivo da indústria é produzir remédios que controlem a pressão e ofereçam uma proteção direta aos vasos. “O valsartan e o anlodipino também protegem o coração e os rins, que sofrem os efeitos da hipertensão”, afirma Roberto Arruda, da Novartis.

Como vimos no Capítulo 3, baseados em Loock (2007, p. 347), podemos usar uma reduzida de gerúndio nas relativas de relevância do tipo (b), o que pode servir como um pequeno teste para a identificação desse subtipo de ORER. Compare (135) com (136), abaixo:

(135) OC136 | T060 | Folha de São Paulo, 17 nov. 2004

O promotor Carlos Roberto Talarico, que acompanhou todo o caso, disse à Folha que recebeu o inquérito ontem e terá até cinco dias para oferecer denúncia à Justiça contra os três acusados.

(136) OC136 | T060 | Folha de São Paulo, 17 nov. 2004 – modificado

O promotor Carlos Roberto Talarico, tendo acompanhado todo o caso, disse à Folha que recebeu o inquérito ontem e terá até cinco dias para oferecer denúncia à Justiça contra os três acusados.

Assim, percebemos que algumas relativas são empregadas com o intuito de esclarecer por que determinado referente foi utilizado no texto, o que proporciona coesão. Essas relativas são tidas como de relevância e, por suas características, agrupadas como um subtipo particular.

4.4.3 Terceiro subtipo: relativas informacionais

Por fim, a relativa desse grupo mais comum (pouco mais que 70% do nosso *corpus*), o tipo (c), é a que chamaremos de Oração Relativa Explicativa Informacional⁴², pois simplesmente apresenta uma informação adicional sobre o antecedente que importa no contexto. Não possui, como principal função, apresentar uma característica inerente do referente do antecedente ou legitimar sua presença no texto; na verdade, complementa a informação trazida na oração principal, sendo uma “adição” ao que é dito sobre o referente, uma informação extra⁴³, que esclarece sua relação com o contexto. Esse subtipo de relativa de relevância até pode “nivelar conhecimento”, na medida em que a informação trazida seja desconhecida pelo interlocutor, mas a finalidade de seu emprego não é ‘dar mais informação sobre o antecedente’; é, antes, dar informação que é relevante no contexto.

Veja alguns exemplos de relativas de relevância do tipo (c) que encontramos em nosso *corpus*:

(137) OC021 | T009 | IstoÉ, 15 dez. 2004⁴⁴

[José Dirceu] Montou uma nova vida casando-se com Clara Becker, de quem escondeu a verdadeira identidade por quatro anos.

(138) OC344 | T140 | Jornal do Brasil, 03 jan. 2005⁴⁵

Os magos viajaram de camelo, que em árabe é “jamal”.

(139) OC413 | T167 | Zero Hora, 27 out. 2004

Ontem à noite, no interior do prédio histórico, do qual só resta a carcaça, foi anunciada a transformação do local na futura cinemateca gaúcha.

⁴² Em um estudo mais aprofundado, poderia ser discutida a pertinência de esse tipo de relativa ser agrupada dentro das “relativas de relevância”, como se faz neste momento, ou se essas “relativas informacionais” possuem caráter de divisão principal (isto é, lado a lado com as continuativas, as subjetivas e as de relevância).

⁴³ Entenda-se por ‘extra’ não a mesma coisa que ‘acessória’, isto é, ‘descartável’, mas como ‘adicional’. O termo ‘extra’ aqui empregado não leva em consideração a importância da informação em termos de conteúdo.

⁴⁴ O trecho do texto fala sobre a vida clandestina de José Dirceu.

⁴⁵ O texto em que essa frase está presente é de uma coluna jornalística sobre etimologia.

(140) OC436 | T177 | Zero Hora, 12 jan. 2005

Quando corriam para chegar antes do fechamento do portão, marcado para as 8h30min, Willian e Cristian foram parados por três policiais militares, que os confundiram com assaltantes.

(141) OC452 | T186 | Zero Hora, 06 nov. 2004

Pois quando a Elis Regina morreu, quase todas as reportagens nos jornais daqui davam conta de uma bronca que a cantora teria com o Estado, que por sua vez teria uma bronca de volta com ela.

A supressão das explicativas informacionais pode causar a perda de uma informação a nível apenas de conhecimento para o destinatário ou remover uma informação importante para a compreensão do texto. Abaixo, rerepresentamos os exemplos (137-141) com seus contextos de uso:

(142) OC021 | T009 | IstoÉ, 15 dez. 2004 – com contexto

??[José Dirceu] Fez cirurgias plásticas e quando bateu em Cruzeiro do Oeste convertido em caixeiro-viajante, já era Carlos Henrique Gouveia de Mello. Montou uma nova vida casando-se com Clara Becker, de quem escondeu a verdadeira identidade por quatro anos. “Não tinha jeito. Fiquei dez anos sem falar com meus pais. Se é para viver clandestino, é para viver clandestino, senão você vai ser morto.”

(143) OC344 | T140 | Jornal do Brasil, 03 jan. 2005⁴⁶ – com contexto

???Os magos viajaram de camelo, que em árabe é “jamal”. Predominou, entretanto, a forma grega “kamélos”, que resultou no latim “camelus”, de onde veio para o português.

(144) OC413 | T167 | Zero Hora, 27 out. 2004 – com contexto

A restauração do Cine Theatro Capitólio, um dos projetos mais aguardados pela comunidade cultural de Porto Alegre, ganhou novo fôlego para finalmente sair do papel. Ontem à noite, no interior do prédio histórico, de

⁴⁶ O texto em que essa frase está presente é de uma coluna jornalística sobre etimologia.

~~qual só resta a carcaça~~, foi anunciada a transformação do local na futura cinemateca gaúcha. A cerimônia reuniu a classe artística e foi marcada por um espetáculo acrobáticos do grupo Falus & Stercus nas estruturas do prédio.

(145) OC436 | T177 | Zero Hora, 12 jan. 2005 – com contexto

??A abordagem policial polêmica ocorreu no começo da manhã de segunda-feira, na Rua João Alfredo, a poucos metros do portão da Escola Estadual Professora Leopolda Barnewitz, onde ocorreria a prova. Quando corriam para chegar antes do fechamento do portão, marcado para as 8h30min, Willian e Cristian foram parados por três policiais militares, ~~que os confundiram com assaltantes~~. Os irmãos afirmam que os PMs apontaram uma pistola em sua direção e não acreditaram quando eles afirmaram que eram vestibulandos. Quando finalmente foram liberados, encontraram a escola fechada.

(146) OC452 | T186 | Zero Hora, 06 nov. 2004 – com contexto

?Pois quando a Elis Regina morreu, quase todas as reportagens nos jornais daqui davam conta de uma bronca que a cantora teria com o Estado; ~~que por sua vez teria uma bronca de volta com ela~~. O crime foi: Elis foi morar no Rio aos 18 anos, perdeu o sotaque e não parecia acreditar que nossas façanhas deviam servir de modelo a toda terra. O castigo: uma certa aporrinhação com relação ao fato de ela ter se tornado mais brasileira do que gaúcha ou - o horror, o horror – mais carioca do que gaúcha.

4.4.4 Relações entre os subtipos de ORERs

Nesta seção, verificamos algumas distinções e semelhanças que podemos encontrar em algumas relativas de relevância, devido às interações que podem ocorrer entre os subtipos.

Veja, por exemplo, o caso abaixo, uma relativa do tipo (a):

(147) OC339 | T139 | Jornal do Brasil, 27 dez. 2004

No conto de Reymont, Judas, que é ruivo, come a ave enquanto Pedro e Jesus dormem.

Nesse exemplo acima, a relativa, embora uma característica inerente do referente “Judas”, não parece ter a mesma importância para o entendimento da sentença do que as relativas do tipo (a) em (114-118). Notamos, assim, que nem toda relativa de relevância com característica inerente traz informação essencial para a compreensão da sentença e, embora possamos argumentar que essa informação também faz ou pode fazer o destinatário conhecer algo que não conhecia (nesse exemplo, que ‘Judas é ruivo’), nem sempre será a propriedade de “nivelar conhecimento” sua função primeira. Ressalvamos, porém, a hipótese de, na continuidade do texto, tal característica do referente ser essencial para a compreensão do restante do texto. Se o texto informasse, por exemplo, que ‘ser ruivo detém determinada vantagem ou desvantagem’, a pessoa não saber que “Judas é ruivo” poderia prejudicar a compreensão de determinado fato por parte do destinatário; nesse caso, podemos, sim, argumentar que a relativa estaria nivelando conhecimento, pois teria sido empregado a fim de ajudar o destinatário a compreender o texto. No caso de (147), porém, a relativa apresenta simplesmente uma informação adicional, que é, porém, uma propriedade inerente do referente. Por isso, essa relativa não deve ser confundida com as relativas do tipo (c), que, embora sejam informações adicionais, não são propriedades inerentes do referente. Compare com a sentença abaixo, do tipo (c):

(148) OC019 | T008 | IstoÉ, 08 dez. 2004

Agora, a atenção principal deve ser dada às sobranceiras, que vêm finas e bem delineadas.

Embora ‘vir finas e bem delineadas’ seja uma característica das “sobranceiras”, é uma característica temporária: é a moda daquela época, nem sempre será assim. Essa relativa, assim, não apresenta uma característica inerente (relativas de relevância do tipo (a)), mas apenas uma informação adicional (relativas de relevância do tipo (c)). A diferença entre as explicativas de tipo (a), exemplificadas por (114-118) e (147), e as de tipo (c), como (137-141), reside precisamente neste ponto: as de tipo (a) apresentam informações não temporárias do referente, propriedades inerentes; as de tipo (c), ao contrário, apresentam justamente informações temporárias e/ou adicionais.

É importante enfatizar que nas relativas do tipo (c) a intenção do emissor não é (só) “nivelar o conhecimento do interlocutor”, pois não interessa a ele o conhecimento que o destinatário tem sobre o antecedente. Antes, ele quer apresentar uma informação sobre o antecedente que é relevante para o contexto, e o faz através de uma explicativa. Essa

informação da relativa é própria do que está sendo discutido, não apenas do antecedente. Compare, nesse sentido, os exemplos (137-141) com o caso abaixo, em que a informação veiculada na explicativa expressa uma informação que não é própria do que está sendo discutido, mas é característica inerente do antecedente – trata-se de relativa de relevância do tipo (a):

(149) OC047 | T019 | Veja, 20 out. 2004

A reforma da sua polícia – **que**, além da substituição de policiais, incluiu até o redesenho dos uniformes, tamanho era o desgaste da instituição entre a população – acabou por reduzir à metade os índices de criminalidade na cidade nas últimas duas décadas.

O que justifica discursivamente a relativa em (149) é dar informação *inerente* à “reforma” de que se fala – busca, assim, “nivelar o conhecimento que interlocutor tem do referente” –, mas não tem a relação com o tema que se discute no trecho, isto é, com a redução de índices de criminalidade.

Já no exemplo (150) a seguir temos outro caso: ‘ser a base da democracia americana’ não é uma característica inerente ao “federalismo”. Nesse caso, a relativa está legitimando a presença do antecedente (o que nos faz classificá-la como do tipo (b)): “o federalismo” não é citado de modo direto em nenhum momento anterior do texto e, ao menos para o leitor (brasileiro) comum, não é óbvia sua relação com o tema do parágrafo anterior; a função da relativa é, justamente, dizer que há essa relação, assegurando coesão ao texto; sem a oração relativa, essa sentença ficaria sem sentido no texto, como se vê em (151).

(150) OC053 | T021 | Veja, 03 nov. 2004

O federalismo, **que** é a base da democracia americana, pode existir em várias versões.

(151) OC053 | T021 | Veja, 03 nov. 2004 – com contexto

Os Estados Unidos nasceram e foram construídos ao som das discussões sobre como dividir o poder entre Washington e os Estados da federação. “A base da democracia americana é a descentralização do país, e isso se reflete em nosso sistema eleitoral”, disse a VEJA o cientista político Michael Traugott, especialista em eleições da Universidade de Michigan. Ou seja, como o país

quer continuar a ser os Estados Unidos da América, cada Estado tem autonomia para escolher sua máquina de votação e seu processo eleitoral – e a eleição por meio do Colégio Eleitoral visa a garantir isso. A eleição americana é de fato uma série de votações estaduais realizadas no mesmo dia.

O federalismo, ~~que é a base da democracia americana~~, pode existir em várias versões. Algumas concedem mais liberdade às unidades regionais, outras menos. O Brasil é uma federação, mas os Estados têm menos autonomia do que nos EUA. A forma como se decidem as questões eleitorais é uma amostra do nível de autonomia dos Estados americanos: enquanto no Brasil as unidades da federação devem seguir as regras para as eleições que um órgão centralizado estabelece, nos Estados Unidos essa competência é dos Estados, que ainda por cima podem repassá-la aos condados.

Cabe ressaltar, ainda, que uma relativa de relevância não só traz uma característica inerente *ou* legitima o antecedente *ou* contém uma informação extra; essas funções podem se mesclar. No exemplo (152), a relativa pode ser entendida como um modo de legitimar a menção do referente no texto (inclusive servindo de elemento coesivo nesse caso); mas também é uma informação adicional – não inerente – que permite ver a relação do antecedente com o assunto do texto, “Ronaldo”.

(152) OC432 | T175 | Zero Hora, 29 dez. 2004 – com contexto

De volta à vila, situada entre a Avenida Loureiro da Silva e o Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, o menino [Ronaldo] não largou mais o brinquedo. Exibia orgulhoso o veículo diante das crianças que não tiveram a mesma sorte, enquanto as escavadeiras ainda removiam o entulho.

A bicicleta nova ajudou Ronaldo a esquecer também a ausência do pai, preso por tráfico de drogas em Charqueadas. A mãe mantém a família separando lixo para reciclagem até as 17h30min. Nesta hora, Mara deixa as seis crianças com uma irmã e sai à cata do que vai separar no dia seguinte. A profissão de papeleiro **que sustenta Ronaldo** movimentava a economia da vila. É justamente por causa da atividade que os moradores não querem deixar o lugar.

— Precisamos de material de construção para reformar as casas e continuar aqui. Se a gente sai, perdemos os pontos de coleta no Centro – diz Marcos Roberto Santos, um dos líderes da comunidade.

Como se pode ver, não levamos em conta a ausência das vírgulas, pois, ao menos para nós, é nítido que a informação da relativa não pode restringir o antecedente “profissão de papeleiro”.

Encontramos a mesma dupla finalidade na sentença a seguir, em que a relativa pode ser considerada uma característica inerente do antecedente “agrobói” (uma tentativa de “nivelar o conhecimento do interlocutor” sobre o referente), ou uma informação extra sobre o referente. A certeza que temos é a de que a relativa não é usada para legitimar o antecedente: a menção ao “agrobói” já foi justificada pela sentença precedente, tanto o é que a explicativa pode ser removida sem prejuízo de sentido (note a falta de vírgula, embora não haja justificava para a relativa ser restritiva):

(153) OC332 | T136 | Jornal do Brasil, 06 dez. 2004 – com contexto

O metrossexual mora nas grandes cidades. Poderíamos ter um metrossexual rural? Na verdade, já o temos, desde a década passada. É o “agrobói” que, em companhia da “agrogirl”, abre seu sorriso exportador, indicador do sucesso do agronegócio. Mas ele não mora em metrópoles. Os centros de difusão, se o registraram, não o acolheram. Além do mais, veste-se com outros cuidados, frequenta rodeios e não boates.

Idem para o caso abaixo, cuja relativa pode expressar uma informação a mais ou uma forma de legitimar a presença do antecedente (veja melhor em (155), com a apresentação do contexto):

(154) OC478 | T196 | Zero Hora, 05 fev.. 2005

Definida a participação na festa, veio o problema da fantasia, que não havia em casa e nem no minúsculo comércio local.

(155) OC478 | T196 | Zero Hora, 05 fev.. 2005 – com contexto

Alguém da vizinhança aparece com a idéia de ir ao baile infantil da Sapi, em Imbé. Minha prima, dois ou três anos mais velha, anima-se com o programa, os possíveis namorados, o figurino, a maquiagem. Entusiasmada com o début carnavalesco da caçula, minha mãe determina:

— A Cláudia vai junto.

— Hã?

Não reclamei porque ainda não sabia que não gostava de Carnaval – e porque sair com a prima mais velha é mais ou menos a coisa mais emocionante que pode acontecer na praia quando se tem nove anos.

Definida a participação na festa, veio o problema da fantasia, que não havia em casa e nem no minúsculo comércio local. E ir a um baile de Carnaval sem fantasia era uma confissão de derrota social para a qual eu e minha prima ainda não estávamos preparadas, concluíram os adultos da casa. Minha mãe não se abateu. Botou os olhos na cortina da cozinha e saiu pegando a tesoura:

— Não tem tu, vai tu mesmo.

Antes de finalizarmos nossa discussão sobre as ORERs, queremos apresentar mais um caso que julgamos interessante:

(156) OC013 | T006 | IstoÉ, 24 nov. 2004

A pasta das Comunicações poderia servir como prêmio de consolação para o atual ministro da Coordenação Política, Aldo Rebelo, que representa o mirrado PCdoB.

De imediato, podemos afirmar que a relativa do exemplo (156) não legitima o antecedente, pois seu conteúdo em nada contribui para justificar a menção ao antecedente, “Aldo Rebelo”. Podemos até julgá-la como expressando uma característica inerente, pois ‘representar o PCdoB’ faz parte da vida pessoal do referente, mas como o assunto é volátil (isto é, ele pode trocar/ter trocado de partido ao longo desses anos, etc.), é mais provável tratar-se de uma informação extra apresentada na relativa. O que não nos deixa dúvida é ser uma ORE de relevância, e não continuativa ou subjetiva.

Assim, é importante salientar que os limites entre os tipos de ORER (e, mais amplamente, a distinção entre os próprios três tipos de ORE – como veremos na seção 5.1) podem ser muito tênues a depender da motivação do emissor ao empregar uma oração relativa.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS CASOS DE ORAÇÕES EXPLICATIVAS

Neste capítulo, analisaremos alguns casos que julgamos merecer uma atenção especial, quais sejam: a interação entre os diferentes tipos de explicativas; orações com travessão e parêntese; orações com antecedente frasal; e orações tendo Nome Próprio (NP) como antecedente.

5.1 Interação entre OREs

A título de conhecimento, vamos à discussão de alguns casos encontrados em nosso *corpus* os quais julgamos de difícil classificação em um único tipo de relativa.

Começamos pelo exemplo em (157): nele, percebe-se uma articulação metafórica: “balanços contábeis” são comparados a “balanços de parquinhos”; por isso, a relativa poderia ser considerada subjetiva, mas não podemos descartar a hipótese de a relativa ser uma informação extra, um comentário que o emissor achou relevante trazer para seu destinatário.

(157) OC336 | T138 | Jornal do Brasil, 20 dez. 2004

Há também agências de larga influência na vida financeira das nações, especializadas em cosméticos e maquiagem, principalmente de balanços, que no caso não são infantis nem estão instalados em parques públicos, onde todos poderiam contemplar suas brincadeiras.

A última relativa (iniciada pelo constituinte relativo “onde”), em contrapartida, poderia ser tida como de relevância, pois podemos considerar como característica inerente de “parques públicos” que as “brincadeiras” feitas ali podem ser ‘contempladas por todos’.

O exemplo abaixo também oscila entre relevância e subjetiva. Ao menos parcialmente é de relevância, visto trazer uma informação sobre o antecedente (do que trata a “história”, para situar o leitor que desconhece o filme); mas ao mesmo tempo tem um caráter subjetivo, pois podemos perceber a presença da opinião do falante sobre o filme. Como se vê em (159), essa relativa tende a ser mais suprimível do que outras:

(158) OC477 | T195 | Zero Hora, 29 jan. 2005

O filme *Perto Demais*, ainda em cartaz em Porto Alegre, agitou o meu sono de um jeito um pouco parecido. Nos últimos dias, não parei de pensar na crueza

dessa história, que revela a comédia do narcisismo amoroso com uma crueldade impressionante.

(159) OC477 | T195 | Zero Hora, 29 jan. 2005 – com contexto

O filme *Perto Demais*, ainda em cartaz em Porto Alegre, agitou o meu sono de um jeito um pouco parecido. Nos últimos dias, não parei de pensar na crueldade dessa história, ~~que revela a comédia do narcisismo amoroso com uma crueldade impressionante.~~ Virando do avesso todos os clichês do romantismo, dois casais trocam e destrocam de amantes, manipulam, mentem e trapaceiam, enquanto na superfície parecem estar falando o tempo todo de amor.

Por sua vez, a relativa destacada em (160) abaixo pode trazer uma característica inerente das “recentes garotas de Ipanema” (sendo, portanto, uma relativa de relevância das que buscam “nivelar o conhecimento do interlocutor”), mas também pode ser uma avaliação/crítica/ironia do emissor sobre esse grupo (ou seja, uma relativa explicativa subjetiva). O contexto de uso da relativa está apresentado em (161).

(160) OC215 | T088 | Folha de São Paulo, 02 fev. 2005

Com as recentes garotas de Ipanema, que são gordas e tchecas, mais um presidente também gordo, mas nascido em Garanhuns, podemos dar a impressão ao resto do mundo de que somos um país de obesos, não se justificando as estatísticas oficiais que nos dão como um povo com carência de proteínas, de vitaminas e de sais minerais.

(161) OC215 | T088 | Folha de São Paulo, 02 fev. 2005 – com contexto

Reparei que o presidente usava um blusão que o tornava mais rechonchudo do que o habitual, embora seja voz geral, na Aeronáutica, que recebeu o novo avião, e no próprio Ministério da Saúde, que o presidente deve perder alguns quilos para melhor caber na cama voadora colocada à sua disposição. E, de quebra, motivar a população a evitar a obesidade e a ingestão excessiva de calorias.

Com as recentes garotas de Ipanema, que são gordas e tchecas, mais um presidente também gordo, mas nascido em Garanhuns, podemos dar a impressão ao resto do mundo de que somos um país de obesos, não se

justificando as estatísticas oficiais que nos dão como um povo com carência de proteínas, de vitaminas e de sais minerais. E como poderemos vender ao mundo o Fome Zero com um presidente rotundo e garotas de Ipanema mais gordas que as banhistas de Renoir?

A propósito do avião, acredito que os fabricantes pensavam que o presidente do Brasil fosse o Marco Maciel. Longe de mim insinuar que Lula fique tão esbelto assim.

Por sua vez, em (162) abaixo, nosso julgamento pode oscilar acerca do que justifica a explicativa discursivamente. Podemos considerá-la uma OREC, justificando que temos uma ideia de causa-consequência: ‘retirar-se do TNP [= Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares]’ tem como consequência ‘ter o direito de possuir armas (nucleares)’. Por outro lado, a relativa pode apresentar uma característica inerente: todo país que não faz parte do TNP não está sujeito a seus acordos e, portanto, pode possuir armas nucleares. Contudo, o emprego da expressão “em tese” modaliza essa característica: embora a Coreia, por estar fora do TNP, pudesse ter armas nucleares, ainda assim “em tese” sugere que, na prática, tal liberdade é restringida – por exemplo, pela pressão das grandes potências.

(162) OC091 | T037 | Folha do São Paulo, 20 out. 2004

Por que ameaçam a Coréia do Norte, que se retirou do TNP, o que, em tese, lhe dá o direito de possuir armas, e não demonstram o mesmo empenho nos casos da Índia e do Paquistão?

5.2 ORE com travessão ou parêntese (e afins)

Loock (2007) aponta que em seu *corpus* a maior parte das ORE introduzidas por travessão ou parêntese era do tipo subjetivo. Nas palavras do autor (p. 357), “[e]m particular, o travessão, como típico introdutor de parentéticos, é compatível com a função preenchida pelas OREs subjetivas no discurso”⁴⁷. Seu exemplo (p. 357-358) está reproduzido aqui em (163), e em (164) temos essa mesma sentença reformulada sem a relativa, a fim de mostrar a afinidade entre parentéticos e ORESs:

⁴⁷ Cf. o original: “In particular, the dash, as the typical introducer of parentheticals, is compatible with the function fulfilled by the subjectivity ARC in discourse.”

(163) *A circular has been issued by the Chamber of Mines to mining companies offering an interpretation of the law – which some lawyers would regard as tendentious – prohibiting employers from HIV testing.* (QUAL_ARC6)

“Uma circular foi emitida pela Câmara de Minas às companhias de mineração oferecendo uma interpretação da lei – que alguns advogados considerariam tendenciosa – proibindo os empregadores de testar [funcionários] para o HIV.”

(164) *A circular has been issued by the Chamber of Mines to mining companies offering an interpretation of the law – some lawyers would regard it as tendentious – prohibiting employers from HIV testing.* (mQUAL_ARC6)

“Uma circular foi emitida pela Câmara de Minas às companhias de mineração oferecendo uma interpretação da lei – alguns advogados a considerariam tendenciosa – proibindo os empregadores de testar [funcionários] para o HIV.”

Em contrapartida, em nosso *corpus*, embora não tenhamos feito uma análise quantitativa, não ocorreu o predomínio de subjetivas com essa estrutura. A possibilidade de que a predominância observada por Loock (2007) no inglês seja também encontrada em português deve ser analisada em um *corpus* mais semelhante ao dele.

Veja os exemplos a seguir: em (165-166), temos relativas subjetivas introduzidas por travessão; em compensação, nos exemplos (167-169), temos explicativas de relevância sendo marcadas com esse mesmo sinal gráfico, além de também serem empregados parênteses e colchetes, como se vê em (170-172). Essa diversidade não nos permite, portanto, ao menos no momento, ratificar a constatação de Loock (2007) sobre o principal tipo de relativa explicativa introduzida por esses sinais gráficos.

(165) OC397 | T161 | Zero Hora, 26 jan. 2005

A divergência situa-se na escolha das políticas – o que não é pouco – e especialmente no papel que cada um dos agentes públicos e privados deve cumprir para que se chegue aos resultados pretendidos.

(166) OC408 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005

Definida a sucessão – que o Senado soube executar exemplarmente com a eleição de Renan Calheiros (PMDB-AL) para a presidência –, restam algumas questões para reflexão em favor da boa política.

(167) OC047 | T019 | Veja, 20 out. 2004

A reforma da sua polícia – que, além da substituição de policiais, incluiu até o redesenho dos uniformes, tamanho era o desgaste da instituição entre a população – acabou por reduzir à metade os índices de criminalidade na cidade nas últimas duas décadas.

(168) OC150 | T066 | Folha de São Paulo, 29 dez. 2004

Foi confirmada extra-oficialmente a presença de Serra na casa de Palocci à noite, mas não a de Marta – que, à tarde, esteve no Palácio do Planalto, onde também estava Palocci.

(169) OC186 | T079 | Folha de São Paulo, 15 nov. 2004

O caminho mais lúcido para combater o tráfico de drogas – que se relaciona estruturalmente com os consumidores, dependentes ou não – seria a liberação geral, tal como a do álcool e a do fumo, que também criam dependência e são nocivas à saúde.

(170) OC064 | T025 | Carta Capital, 01 dez. 2005

Se por um lado a cooperativa ainda tem muito o que avançar na parte de industrialização da produção (onde entrariam recursos de fontes como o BNDES, por exemplo), por outro ela se mostra no caminho certo na preocupação com questões ambientais, um tema ainda envolto por sombras nos estados da região amazônica.

(171) OC068 | T027 | Carta Capital, 15 dez. 2005

Já as mortes por agressão (que incluem negligência e maus-tratos) passaram de 65,2 por 100 mil habitantes em 1999 para 48,3 por 100 mil habitantes em 2003, de acordo com a Seade.

(172) OC164 | T072 | Folha de São Paulo, 09 fev. 2005

“Já que eles [da Velha-Guarda] insistem, podem passar, mas sem o carro [que ficou na concentração e foi rebocado em seguida pela avenida]”, decidiu Guimarães.⁴⁸

Veja como ficam essas sentenças se as escrevemos como parentéticos e não como relativas, à semelhança do que fez Loock (2007):

(173) OC397 | T161 | Zero Hora, 26 jan. 2005 – modificado

??A divergência situa-se na escolha das políticas – não é pouca – e especialmente no papel que cada um dos agentes públicos e privados deve cumprir para que se chegue aos resultados pretendidos.⁴⁹

(174) OC408 | T164 | Zero Hora, 16 fev. 2005 – modificado

Definida a sucessão – o Senado soube executá-la exemplarmente com a eleição de Renan Calheiros (PMDB-AL) para a presidência –, restam algumas questões para reflexão em favor da boa política.

(175) OC047 | T019 | Veja, 20 out. 2004 – modificado

?A reforma da sua polícia – além da substituição de policiais, incluiu até o redesenho dos uniformes, tamanho era o desgaste da instituição entre a população – acabou por reduzir à metade os índices de criminalidade na cidade nas últimas duas décadas.

(176) OC150 | T066 | Folha de São Paulo, 29 dez. 2004 – modificado

Foi confirmada extra-oficialmente a presença de Serra na casa de Palocci à noite, mas não a de Marta – à tarde, (ela) esteve no Palácio do Planalto, onde também estava Palocci.

⁴⁸ Os colchetes nessa frase foram empregados no texto original.

⁴⁹ Talvez se trocarmos a posição do parentético a frase se torne mais aceitável: “?A divergência – não é pouca – situa-se na escolha das políticas e especialmente no papel que cada um dos agentes públicos e privados deve cumprir para que se chegue aos resultados pretendidos.”

(177) OC186 | T079 | Folha de São Paulo, 15 nov. 2004 – modificado

???O caminho mais lúcido para combater o tráfico de drogas – (este) relaciona-se estruturalmente com os consumidores, dependentes ou não – seria a liberação geral, tal como a do álcool e a do fumo, que também criam dependência e são nocivas à saúde.

(178) OC064 | T025 | Carta Capital, 01 dez. 2005 – modificado

???Se por um lado a cooperativa ainda tem muito o que avançar na parte de industrialização da produção (entrariam recursos de fontes como o BNDES, por exemplo), por outro ela se mostra no caminho certo na preocupação com questões ambientais, um tema ainda envolto por sombras nos estados da região amazônica.

(179) OC068 | T027 | Carta Capital, 15 dez. 2005 – modificado

Já as mortes por agressão (incluem negligência e maus-tratos) passaram de 65,2 por 100 mil habitantes em 1999 para 48,3 por 100 mil habitantes em 2003, de acordo com a Seade.

(180) OC164 | T072 | Folha de São Paulo, 09 fev. 2005 – modificado

“Já que eles [da Velha-Guarda] insistem, podem passar, mas sem o carro – ele ficou na concentração e foi rebocado em seguida pela avenida”, decidiu Guimarães.

Em resumo, parece não haver em nosso *corpus* a tendência observada por Looch (2007) de que as explicativas delimitadas por travessão/parêntese sejam subjetivas: encontramos também vários casos de explicativas de relevância, embora nenhum de continuativa. Por outro lado, confirmamos que boa parte das explicativas delimitadas por esses sinais gráficos parece realmente poder ser substituída por intercaladas, independentemente de serem subjetivas ou de relevância.

5.3 OR com antecedente frasal

Tendo em vista que as ORs com antecedente frasal são, como vimos na seção 2.2, sempre explicativas, e também que são mencionadas por Looch (2007) de maneira particular,

julgamos interessante dedicar uma seção de discussão a todas as ocorrências que encontramos em nosso *corpus* (no total de 12).

Looock (2007) diz que essas explicativas poderiam ser continuativas, embora ele não tenha achado nenhum exemplo desse tipo em seu *corpus*, e que foram raros os casos de explicativas oracionais de relevância. Assim, a constatação desse autor é a de que as orações relativas cujo antecedente é uma oração são frequentemente do tipo subjetivo.

Comparando com nosso *corpus*, os três tipos possuem números muito próximos de representantes: eliminando o caso (162), de tipologia duvidosa, conforme analisado na seção 5.1, temos os exemplos (47), (73-75) e (82) para OREs continuativas, os casos (44), (165) e (181) para as subjetivas e as sentenças (182-184)⁵⁰ como OREs de relevância.

(181) OC298 | T123 | Jornal do Brasil, 19 jan. 2005

– Sei que o filme tem recebido boas críticas em todas as praças em que estréia, o que é muito bom, claro. Tenho ouvido também muitas histórias sobre as possíveis indicações para o Oscar, especialmente de Paul (Giamati), como ator principal, e Virgínia (Madsen) como atriz coadjuvante.

(182) OC103 | T043 | Folha de São Paulo, 01 dez. 2004

Ao que parece, o BC superestimou o risco de inflação (associado, na realidade, a choques externos, tais como alta das commodities agrícolas e metálicas e aumento dos preços do petróleo) e subestimou a força do setor produtivo e a capacidade de reação da estrutura industrial, a despeito do consumo das famílias ainda permanecer limitado pela baixa renda e pelo crédito caro – o que, aliás, contribui para conter a inflação.

(183) OC185 | T079 | Folha de São Paulo, 15 nov. 2004

Pelo contrário. Em havendo um local para o consumo legal de droga, de uma forma ou de outra os traficantes terão de abastecer as ilhas de consumo, o que dará na mesma.

⁵⁰ Os exemplos (182-184) merecem, no entanto, uma análise mais cuidadosa: (182) e (184) poderiam ser considerados relativas consecutivas e é possível argumentar que (183) seja uma explicativa subjetiva ou ainda uma consecutiva.

(184) OC392 | T159 | Zero Hora, 12 jan. 2005

De outro, as nações ricas nunca subsidiaram tanto seus produtores agrícolas, impedindo as demais de se mostrarem competitivas, o que exige atenção redobrada por parte dos organismos multilaterais.

A mesma observação que fizemos na seção anterior, sobre as orações com parentéticos, se aplica aqui: só poderemos dizer, realmente, que a tendência observada por Loock (2007) em inglês – de que são predominantemente subjetivas as explicativas cujo antecedente é uma oração – não se confirma em português quando fizermos uma análise num *corpus* mais próximo ao de Loock. No *corpus* de textos jornalísticos que analisamos aqui, só podemos constatar que o fato de o antecedente da relativa ser uma oração não influencia o tipo funcional das relativas, ou seja, não há um tipo de ORE que predomina com antecedentes oracionais.

5.4 OR com NP e SN definido

Um antecedente comumente empregado para as orações relativas são os Nomes Próprios (NPs), que influenciam a construção dessas orações: em quase todos os casos em que NPs são o antecedente da relativa, ela é explicativa, preferencialmente do tipo de relevância, como podemos ver nos exemplos a seguir.

(185) OC020 | T009 | IstoÉ, 15 dez. 2004

Ligado ao Agrupamento Comunista, que depois se tornou a Aliança Libertadora Nacional (ALN), corrente hospedada dentro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e comandada por Carlos Marighella, Dirceu ou “Daniel”, seu codinome de então, foi libertado em setembro de 1969 em troca do embaixador americano Charles Elbrick – sequestrado pela ALN e pelo MR-8.

(186) OC043 | T018 | IstoÉ, 23 fev. 2005

Ele chegou a ser preso no escândalo da Sudam, acusado de desviar mais de R\$ 1,2 bilhão de incentivos fiscais para projetos fraudulentos, mas foi libertado e continua com sua carreira de golpes em Altamira, na região da rodovia Transamazônica, onde tem residência fixa.

(187) OC110 | T047 | Folha de São Paulo, 29 dez. 2004

Cingida entre o PT, representado pelo deputado José Mentor (SP), na função de relator, e o PSDB, do senador Antero Paes de Barros (MT), que ocupou a presidência, a CPI nem sequer reuniu quórum em sua última sessão – coroando de maneira patética suas investigações.

(188) OC133 | T058 | Folha de São Paulo, 03 nov. 2004

“Para 2005 é impossível”, disse o vereador eleito José Police Neto (PSDB), para quem, por conta de dívidas de curto prazo da prefeitura, será necessária uma margem até superior a 15%.

(189) OC145 | T064 | Folha de São Paulo, 15 dez. 2004

“Não tomei conhecimento das declarações, mas tenho grande admiração pelo Emanuel Araujo, que poderá ir a contribuir muito com os esforços que todos nós fazemos em prol da cultura no Estado de São Paulo”.

(190) OC167 | T074 | Folha de São Paulo, 23 fev. 2005

Lima, que assumiu em maio de 2004 o cargo por indicação do PP (Partido Progressista) e a contragosto do ministro, diz que o desabastecimento poderia ser evitado.

(191) OC214 | T088 | Folha de São Paulo, 02 fev. 2005

Reparei que o presidente usava um blusão que o tornava mais rechonchudo do que o habitual, embora seja voz geral, na Aeronáutica, que recebeu o novo avião, e no próprio Ministério da Saúde, que o presidente deve perder alguns quilos para melhor caber na cama voadora colocada à sua disposição.

(192) OC424 | T172 | Zero Hora, 01 dez. 2004

A tristeza dos 90 alunos de 2ª a 4ª série hoje matriculados representará a alegria de crianças da Vila Piratini, uma das mais pobres de Alvorada, para onde parte do projeto assistencial será transferido.

(193) OC440 | T180 | Zero Hora, 02 fev. 2005

Conforme os registros da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan) – que calculou em 1 milhão o número de pessoas afetadas, embora a população desses municípios some 833 mil conforme o IBGE –, o leito do Gravataí nunca esteve tão seco.

Mas isso não ocorre somente com NPs: os Sintagmas Nominais (SNs) definidos, por suas características, também ocorrem quase sempre com uma relativa explicativa, sejam elas subjetivas, como em (194), ou de relevância, como nos demais exemplos abaixo, ou mesmo continuativas, embora a escassez de exemplos em nosso *corpus*:

(194) OC311 | T127 | Jornal do Brasil, 16 fev. 2005

Meu livro, que ele honrou e respeitou, é um quebra-molas nessa estrada para a imortalidade cinematográfica.

(195) OC271 | T112 | Jornal do Brasil, 03 nov. 2004

Só seria interessante morrer para renascer em seguida e contar o que sentimos – afirma o cineasta, que estreou nos anos 30 com o documentário *Douro, faina fluvial*.

(196) OC430 | T174 | Zero Hora, 15 dez. 2004

– Isso está prejudicando todo o nosso trabalho de promoção e divulgação das Missões. É um grande transtorno – diz o prefeito, que vai propor hoje para o órgão em Brasília que o município ceda funcionários para atender os turistas.

(197) OC436 | T177 | Zero Hora, 12 jan. 2005

Quando corriam para chegar antes do fechamento do portão, marcado para as 8h30min, Willian e Cristian foram parados por três policiais militares, que os confundiram com assaltantes.

(198) OC477 | T195 | Zero Hora, 29 jan. 2005

O filme Perto Demais, ainda em cartaz em Porto Alegre, agitou o meu sono de um jeito um pouco parecido. Nos últimos dias, não parei de pensar na crueza

dessa história, que revela a comédia do narcisismo amoroso com uma crueldade impressionante.

Essa nossa constatação é corroborada por Yarnall (1978, p. 652), que afirma que

Nomes próprios tais como nome de pessoas, que por sua natureza especificam um único referente definido e não uma classe de referentes, e outros SNs definidos, que são pragmaticamente conhecidos por ter somente um referente, nunca⁵¹ podem ter uma OR restritiva.⁵²

Veja que nos exemplos a seguir, ao contrário, o referente do antecedente da relativa não é um SN definido, isto é, com referência única no contexto em questão:

(199) OC037 | T015 | IstoÉ, 02 fev. 2005

“O valsartan e o anlodipino também protegem o coração e os rins, que sofrem os efeitos da hipertensão”, afirma Roberto Arruda, da Novartis.

(200) OC344 | T140 | Jornal do Brasil, 03 jan. 2005⁵³

Os magos viajaram de camelo, que em árabe é “jamal”.

Em certos casos, porém, como já antevisto na seção 2.1, podemos encontrar uma relativa restritiva usada com um NP ou SN definido: Khalifa (1999) constata que, por sua natureza “autorreferencial”, os nomes próprios são mais próximos das orações explicativas, exatamente por não determinarem referente (o nome próprio, e também o SN definido, já nos deixa com uma referência única, por isso não é preciso uma oração restritiva que restrinja o referente já restrito), não sendo utilizados com restritivas, “exceto nos contextos de retomada como *não, o João a que me refiro não é médico, mas advogado*”⁵⁴.

Compare o exemplo (201), em que o SN definido (afinal, quando falamos em “papa” é um indivíduo específico que nos vem à mente) foi utilizado com oração restritiva, com a sentença em (202), em que há uma oração explicativa:

⁵¹ Conforme Menuzzi (c.p.), “poderá haver contextos em que há mais de um referente que satisfaz o substantivo; nesse caso, a relativa servirá para restringir a referência”. Nesse sentido, veja as discussões sobre (201-202).

⁵² Cf. o original: “Proper nouns such as personal names which by their nature specify a unique definite referent rather than a class of referents, and other definite NPs which are pragmatically known to have only one referent can never have a restricting RC.”

⁵³ O texto em que essa frase está presente é de uma coluna jornalística sobre etimologia.

⁵⁴ Cf. o original: “sauf dans des contextes de reprise comme *no, the John I mean isn't a doctor, but a lawyer, etc.*”

(201) OC024 | T010 | IstoÉ, 22 dez. 2004

Mas o mesmo papa **que** parece um monge medieval perante os costumes da sociedade moderna tem se revelado um profundo crítico das mazelas das virtudes neoliberais que derrotaram o comunismo e um ferrenho defensor da justiça social e dos direitos humanos.

(202) OC022 | T010 | IstoÉ, 22 dez. 2004

Também no plano político, o papa, **que** deu uma contribuição fundamental para a queda do comunismo, jamais aceitou a Teologia da Libertação, a teoria de caráter ideológico e pastoral que dá prioridade aos problemas sociais na evangelização.

Khalifa (1999) ainda chama atenção para os casos com pronome pessoal como antecedente de relativa, os quais também tendem a ser empregados com explicativa, por ser referente único, como podemos verificar em (203-204):

(203) *I'm not guilty of the murder of my wife Marylin. How could I, **who have been trained to help people, and devoted my life to saving life, commit such a terrible crime?*** (Sam Sheppard's testimony, TV programme)

“Eu não sou culpado do assassinato da minha esposa, Marylin. Como poderia eu, que fui treinado para salvar pessoas e devotei minha vida a salvar vidas, cometer tal terrível crime?” (testemunho de Sam Sheppard, programa de TV)

(204) OC165 | T073 | Folha de São Paulo, 16 fev. 2005

“Eles foram muito exigentes. Fiquei vários dias atrás dessa certidão”, conta ele [Anderson Kretschmer], **cujo** avô é de descendência alemã.

Os exemplos até aqui nos mostram que NPs e SNs definidos aparentemente podem servir de referente para qualquer tipo de relativa, não limitando a explicativa a ser sempre continuativa, subjetiva ou de relevância, embora este último caso tenha se mostrado mais frequente (mas isso pode estar sendo influenciado por esse tipo de relativa ser o mais frequente em todo o *corpus*).

Por fim, trazemos um caso diferente: embora a ausência de vírgulas nos faça afirmar que estamos diante de um caso de OR restritiva, preferimos a classificação como explicativa

tendo em vista o uso de NP. Podemos argumentar, inclusive, que a ausência das vírgulas seja mais de caráter estilístico, isto é, com a intenção de melhorar a fluidez do texto, já que não haveria marcações de pausa, do que sintático/semântico. Além disso, é possível perceber, entre as orações (principal e relativas), uma continuidade de eventos, o que nos permite afirmar que as relativas explicativas presentes são continuativas.

(205) OC461, OC462 | T189 | Zero Hora, 17 nov. 2004

A ladainha futebolística da maioria masculina da família atravessava todas as frestas, escalava o beliche, entrava embaixo do sono leve e grudava no cérebro indefeso da única menina da casa: “Bola para Valdomiro, Valdomiro cruza para Valdomiro que lança para Valdomiro que entra pela grande área driblando Valdomiro e... gooooool de Valdomiro”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar as orações relativas explicativas, com o intuito de verificar seus ‘comportamentos’ e usos possíveis no português brasileiro escrito a partir de sentenças coletadas de diferentes periódicos (jornais e revistas). Partimos da hipótese de que uma ORE não se atém a ser simplesmente uma informação acessória, extra, complementar, que pode ser removida sem prejuízo de sentido para a compreensão do texto, como pressupõe a gramática tradicional.

Iniciamos conceituando as chamadas *orações subordinadas adjetivas* e diferenciando-as entre *restritivas* e *explicativas* com base em gramáticas e estudiosos. Em seguida, ampliamos o que entendemos por orações relativas e a relação com seu antecedente.

Feita essa explanação prévia, resenhamos um importante trabalho de Loock (2007), que propõe uma classificação funcional das orações relativas explicativas a partir de ocorrências em um *corpus* de língua inglesa. Nossa proposta foi verificar se sua análise poderia ser mantida para o português brasileiro, o que buscamos fazer nos Capítulos 4 e 5. Analisamos, assim, os exemplos que coletamos de nosso *corpus*, procurando buscar semelhanças e diferenças com relação aos casos analisados por Loock, além de ampliar conceitos quando achamos necessário, dando especial atenção a sentenças que julgamos de interesse por suas particularidades.

O tratamento que é dado às OREs pela GT é simples, sem aprofundamento e numa visão de classificação de tipos, sem a análise da função que a relativa desempenha no texto em que é empregada. Esta dissertação, então, procurou mostrar que a informação que as explicativas portam pode ser bem mais importante, não tendo apenas uma função estilística, de ênfase, de reforço, como afirmam alguns estudiosos.

Não podemos deixar de mencionar que alguns autores citados no Capítulo 2 já alertavam para outros sentidos que as relativas podiam abarcar, como foram os casos de Azeredo (2012) e Castilho (2010). Não analisamos as sentenças do nosso *corpus* buscando os conteúdos circunstanciais (*causa, concessão, condição, finalidade, etc.*) que podem ser expressos na relativa como sugerem esses autores, mas isso não quer dizer que não notamos, em alguns momentos, sua influência para nossa análise (tanto o é que nomeamos algumas relativas como *consecutivas*, por exemplo).

Como Azeredo (2012) expõe, o conteúdo das relativas explicativas não contribui para identificar o referente (já que essa função é da restritiva). Mas isso não quer dizer que a explicativa não seja de importância para o entendimento do texto. O próprio autor afirma,

logo em seguida, que algumas relativas podem ser discursivamente importantes, o que pode ocorrer exatamente por apresentarem os conteúdos circunstanciais que mencionamos. Nossa dissertação provou que certas relativas são importantes, sim, para o entendimento do texto, como vimos no caso das relativas *continuativas* e algumas relativas *de relevância* (e até *subjetivas*!).

A análise detalhada das orações relativas explicativas, partindo da classificação de Loock (2007), fez-nos manter alguns conceitos desse autor e rever e/ou ampliar outros. Verificamos, assim, a presença de relativas explicativas *continuativas*, que podem ser *narrativas*, quando expressam uma sequência de eventos, os quais têm relação entre si, ou *consecutivas*, ao explorar causa-consequência – em que não deixa de haver uma ideia de sucessão de eventos; *subjetivas*, se trazem a opinião sobre o antecedente; e *de relevância*. A estas últimas dedicamos mais atenção, por serem as mais abundantes no *corpus*. Julgamos serem subdivididas em três tipos: as que *apresentam uma propriedade inerente* do antecedente, buscando, principalmente, “nivelar o conhecimento entre emissor e destinatário”; as que *justificam a presença do antecedente*, esclarecendo por que ele foi citado; e as que apresentam uma informação extra relativa ao antecedente, as quais nomeamos, por essa sua característica, de *relativas informacionais*.

Ao classificar uma ORE muitas vezes necessitamos fazer um processo de eliminação: primeiro procuramos verificar se o conteúdo da relativa expressa, claramente, uma opinião do falante (= *relativa subjetiva*); em seguida, se há uma ideia de sequenciação (= *relativa continuativa*) ou de causa-consequência (= *relativa consecutiva*); restando-nos, por fim, enquadrá-las como *de relevância*, se estão apresentando uma característica inerente, justificando o antecedente ou, pelo menos, apresentando uma informação extra relacionada ao referente. Como vimos no decorrer do trabalho, podemos empregar alguns testes, como usar as expressões “para mim”, “na minha opinião” para as subjetivas ou advérbios como “então”, “agora”, “depois” para as continuativas, entre outras possibilidades. E se mesmo assim não conseguirmos encaixar a relativa em análise em nenhum desses tipos, é necessário pesquisar e verificar se não estamos diante de outras significações que as relativas podem expressar.

Outro quesito que discutimos em várias oportunidades durante a dissertação foi o da supressibilidade das relativas explicativas. É notória a insistência da tradição em considerar as OREs como descartáveis. Embora o sejam em vários momentos, como investigamos neste trabalho, isso nem sempre acontece: não é porque as ORRs não são omissíveis que isso quer dizer que, por simples oposição (dicotomia), as OREs o sejam. É muito mais certo pensar em um *continuum* de supressibilidade, conforme o que expressam. Como mencionamos no corpo

do texto, julgamos, no geral, que as relativas subjetivas sejam mais suprimíveis que as de relevância e estas mais suprimíveis que as continuativas, embora sempre haja casos de exceção, de acordo com o contexto de emprego, cuja consideração é muito importante para a correta caracterização da relativa. Importa informar também que, até o momento, nada nos impede de pensar que haja relativas restritivas que, por sua vez, *sejam suprimíveis* – só uma investigação específica desse tipo de relativa, aos moldes do que foi feito aqui, pode nos tirar essa dúvida.

Retomando, finalmente, a indagação de Castilho (2010, p. 371) que apresentamos na seção 2.1, a de que função as relativas teriam, tendo em vista que as línguas já têm adjetivos e expressões adjetivais, arriscamos responder que as relativas não atribuem apenas características ao seu antecedente, mas possuem várias funções, como continuar o que é dito na oração principal, veicular uma opinião, nivelar conhecimento entre falante e ouvinte, esclarecer o uso de antecedente e apresentar uma informação, que pode ser descartável ou não. Tudo isso nos mostra que as relativas, em especial as explicativas, podem ser usadas para expressar uma variedade de efeitos comunicativos.

É claro que este trabalho pode ser ampliado, seja analisando mais exemplos, seja verificando as implicações do uso de diferentes pronomes relativos, dentre outras opções, o que possibilitaria resolver algumas questões que apontamos no decorrer deste estudo, além de ser possível a visualização de novos casos de usos de relativas. O que se pode levar desta dissertação, porém, é que, com certeza, uma oração relativa explicativa muito contribui comunicativamente e é uma opção linguística ricamente utilizada pelos falantes das línguas. E que já é hora de ela ser tratada não mais como acessória, como uma expressão que pode ser eliminada ‘sem prejuízo de sentido’ para o texto, mas como uma verdadeira ferramenta de comunicação que, como todo mecanismo linguístico, tem um valor específico que é buscado pelo interlocutor quando este processa um enunciado.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTUCCI, Roberlei Alves. **Semântica dos verbos aspectuais em português brasileiro**. Trabalho apresentado no evento *A semântica do português*, promovido pela UFRJ, em 26 maio 2015. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/bertucci/publicacoes-trabalhos-academicos/apresentacoes/hdt_rio_roberlei_26_05_2015_versao_apresentacao.pdf/at_download/file>. Acesso em: 26 jun. 2017.

CÂMARA, Aliana Lopes. **A oração relativa em português sob a perspectiva discursivo-funcional: interface entre a descrição e o ensino**. 2015. 179 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens – 8º série**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2002.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Campinas: UNICAMP, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FERREIRA, Sílvia Aguiar. **Sobre a função e a forma de alguns subtipos especiais de orações relativas sem antecedente expresso do português**. 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Nomenclatura Gramatical Brasileira: 50 anos depois**. São Paulo: Parábola, 2009.

KHALIFA, Jean-Charles. A propos des relatives appositives: syntaxe, sémantique, pragmatique. **Anglophonia**, Toulouse, 10 (6), p. 7-29, 1999. Disponível em: <<https://anglophonia.revues.org/672>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual:** gêneros textuais do argumentar e expor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria Benetti. **Estudo e produção de textos:** gêneros textuais do relatar, narrar e descrever. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form:** topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LOOCK, Rudy. Appositive relative clauses and their function in discourse. **Journal of Pragmatics**, [s.l.], v. 39, ed. 2, p. 336-362, feb. 2007.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira.** 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MEDEIROS JUNIOR, Paulo. **Orações relativas livres do PB:** sintaxe, semântica e diacronia. 2014. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: UNESP, 2000.

PERES, João Andrade; MÓIA, Telmo. **Áreas críticas da Língua Portuguesa.** 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010.

SACCONI, Luiz Antonio. **Gramática essencial ilustrada.** São Paulo: Atual, 1994.

_____. **Nossa gramática completa Sacconi.** 30. ed. rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática.** 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Minigramática.** 9. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A (poli)gramaticalização do verbo acabar. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 21-56, jul./dez. 2004.

YARNALL, Emily. Appositive relatives in discourse. **Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, University of California, Berkeley, 4(4), p. 651-657, jan. 1978.

APÊNDICE A – INFORMAÇÕES DAS SENTENÇAS COLETADAS DO *CORPUS*

Quadro 2 – Informações das sentenças coletadas do *corpus*

(continua)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data
003	002	que	(63) - p. 43		IstoÉ	Matéria de Capa	Perigo digital	27 out. 2004
013	006	que	(156) - p. 83				Novos rumos	24 nov. 2004
019	008	que	(148) - p. 79				Prepare-se o verão está chegando	08 dez. 2004
020	009	que	(185) - p. 92				Brasileiro do ano - José Dirceu	15 dez. 2004
021		de quem	(137) - p. 76 (142) - p. 77	contexto				
022	010	que	(202) - p. 96				As duas faces de João Paulo II	22 dez. 2004
024		que	(201) - p. 96					
027	011	que	(114) - p. 67				Que venha 2005!	29 dez. 2004
028		que	(8) - p. 19					
037	015	que	(134) - p. 75 (199) - p. 95	contexto			Até a próxima morte	02 fev. 2005
043	018	onde	(186) - p. 92					
045	019	que	(115) - p. 67					
047		que	(149) - p. 80 (167) - p. 88				A autolimpeza da PF	20 out. 2004
		-	(175) - p. 89	modificado				
048	020	que	(9) - p. 19		A modernidade de Leonardo da Vinci	27 out. 2004		
049		que	(26) - p. 24					
053	021	que	(108a) - p. 61		O medo de um novo fiasco	03 nov. 2004		
			(108b) - p. 61	modificado				
			(108c) - p. 62	contexto				

(continuação)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data				
053	021	que	(150) - p. 80		Veja	Matéria de Capa	O medo de um novo fiasco	03 nov. 2004				
			(151) - p. 80	contexto								
059	023	na qual	(70a) - p. 47				Carta Capital	Matéria de Capa	Os triunfos sobre o câncer de mama	17 nov. 2004		
			(70b) - p. 47	modificado								
			(119) - p. 69									
			(127) - p. 70	contexto								
064	025	onde	(170) - p. 88				Folha de São Paulo	Primeiro Editorial	Vale quanto pesa	01 dez. 2005		
		-	(178) - p. 90	modificado								
068	027	que	(171) - p. 88						Carta Capital	Matéria de Capa	Você tem medo de quê?	15 dez. 2005
		-	(179) - p. 90	modificado								
089	037	que	(10) - p. 19		Folha de São Paulo	Primeiro Editorial	A questão nuclear	20 out. 2004				
		(116) - p. 67										
091	o que	(162) - p. 86										
100	042	que	(71) - p. 48				Folha de São Paulo	Primeiro Editorial	Dólar em queda	24 nov. 2004		
			(76) - p. 49	modificado								
			(83) - p. 51	modificado								
103	043	o que	(182) - p. 91				Folha de São Paulo	Primeiro Editorial	Dinamismo econômico	01 dez. 2004		
107	045	que	(120) - p. 69						Pilhas de processos	15 dez. 2004		
110	047	que	(187) - p. 93						CPI desastrosa	29 dez. 2004		
128	055	que	(92a) - p. 53				Folha de São Paulo	Primeiro Editorial	Pacote ambiental	23 fev. 2005		
			(92b) - p. 53	modificado								
			(92c) - p. 53	modificado								
			(92d) - p. 54	modificado								
			(100) - p. 58	contexto								
133	058	para quem	(188) - p. 93		Folha de São Paulo	Caderno Cotidiano (primeira matéria)	PSDB agora quer autonomia maior de gastos	03 nov. 2004				

(continuação)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data		
136	060	que	(135) - p. 75		Folha de São Paulo	Caderno Cotidiano (primeira matéria)	PMs mataram moradores de rua, diz polícia	17 nov. 2004		
		-	(136) - p. 75	modificado						
139	061	que	(93a) - p. 54						Marta libera prédio mais alto na Paulista	24 nov. 2004
			(93b) - p. 54	modificado						
			(93c) - p. 54	modificado						
			(93d) - p. 54	modificado						
			(123) - p. 69							
140		que	(93a) - p. 54							
			(93b) - p. 54	modificado						
			(93c) - p. 54	modificado						
			(93d) - p. 54	modificado						
			(123) - p. 69							
145	064	que	(189) - p. 94						Titular da Cultura apoio Marta na eleição	15 dez. 2004
150	066	que	(168) - p. 88						Serra e Marta vão a Brasília discutir dívida	29 dez. 2004
		-	(176) - p. 89	modificado						
164	072	que	(50) - p. 36						Portela desfila com água mutilada e dá vexame ao barrar Velha-Guarda	09 fev. 2005
		-	(172) - p. 89							
			(180) - p. 90	modificado						
165	073	cujo	(204) - p. 96				Universidade desconfia de aprovado por cota indígena e barra matrícula	16 fev. 2005		
166		que	(66a) - p. 45							
			(66b) - p. 46	modificado						
			(66c) - p. 46	modificado						
			(89) - p. 52	modificado						
			(96) - p. 57	contexto						
167	074	que	(190) - p. 93				Assessor culpa ministro por falta de remédio	23 fev. 2005		
182	078	onde	(103) - p. 60		Folha de São Paulo	Coluna Carlos Heitor Cony	Rio-Bagdá	10 nov. 2004		
			(111) - p. 63							

(continuação)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data	
185	079	o que	(183) - p. 91		Folha de São Paulo	Coluna Carlos Heitor Cony	Chuva no molhado	15 nov. 2004	
186		que	(169) - p. 88						
		-	(177) - p. 90	modificado					
212	087	que	(104) - p. 60						26 jan. 2005
			(109) - p. 62	contexto					
214	088	que	(191) - p. 93					Tempo dos gordos	02 fev. 2005
215		que	(160) - p. 85						
				(161) - p. 85			contexto		
224	091	que	(27) - p. 24				Jornal do Brasil	Primeiro Editorial	Truque anacrônico
252	102	que	(72) - p. 48		modificado	Blecaute regulatório			05 jan. 2005
			(77) - p. 49						
			(84) - p. 51	modificado					
260	107	onde	(81a) - p. 50		modificado	Passar a agenda a limpo			09 fev. 2005
			(81b) - p. 50						
263	108	que	(132) - p. 74	contexto		Lições da rebelião			16 fev. 2005
264	109	que	(64) - p. 45		modificado	Sem acordo, mas com rumo			23 fev. 2005
			(65) - p. 45						
			(91a) - p. 52						
			(91b) - p. 52	modificado					
(91c) - p. 53		modificado							
265	o que	(73) - p. 48		modificado	contexto				
		(78) - p. 49							
		(85) - p. 51	modificado						
		(97) - p. 57	contexto						
269	111	na qual	(124) - p. 70		Jornal do Brasil	Caderno B (primeira matéria)	O constante retorno do super-homem	27 out. 2004	
270		que	(128) - p. 71	contexto					
		-	(129) - p. 72	modificado					

(continuação)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data		
271	112	que	(195) - p. 94		Jornal do Brasil	Caderno B (primeira matéria)	Vitalidade	03 nov. 2004		
273		que	(106a) - p. 61	modificado						
			(106b) - p. 61							
			(110) - p. 62							
278	114	que	(117) - p. 67				DVD dá mais lucro	17 nov. 2004		
279	115	que	(125) - p. 70				Humor em quadrados	24 nov. 2004		
286	118	que	(126) - p. 70				'Meu cinema é de equipe'	15 dez. 2004		
292	121	que	(29) - p. 25				Os papéis principais da Tropicália	05 jan. 2005		
298	123	o que	(181) - p. 91				Embriagado de humor	19 jan. 2005		
311	127	que	(112a) - p. 64	contexto			Jornal do Brasil	Coluna Língua Viva – Dionísio da Silva	Indicação de procedência	16 fev. 2005
			(112b) - p. 64							
			(194) - p. 94							
323	132	que	(121) - p. 69		Servos, escravos e servidores	08 nov. 2004				
330	135	que	(68a) - p. 46	modificado	Jornal do Brasil	Coluna Língua Viva – Dionísio da Silva			O busílis da arroba	29 dez. 2004
			(68b) - p. 47							
			(107a) - p. 61							
			(107b) - p. 61							
332	136	que	(153) - p. 82	contexto					Metrossexual sem rodeios	06 dez. 2004
334	137	que	(67a) - p. 46	modificado					Jornal do Brasil	Coluna Língua Viva – Dionísio da Silva
			(67b) - p. 46							
			(90) - p. 52							
336	138	que	(157) - p. 84				A língua do jornalismo econômico	20 dez. 2004		
339	139	que	(147) - p. 78				Palavras do Natal	27 dez. 2004		
344	140	que	(138) - p. 76	contexto	Jornal do Brasil	Coluna Língua Viva – Dionísio da Silva	A viagem dos magos	03 jan. 2005		
			(143) - p. 77							
			(200) - p. 95							
347	142	que	(118) - p. 68				Onda republicana	17 jan. 2005		

(continuação)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data
348	142	-	(130) - p. 73	contexto, modificado	Jornal do Brasil	Coluna Língua Viva – Dionísio da Silva	Onda republicana	17 jan. 2005
		que	(131) - p. 73	contexto				
361	148	que	(62) - p. 43		Zero Hora	Primeiro Editorial	Ferramenta para a igualdade	20 out. 2004
364	150	que	(69a) - p. 47	modificado			Agenda pós eleitoral	03 nov. 2004
			(69b) - p. 47					
			(122) - p. 69					
368	151	o que	(74) - p. 48	modificado			A qualidade do ensino	10 nov. 2004
			(79) - p. 50					
			(86) - p. 51					
375	154	o que	(47) - p. 34				Rumo à sustentabilidade	01 dez. 2004
392	159	o que	(184) - p. 92				Mundos desiguais	12 jan. 2005
397	161	o que	(165) - p. 87	modificado			Os extremos se aproximam	26 jan. 2005
		-	(173) - p. 89					
404	163	que	(94a) - p. 55	modificado			Visão solidária	09 fev. 2005
			(94b) - p. 55					
			(94c) - p. 55					
			(94d) - p. 55					
405		sobre o qual	(133) - p. 74	contexto				
407		o que	(24) - p. 23		Todos perderam	16 fev. 2005		
			(44) - p. 32					
408	164	que	(95a) - p. 55	modificado				
			(95b) - p. 55					
			(95c) - p. 56					
			(95d) - p. 56					
			(105) - p. 60					

(continuação)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data	
408	164	que	(166) - p. 87		Zero Hora	Primeiro Editorial	Todos perderam	16 fev. 2005	
		-	(174) - p. 89	modificado					
412	166	o que	(82) - p. 51		Zero Hora	Caderno Geral (primeira matéria)	Dúvida jurídica põe em risco a Lei do Abate	20 out. 2004	
			(98) - p. 57	contexto					
413	167	do qual	(139) - p. 76				contexto	Reforma do Capitólio ganha novo projeto	27 out. 2004
			(144) - p. 77						
422	170	que	(101) - p. 58				modificado	Atendimento precário angustia segurados do INSS	17 nov. 2004
			(102) - p. 59						
424	172	para onde	(192) - p. 93					Escola da capital se transforma em projeto social em Alvorada	01 dez. 2004
430	174	que	(196) - p. 95					Greve impede visita às ruínas das Missões	15 dez. 2004
432	175	que	(152) - p. 81	contexto				Ronaldo volta a sonhar	29 dez. 2004
436	177	que	(140) - p. 77				contexto	Abordagem polêmica	12 jan. 2005
			(145) - p. 78						
			(197) - p. 94						
440	180	que	(193) - p. 94			Racionamento afeta mais de 800 mil gaúchos	02 fev. 2005		
442		o que	(75) - p. 48						
			(80) - p. 50	modificado					
			(87) - p. 51	modificado					
			(99) - p. 58	contexto					
450	185	que	(19) - p. 23		Zero Hora	Coluna Cláudia Laitano	Biotônico Fontoura	30 out. 2004	
452	186	que	(141) - p. 77				contexto	Longe e aqui	06 nov. 2004
			(146) - p. 78						
461	189	que	(205) - p. 97					Eu e o Valdomiro	17 nov. 2004
462		que	(205) - p. 97						
467	191	que	(20) - p. 23			Novos velhos	11 dez. 2004		

(conclusão)

OC	T	CR	Usado em	Tipo	Periódico	Seção	Título	Data
477	195	que	(158) - p. 84		Zero Hora	Coluna Cláudia Laitano	Raio X	29 jan. 2005
			(159) - p. 85	contexto				
			(198) - p. 94					
478	196	que	(154) - p. 82				Havaiana de Woodstock	05 fev. 2005
			(155) - p. 82	contexto				

Legenda: OC = Ocorrência; T = Texto; CR = Constituinte relativo.

Fonte: elaborado pelo autor (2017).